

REVISTA DO BRASIL

DIRECTORES: PAULO PRADO E MONTEIRO LOBATO.

REDACTOR-SECRETARIO: JULIO CESAR DA SILVA.

S U M M A R I O

O MOMENTO	M. L.	205
AS DEVOÇÕES DO BANDEI- RANTE	Alcantara Machado	207
A FORMAÇÃO DAS CIDADES	Hilário Freire	220
	Oliveira Vianna	
BORGES DE MEDEIROS	Villar Belmonte	227
FLÔR DO AGRESTE	Mario Sette	232
LE SACY	Charles Lúçifer	239
CANTO DO HOMEM A' MU- LHER	Raniero Nicolai	241
A NEVROSE DO AMOR	A. A. de Covello	247
"O SANEAMENTO DO BRASIL"	Alberto Rangel	249
A MEDICINOPHOBIA DE MO- LIERE	Mucio da Paixão	251
ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS	Arthur Motta ."	268

DIDLORRAPHIA — RESENHA DO MEZ — DEBATES
E PESQUISAS — CURIOSIDADES — AS
CARICATURAS DO MEZ

S. PAULO
MONTEIRO LOBATO & Co. - EDITORES
RUA VICTORIA, 47 - CAIXA, 2-B



Holmberg, Rech S Cia. Ltd.

IMPORTADORES E INDUSTRIAES

RUA LIBERO BADARO', 169

S . P a u l o

Rio de Janeiro, Stockholm, Ham-
burg, New York e Londres.

Papel, materiaes para
construcção, aço, ferro,
Cimento "2 Bandeiras"
e "Bandeira Sueca".

V. S. GOSTA DE LEITURA ?

Peça então o catalogo das edições de Monteiro Lobato & Cia. que, entre outras vantagens, oferece a seguinte :

Quem adquirir um loie de dez obras - receberá duas á escolha, a titulo de bonificação.

Rua Victoria, 47

CAIXA, 2-B

S. PAULO



COMPREM TODOS OS MEZES

O MUNDO LITERARIO

Magnífica e victoriosa revista do movimento cultural no Brasil

Directoras : PEREIRA DA SILVA e THÉO-FILHO

Secretario : AGGRIPINO GRIÉCO

Collaboração dos maiores escriptores brasileiros. Só publica inéditos. Traz a rese-
lha do movimento literário nos paizes europeus e nos estados da União. Cada exemplar
de HO paginas : 2\$000, e 2\$500 no interior.

A Grande Livraria LEITE RIBEIRO

LOTERIA DE S. PAULO

Sexta-feira, 28 de Dezembro de 1923.

2000000\$000

Em tres grandes prêmios, sendo um de
100:000\$000 e dois de 50:000\$000 cada um.

Inteiro 9\$000 — Meio 4\$500 — Fracções \$900

Os Bilhetes já se acham á venda em
toda a parte.

O maior HU000HMO Esportivo

"DICCCIONARIO DO FUTEBOL"

Por GUY-GAY

Diz. "O ESTADO DIC S. PAULO : "Cremos que uSo existe outro melhor trabalho
n > venero em lingua portugueza : estft destinado a ser o companheiro
indispensável (e tol os futebolistas".

»
ILLUSTRADO COM 23 SCHEMAS - 2\$000 PORTE FRANCO

Editores MONTEIRO LOBATO & C. - Rua Victoria, 47 - São Paulo

Ritinha — é o segundo dos livros de Léo Vaz. Não é romance como **O professor Jeremias**. São contos e novellas, em que, com aquele mesmo humour que o consagrou na grey dos humoristas universaes, dá-nos capitulos de adoravel philosophia. Lê-lo é aprender a sorrir.

Preço: 4 # 0 0 0

• • • •

Amando Caiuby, cuja obra - **Sapezaes e Tigueras** - foi a revelação de um contista, acaba de publicar as esperadas **Noites de Plantão**» em que reafirma as suas qualidades. Delegado de policia em S. Paulo, soube aproveitar os casos que lhe foram affectos, fazendo de cada um, um conto em que não se sabe que mais admirar: se o inacreditável do facto, se a maneira original por que o põe em letras de fôrma.

Preço: - Ufc 0 0 0

■ ■ ■ ■

Editores: **Monteiro Lobato 81 Cia.**

Rua Victoria, 47



REVISTA DO

DIRECTORES :

PAULO PRADO

MONTEIRO LOBATO

BRASIL

REDACTOR

SECRETARIO:

JULIO CESAR DA SILVA.

O MOMENTO

SUPPŪNHAMOS que nos vinte estados da federação rebente uma guerra civil, como a do Rio Grande: o Brasil inteiro ficaria confiado pois que o Brasil não passa da somma dessas vinte unidades.

Suppoithamos que nenhum dos presidentes estaduais peça a intervenção federal. Como nenhum pede, o governo central não intervém e o exercito, que substitivamente existe e só se justifica como aparelho de defesa nacional contra a aggressão externa e a desordem interna, assiste, impassivel, á ruim irremediável da nação.

O Brasil perece mas a Constituição vive!

No entanto, as constituições existem e só se justificam como leis assecutorias da vida e felicidade dos povos. Desde o momento em que não preenchem tal fim, perdem a razão de ser. transformam-se de lei vital



em lei funesta cuja revisão se impõe. Ora, a nossa Constituição, provadamente má a muitos respeito, como o demonstra a experiencia de 34 annos, revela-se ainda um perigo para a nação pois que dentro delia é possível a hypothese de ruina que atrás formulamos.

— Essa hypothese é absurda, não se dará nunca, objectarão.

— Convenhamos, para argumentar, que assim seja. Convenhamos que essa hypothese é absurda.

Mas podemos apresentar outra hypothese que nada tem de absurdo e que nem porisso deixa de ser uma hypothese de ruim. Supponhamos que a guerra civil rebente, não em vinte estados, mas em quatro ou cinco apenas, justamente os mais ricos e populosos. Não é hypothese absurda, mas acarretaria a ruina do paiz da mesma nuineira.

Agora, a objecção de que a primeira hypothese é absurda não é argumento a favor de uma lei basica. lista lei ha de ser concebida de forma tal, que não permitta sequer hypotheses absurdas quanto á vida da nação. Se o pernuttc, é lei falha, é lei má, e couraça com pontos vulneráveis e justifica, se não impõe, movimentos armados que intentem reformat-a.

A Constituição de 24 de Fevereiro, se outras fallhas não tivesse, teria essa, a mais grave de todas: PERMITTIR A RUÍNA COMPLETA DO BRASIL, DENTRO DO MAIS ESCRUPULOSO RESPEITO A' LETRA DO ARTIGO SEXTO.

M. L.



AS DEVOÇÕES DO BANDEIRANTE

I

OS tempos em que se processam nos auditórios de S. Paulo de Piratininga os inventários ultimamente divulgados assignalam-se na historia do mundo occidental pela diffusão e aggravação de todas as moléstias do sentimento religioso. Sacudida violentamente por Luthero e Calvino, a humanidade acorda do sonho radioso do Renascimento; e volta ainda uma vez a torturar as almas, santificando-as ou desvairando-as, o problema do destino eterno.

Na península ibérica as "novidades da Allemanha" não conseguem alastrar-se. Mais que as medidas repressivas do Estado, ao protestantismo se oppõem as próprias tendencias intellectuaes e sentimentaes dos povos peninsulares, amorosos de tudo quanto fala á imaginação pelos sentidos, e incapazes de comprehender um culto despido de pompas em templos vassios de imagens. Como esquecer também que lusitanos e hesjianhos acabam de sahir de uma guerra encarniçada de muitos séculos contra inimigos, que o eram, simultaneamente, de sua independencia e de sua religião? Para elles catholicismo e patriotismo são, naquella época, ideas que se não separam.

Mas a reacção desatrelada além dos Pyrineus contra as novas heresias não deixa de exasperar em Portugal o odio ás heresias velhas. Se faltam protestantes, sobram judeus.

Ao começar o século XVI é mais grave do que nunca a situação creada pela presença de duzentos mil hebreus em um territorio como o lusitano, que poderá contar, quando rmiito, um milhão de habitantes. Leiam-se na "Historia dos Christãos Novos Portuguezes" as paginas succulentas, em que J. LUCIO DE AZEVEDO elucida as origens da questão judia. A aversão dos nossos maiores á gente de Israel não vem apenas da divergencia dos credos, envenenada pela recordação do deicidio e exacerbada pela arrogancia que inspira aos povos eleitos a certeza de sua vocação providencial. Infiéis são também os mouros; e, além de in-

fieis, teem nas veias o sangue aborrido daquelles que opprimiram durante setecentos annos a christandade e só depois de sangrenta peleja se deixaram vencer. Vivem, todavia, em relativa segurança. Prova de que outros motivos, além da intolerância religiosa, condemntiam á execução geral os circumcisos. Para explicar o sentimento publico, basta o odioso papel desempenhado pelo judeu na vida economica do paiz. Quanto rancor e malquerença devem provocar esses homens, de avidez proverbial, que mima sociedade pobre, toda ella de lavradores e guerreiros, açambarcam o commercio, exploram a onzena, arrecadam os impostos da coroa e os direitos da Igreja, cobram os fôros e rendas para os senhores da terra, corvejam sobre a miséria alheia, encarnando aos olhos do vulgo a ferocidade do Fisco e a voracidade da Usára! Não é tudo: o instinto obscuro da raça adverte o hispano-romano do perigo que, para o cumprimento de seus destinos, representa aquella gente, de mentalidade tão diversa, tradições tão vivazes e tão difficil assimilação. E' uma colonia estrangeira que estrangeira permanece atravez das gerações, sem integrar-se jamais na população indigena. Bem pode ser que a culpa seja daquelles que os ultrajam, opprimem, segregam ha dois mil annos. Mas o facto é que o judaismo se orgulha de ser simultaneamente uma religião e uma nacionalidade. Assim, não subverte apenas a unidade da fé. Quebranta ainda a unidade nacional.

Para conjurar a ameaça, duas politicas empregam baldadamente os portuguezes: a expulsão e a conversão. Mallogra-se a expulsão, porque ás difficuldades creadas pelo numero considerável dos atingidos, se acrescenta a natural frouxidão com que os soberanos executam uma lei que os empobrece de tantos vassallos. Mais inefficaz ainda, por motivos evidentes, se mostra a conversão imposta pela força e inspirada pelo interesse ou pelo medo. O marrano ou converso continua judeu.

O mal estar produzido pelo fracasso dessas tentativas de integração explode ao menor pretexto em matanças e pilhagens. De sorte que, ao instalar-se de vez em 1547, o Santo Officio vem simplesmente legalizar e systematizar, pela execução e pelo confisco, o que antes se fazia, sem fôrma nem figura de juizo, por decreto summarissimo das multidões, llo pretorio anarchico das ruas. Um progresso, afinal de contas...

II

Não ha lutheranos a combater. Abortada a criação da França Antártica para refugio dos huguenotes de Coligny desaparecem de todo as sementes que porventura tenha deixado a prêgação dos theologos calvinistas, trazidos á Guanabara em 1557 por Bois-le-Comte. Os poucos francezes que ficam na terra, após a debandada, não resistem á acção do meio e voltam a professar o catholicismo. E' instructivo o depoimento de um delles, prestado na Bahia em 1592, perante o visitador do Santo Officio.

Aportuguesando o nome, diz chamar-se Pero de Villa Nova, "francez de nação", natural de Provins, filho d'õ cavalleiro Nicolás de Colheni (Coligny?) e de sua mulher Nicola Simonheta, casado com Lionor Martines de Mendonça, morador em Ceregipe do Conde. Declara ter vindo na frota de três naus, com Bois-le-Comte e "muitos monseores", entre os quaes "Monseor de Bolex" e outros que nomeia. Chegado's ao Rio do Janeiro, "costa deste Brasil, aonde povoaram e não havia ainda... nenhum portuguez", os expedicionários adeptos da Reforma que eram mais numerosos e poderosos que os catholicos, "começaram a espalhar seus

livros lutheranos e semear sua doutrina lutherana, fazendo escolas publicas de sua seita, constringendo e forçando com açoites a todos os mancebos de pouca idade que fossem ás ditas escolas e doutrinas". Ao cabo de onze mezes, o confessante resolveu fugir, e se foi metter com os negros gentios, entre os quaes andou algum tempo, vindo ter afinal a S. Vicente. E' ahi que surge também um dia Jean Cointa, "monsear Polcx", "homem douto nas letras latinas, gregas, hebraicas e mui lid'o na escriptura sagrada". Não sabe sonegar o que sente, e começa "a vomitar a peçonha de suas heresias". Não tarda, porém, que o mandem preso á Bahia, por iniciativa do padre Luis da Gram. Despacham-o a seguir com destino a Lisboa, de onde vae degradado para a índia. Mais ou menos por esse tempo é queimado na Bahia "um francez herege". São casos esporádicos. Mal apparecem e antes que se propague o contágio, acodem pressurosos os jesuítas: "e porque não ha peccado que nesta terra não haja" (da Bahia escreve Manoel da Nóbrega em 1559), "também topei com opiniões lutheranas e com quem as defendesse, porque, já que não tínhamos que fazer com o gentio em lhe tirar suas erronias (jor argumentos, tivéssemos herejes com quem disputar e defender a fé catholica". Mesmo na parte sujeita ao dominio hollandez, o protestantismo não sobrevive á reconquista.

Também a questão judia está muito longe de ter, entre nós, a gravidade com que se apresenta em Portugal. Não é que sejam poucos os marranos. Devem ter affluído, numerosos, com as primeiras levas de colonos, na esperança, justificada pelos factos, de vida mais tranquilla. A metropole parece ver a principio com bons olhos a emigração para o Brasil desses filhos molestos; arrepende-se depois e lhes prohibe a vinda em 1567; mas, afinal, ao termo de dez annos, revoga a prohibição. E' lhes propicio o ambiente. Industriosos, encontram opporlunidades excepcionaes para ganhar dinheiro no commercio e na agricultura. Dentro em pouco estão senhores da maioria dos engenhos de assucar. Acoberta-os uma larga tolerancia. Tão larga que os mais accommodaticios recebem ordens sacras e se apoderam como vigários da maioria das parochias, e os mais pertinazes retornam quasi publicamente ás praticas do mosaismo, a tal ponto que entre os bahianos é corrente o boato da existencia de uma *esnoga* ou *synagoga* em Matoim. Nada mais natural. De uma parte, fallecem aqui as razões de ordem politica e social que tornam insupportaveis á população do reino os adoradores de Adonai. De outra parte, a hostilidade do meio, as tropelias do selvagem, as incursões do inimigo externo, tudo isso obriga á solidariedade em face do perigo os adventícios da mesma origem, christãos velhos de todos os costados e christãos novos, meios e inteiros. Só depois de assenhoreada a terra e normaüsada a vida, turbam de novo as consciências os preconceitos que o instinto de defesa recalcará.

III

Sttccursaes do Santo Officio installaram-se em Goa desde 1569, no México e no Perú por volta de 1569, e em Carthagená das índias ao começar do século XVII (1610). E' estranho que nunca se tenham lembrado de contemplar-nos com igual calamidade. Repugnancia do fisco em repartir com a colonia os bens dos condemnados, carência dos frades necessários ao funcionamento da instituição, maior facilidade de communicação com a metropole do que entre as differentes partes do Brasil, taes os motivos presumíveis que suggere Capistrano de Abreu.



Mas, embora amortecida pela distancia, a actividade do tribunal de Lisboa se faz sentir em nosso meio.

A principio a Inquisição não inspira grande pavor aos vicentistas. Bem conhecidas são as palavras escarninhas daquelle mameluco de S. André, quando ameaçado de responder no juizo terrível por certas praticas suspeitas de gentildade: "Acabarei com a Inquisição a frechadas"... Os factos se incumbem de demonstrar aos descendentes de João Ramalho que a fêra não se deixa matar tão facilmente.

Logo depois de implantado em Portugal, o Santo Officio nomeia seu commissario no Brasil o bispo de S. Salvador, D. Antonio Barreiros. Serve-lhe de assessor o jesuíta Luiz da Gram; e é naturalmente nessa qualidade que, segundo vimos, providencia a prisão de Jean Cointa em S. Vicente. Os poderes do commissario se limitam ao preparo do processo e á remessa dos autos e do indiciado para Lisboa, onde se faz o julgamento.

Não satisfeito com ter essa representação permanente, o Inquisidor Geral despacha de vez em quando um deputado do Santo Officio, a verificar pessoalmente o que vac pelo ultramar. E', na expressão feliz de J. Lucio de Azevedo, uma verdadeira operação policial. O visitor vem armado de plenos poderes para inquirir "contra todas e quaesquer pessoas, assim homens como mulheres, vivos e defuntos, presentes e ausentes, de qualquer estado e condição, prerogativa, preeminencia e dignidade que sejam," isentos e não isentos, visinhos e moradores que se acharem culpados, suspeitos ou infamados no delicto e crime de heresia ou apostasia ou em outro qualquer que pertença ao Santo Officio da Inquisição... e assim contra os fautores, receptadores e defensores delias".

São duas as visitasões "ás partes do Brasil", de que se guarda noticia. Da primeira, levada a effeito em 1591 pelo licenciado Heitor Furtado de Mendonça, "capellão fidalgo d'El-Rei Nosso Senhor e do seu desembargo, deputado do Santo Officio e visitor apostolico em nome de Sua Alteza (o cardeal archiduque Alberto d'Austria, inquisidor geral) nas cousas da santa fé catholica deste bispado do Brasil", os estudiosas teem agora conhecimento abundante, pela edição das "Confissões da Bahia", que devemos ao zelo esclarecido de Paulo Prado. Ao que se collige do volume publicado, só as capitánias do norte são percorridas pelo emissário do tribunal entre 1591 e 1595.

Em 1618 aporta ao Brasil, investido das mesmas funeções, o famoso Marcos Teixeira, que posteriormente (1622) é elevado ao solio episcopal da Bahia. Pouco se conhece desta segunda viagem de inspecção. E' possível que se tenha estendido ás terras da administração do Sul. Em todo o caso, ao simples annuncio da visita, abalam, tomados de medo, para Buenos Aires, os christãos novos que por aqui se encontram.

Alarme infundado. A impressão que se colhe dos documentos divulgados é que da acção dos visitores não resulta grande malefício para a colônia, ou porque sejam poucos e despreziveis os culpados, ou porque sejam brandos os juizes.

Mais tarde, na alvorada do século XVIII, é que se desencadeia a perseguição. Padecem-a sobretudo os moradores do Rio de Janeiro e capitánias visinhas. Contribue para isso a actividade feroz de frei Francisco de São Jeronymo, bispo de S. Sebastião (1702-1721), saudoso daí torturas em que antes se comprazia, como qualificador do Santo Officio em Évora. Contribue também, no depoimento de D. Luiz da Cunha, a cupidez da fazenda real, assanhada pela perspectiva de confiscos fruetuosos; a maioria dos indiciados se compõe de proprietários de engenhos. "Houve anno (são palavras de Varnhagen, II, p. 835 e s.) em que se pren-



deram mais de 160 pessoas, ás vezes familias inteiras, sem excepção das creanças. Nos autos de fé de 1709 em Lisboa appareceram já algumas desgraçadas filhas do Brasil... No anno de 1713... foram 66 os sentenciados, incluindo 39 mulheres". Ha, neste ultimo trecho, um equívoco: os homens são 32 e as mulheres quarenta (J. L. de Azevedo, pag. 333).

Os paulistas contribuem com mais de uma victima para o cárcere e para a fogueira. Dentre os 221 colonos ou naturaes do Brasil, sentenciados em Lisboa no período de 1711 a 1767, são paulistas de nascimento ou de adopção:

— Braz Gomes de Siqueira, "parte de christão novo", nascido em Santos e morador na capitania do Espirito Santo, "convicto, negativo e pertinaz" (auto de fé em 13 de Outubro de 1726);

— Domingos Luiz Leme, de 43 annos, sem officio, nascido em São Paulo e morador na Villa de N. Sra. do Bom Successo, accusado de bigamia (auto de fé em 17 de Junho de 1731);

— Manoel de Mendonça Valladolid, de 37 annos, christão novo, "trattante", nascido em Valladolid, reino de Castella, e morador no sitio de N. Sra. da Penha de França, "convicto, ficto, falso, simulado, diminuto e confitente" (auto de fé em 17 de Junho de 1731).

O primeiro, "pessoa defunta nos cárceres", é "relaxado em estatua"; o ultimo, "relaxado em carne"; do outro não se declara a sentença (Varnhagen, na *Rcv. do hist.* 6.332 e 754).

São factos posteriores á época de que nos vimos occupando. Mas um dos inventários em estudo denuncia que, já em começos do século XVII, a Inquisição corveja sobre a cabeça e a fortuna dos vicentistas.

Provam-o os autos em que se dá conta de toda a fazenda "seiiustrada e botada em inventario de Cornélio de Arzão, flamengo, aqui morador, pelo Santo Officio" (XII, 71).

Trazido por D. Francisco de Souza, também chamado "D. Francisco das Manhas", Cornélio de Arzam veio á capitania com o encargo de edificar os engenhos das minas, mediante o salario de 200 cruzados. Em S. Paulo se fixou e constituiu familia, casando-se com Elvira Rodrigues, filha do capitão-mór Martim Fernandes Tenorio de Aguiar, pessoa nobre da governança da terra. Foi elle o tronco de uma progénie illustre de sertanistas que lhe immortalizaram o nome. Não se sabe o motivo por que se indispoz com os jesuitas. O facto é que o encontramos excomungado e preso em 1628.

A 1.ª de Abril desse anno, "por ordem e mandado do senhor inquisidor Luiz Pires da Veiga" (o mesmo deputado do Santo Officio que em 1626 percorreu como visitador as colonias africanas), o juiz ordinário Francisco de Paiva se transportou ao logar "onde chamam Piratiubae", (*) levando comsigo Manoel Ribeiro, "meirinho da Santa Inquisição" e os tabelliães Simão Borges de Cerqueira e Fernão Rodrigues de Cordova. Era meia noite, mais ou menos, quando chegou a comitiva á "roça e fazenda" do desventurado. O meirinho bateu á porta da casa, dizendo, "da parte da Santa Inquisição", que lh'a abrissem. Obedecida a intimação pela mulher do réo, mandou-lhe o juiz que entregasse as chaves da casa "e de todas as caixas que tivesse". Na manhan seguinte começaram o arrolamento e avaliação dos bens, prestando os avaliadores "o juramento dos Santos Evangelhos sobre a cruz que o meirinho traz no

(*) Na avaliação dos bens deixados por fallecimento de Arzam, a fazenda e o sitio é localisada "junto a Boy, da banda além do rio Jerabaty".

peito, insignia do Santo Officio". Nada escapou ás garras da justiça: duas peças de Guiné, ferramentas de lavoura e de carpintaria, pratos de estanho, pratos e tigelas de louça de Lisboa, retalhos de sarja, de raxeta, de picote, de bertangil, de baeta, de tafeté, de carrequim, de sarjeta de senhor, de bombazina, de paratudo, de panno de algodão, meias velhas, ligas "de tafeté pardo guarnecido com suas pontas", uma saia de mulher "de grisé azul passamanado", vinte e sete grãos de ouro, quatro aljofres, trinta e duas patacas, um esgaravador sobredourado, um relicário, um oculo de Flandres de olhar ao longo que se não avaliou por se não saber o que vale...

Em continuação, foram sequestrados um outro sitio com o seu "moinho de moer trigo moente e corrente", a "ametade do Engenho de Ferro" que "não se avaliou por não haver pessoa que o entenda", as casas da villa, as dividas activas. Constan estas ultimas de um "termo das pessoas que sahiram á excommunhão", isto é, que, para não incorrerem em semelhante pena, accusaram em juizo o que deviam ao preso. Entre esses devedores figuram Bernardo de Quadros e os herdeiros de Belchior da Costa, responsáveis "pelo que se deve a Cornélio de Arzam das obras que fez na Igreja Matriz", como "officiaes da republica que eram no tempo que se arrecadou a finta da dita Igreja".

Com a venda dos bens em hasta publica e a arrecadação das dividas, terminam os autos. Delles não consta, nem os chronistas esclarecem qual o desfecho do processo. Mas é sabido que Arzão foi afinal restituído á liberdade e viveu tempo bastante para juntar novos cabedaes. O inventario effectuado por motivo de sua morte em 1638 demonstrou a existencia de um acervo estimado em 562\$740.

IV

Mais damnosa á religião que as doutrinas hereticas é a vida escandalosa em que chafurdam os sacerdotes exportados da metropole para a America portuguesa.

Dignidades e conegos passam a existência em peccado publico, pregando com o exemplo e com a palavra o direito dos senhores ao corpo das escravas. Não ha violência ou fraude contra os indigenas que lhes mereça condemnação: chamam "cães" aos aborígenes e tratam-os como taes. Comprazem-se em crear as maiores difficuldades á catechese, chegando um delles "communicado do diabo", a levar "o principal de uma aldeia ao seu adversario para fazel-o matar e comer", o que, depois de alguma rehiçtancia, conseguiu, "sem outro proveito... senão que teve não sei que pouca de fazenda".

Simoniacos e libertinos pinta-os o santo Manoel da Nóbrega, em uma de suas cartas (1551), com este grito de horror: "teem mais officio de demonios que de clérigos". As confissões escabrosas do vigário Fructuoso Alvares e do conego Jacome de Queiroz ao primeiro visitador do Santo Officio (1591) relatam que, ainda em fins do século XVI, é deplorável a moralidade do clero bahiano.

De homens dessa fragilidade não ha esperar uma reacção contra a cobiça e a luxuria, peccados especificos das terras novas. A emenda virá dos jesuítas. Porque só elles podem mostrar, como Anchieta, por baixo da roupeta esfarrapada, feita de retalhos de velas nauticas, a carne devastada e emmudecida pelas penitencias. Fortes da autoridade que lhes outorga uma vida intemerata, não attendem nem á qualidade dos pecca-

dores, nem á violência das medicinas. A' porta da casa em que o sacerdote transviado se reúne com a amasia, Nóbrega se põe a bradar, escandalizando e amotinando a povoação inteira, que Jesus está sendo crucificado mais uma vez debaixo daquelle tecto. Outra vez admoesta em público o ouvidor poderoso, responsável pelo descaminho cia mulher de um desgraçado.

V

Arma formidável naquelle tempo era a excommunhão. I>ella se utilisavam a miude como processo rápido e seguro de cobrança. Sirva d> amostra o caso de Benta Dias, "dona viuva", moradora em Parnahyba (Antonio F. de Vasconcellos, VII). Porque não quer ou não pode pagar cincoenta "pesos" de que se intitula credor o frade Manoel Pereira, é excommungada por frei Gaspar Sanches, juiz conservador de S. Anna das Cruscs. Só depois de concertada com o monge, "por via de paz e amizade", consegue ser "absolta". Verdade seja que nem todos se deixam intimidar pela ameaça, ou porque descreiam da efficacia da pena, ou porque preferiam á salvação problemática da alma o goso certo do dinheiro mal havido.

Assim, 110 testamento de João da Costa, ermitão de S. Antonio, se nos deparam estas palavras indignadas: "Declaro que Braz Machado e Francisco Sotil me roubaram a minha madeira que tinha 110 quintal... e que tirei carta de excommunhão, e que nunca sairatr a ella, e outras couçoeriras que deixei em Bituroa... tambem as furtaram, e não saíram a ellas, e se confessam sem pagarem o alheio". Com o correr dos tempos, o^l paulistas vão perdendo o medo ás penas espirituaes. Em Julho de 1633 Antonio Raposo Tavares e outros potentados assaltam o collegio e a igreja do aldeamento de Baruary, expulsam os jesuitas, despejam O\$. moveis e alfaias, apossam-se dos Índios. Os ignacianos conseguem do vigário de Parnahyba uma sentença de excommunhão contra os amotinados. Sabem como estes acolhem o padre Antonio de Marins, que, lla qualidade de escrívão do processo, vae intimal-os da condemnação? Dil-o Azevedo Marques: arrancando-lhe das mãos a sentença e rompêdô-a.

VI

Outro abuso inveterado e largo é o commercio das bulias da Santa Cruzada.

Em nome do Summo Pontifice, "ora na Igreja de Deus presidente", as bulias exortam a christandade a contribuir com esmolos para a "sustentação dos logares de Africa sujeitos á coroa de Portugal", e "a defensão de N. S. Fé contra os Mouros e outros infiéis inimigos delia", promettendo em troco um sem numero de graças. **Variam** de typo e de preço, acotnmodando-se ás preferencias e posses dos compradores. Podem ser, á escolha, de "confissão", de "composição", de "vivos", de "defuntos". Custam, conforme a especie, dois e quatro vinténs, cincoenta reis e tostão.

Da bulia dos defuntos existe um exemplar no inventario de Mathias de Oliveira (VI) e outro no de Antonio Bicudo de Brito (XXVI), genro do capitão-mór Guilherme Pompeu de Almeida. E' admiravel a

segurança com que se affirma ao doador: "e porquanto vós destes meio tostão, fica livre das penas do Purgatorio a Alma, pela qual foi vossa tenção dar dita esmola". Que poder tem naquelle tempo meio tostão!... Mas o mais extraordinário é que, sob pena de nullidade, a assignatura do comprador ha de constar do documento: "não o levando, nem escrevendo nelle o seu nome, não lhe valerá". De onde se conclue que as portas do paraíso se conservam fechadas até a verificação dessa formalidade tabellioa...

Não menos curiosa, a de composição, também constante dos autos precitados. Consiste a sua virtude em forrar os que possuem certos bens alheios á obrigação de restituil-os. Mediante o pagamento de uma taxa proporcional ao montante da divida, taxa variavel de um a dois tostões por fracção de 5\$000, fica o peccador autorizado a reter, "em boa fê e consciência, como cousa sua já legitimamente adquirida", aquillo que lhe não pertence. Nem todos os peccados contra o septimo mandamento são passíveis de composição em dinheiro com a justiça divina. O favor alcança "os fruetos dos beneficios ecclesiasticos mal recebidos por defeito de não resar as Horas Canônicas, ou mal havidos por censuras e penas; a ametade de todos os legados feitos cm*descargo de cousas mal levadas e adquiridas", quando os legatarios sejam negligentes por um anno na cobrança delles; os legados feitos a pessoas que, procuradas, se não encontrem; "quaesquer bens mal havidos, levados ou adquiridos por onzena, ou por qualquer outro modo illicito, por qualquer fôrma, officio ou trato", se não fôr possível restituil-os aos prejudicados, "como muitas vezes acontece nas cousas que se acham, se lhe não sabe proprio dono, e nos que dão damno com seus gados, ou andando á caça, e não lhe pode constar a quem, e nos que vendem a muitos por falsos pesos, ou medidas, ou cousas falsificadas, ou misturadas, e não podem restituir ás mesmas pessoas a que defraudaram".

Do "summario" deve constar, em principio, o nome do peccador; mas, não desejando ser nomeado, tem o adquirente o recurso de escrever simplesmente "Fuão, por letra d« mão".

O consumo de bulias deve ser considerável. No espolio de Manoel Fernandes Sardinha (VIII), que, segundo parece, negociava o artigo, se arrecadam quatrocentas e noventa e duas.

Os testadores teem o cuidado de munir-se, para a ultima viagem, desses poderosos salvoconductos.

Fernando de Camargo (XXIII) determina a compra de uma dúzia das de composição, "por algum damno que faria o seu gentio a alguém, e as suas creações a algum visinho, e de que não é sabedor". Com duas SÚ contenta Catharina Dorta (XXIII). Antonio Bicudo de Brito (XXVI) manda que lhe tomem "a mór cautela" vinte e cinco, embora não se lembre de haver-se locupletado com "alguma cousa mal levada, salvo por não saber", no tempo em que "teve seu trato nesta villa".

Dahi se vê que o homem não tinha vocação para o commercio. Andou com acerto em mudar de profissão.

VII

De quanto são crentes e devotos os christãos daquela época, ha documentos abundantes no capitulo em que estudámos ao bem da alma c ás disposições - funerarias. A primeira de que se faz menção nos autos divulgados, é a de N. Sra. do Rosario. Deixa-lhe Isabel Felix (I), em



1596, uma novilha de anno. As da Santa Misericórdia, S. Miguel, S. Antonio e Santíssimo Sacramento são nomeadas desde 1599 por Isabel Fernandes de Abreu (I). Allusões posteriores apparecem ás de S. Sebastião, S. Amaro, S. João Baptista, S. Francisco, N. Sra. da Piedade, Descendimento da Cruz, Fieis de Deus, Onze Mil Virgens, S. Paulo, S. Catharina, S. Braz, Todos os Santos, N. Sra. da Apresentação, S. José, S. Pedro, N. Sra. da Boa Morte, S. Benedicto, Almas, Santos Passos, N. Sra. de Montserrat, N. Sra. da Conceição, e outras.

Mais de um testamento se refere á ermida de Guarê, Guaré ou Gua-repe, que fundada por Domingos Luiz, o carvoeiro (1603), depois se converte no Recolhimento de Nossa Senhora da Luz. Entre os ermitões aquinhoados com esmolos se encontram Manoel de Atougua e Antonio João.

Além dessa ermida, outra existe, a de S. Antonio. Ahi se refugia João da Costa, o velho (XII), malquistado com a familia e desgostoso do mundo: "Enterrem-me em esta ermida de S. Antonio, já que me puz aqui, em sua casa, para o-servir, e fiz este corredor com licença do padre vigário... e havendo, depois de morto, alguma pessoa honrada, pobre, que o queira servir ao Santo em lhe varrer sua casa, pois essa foi minha tenção, dê-lh'o em sua vida com esta condição... pois os mordomos têm tão pouca devoção de ter cuidado e lhe varrer a casa, que se passava de anno e não ia nenhum varrel-a; que por isso o deixo para limpeza da igreja"...

João da Costa consagra humildemente os seus últimos dias ao asseio da casa do Santo. Outros tomam sobre si encargos mais vistosos. No requerimento em que Anna Ribeiro de Almeida e José de Gomes Moraes pedem dispensa para o casamento, por serem primos, allegam os nubentes que cada um de seus antepassados, capitão-mór Guilherme Pompeu de Almeida, Dr. Guilherme Pompeu de Almeida, D. Anna de Proença e capitão Pedro Paes de Barros, edificou á sua custa uma igreja.

Não são muitos os que podem arcar com despesa tamanha. Mas ninguém deixa de contribuir, no limite de suas posses, para o adorno e o patrimonio dos santuarios.

Das devoções antigas a única sobrevivente, com a mesma popularidade, é a do Senhor Bom Jesus de Iguapé. Sebastião Paes de Barros (XVII) confessa dever-lhe a quantia relativamente avultada de 47\$500, "que se lhe pagará em panno de algodão".

Outras, muito vehementes e vulgares na época dos inventários coloniaes, se foram arrefecendo aos poucos e saíram da moda; o que demonstra que tão passageiras como as glorias deste mundo são as do outro, afinal de contas.

Quasi todos os testadores deixam uma referencia carinhosa a N. Sra. da Conceição de Itanhaem ou Tanhae ou Itanhae. Este incumbe o testamenteiro de fazer-lhe uma romaria (Maria Baptista, XII); aquelle "por serviço de Deus e resguardo de sua consciência", manda entregar uma toalha para o altar-mor (Anna Maria Rodrigues, XXIII), ou "um lenço em guarda" (Antónia de Chaves, XVIII), ou "cera quanto pesar uma criança de anno" (Diogo Machusa, III).

Objecto de veneração unanime é também a N. Sra. da Conceição dos Maromenis, Marmemis, Guaramemis ou Guarumemins. Parece tratar-se da padroeira de uma aldeia sita para os lados de S. Sebastião, em terras habitadas pelos indios Maromimis (Simão de Vasconcellos e Frei Gaspar) ou Muira-momis (Theodoro Sampaio). Pertence-lhe uma vacca preta, legada por Antonio Rodrigues (XI). Luiz Folgado (VII), Catharina de Medeiros (VIII), Maria Bicudo (VIII) lhe devem missas e romarias.



De N. S. de Maruhy, também mencionada a meude nos testamentos, ninguém fala hoje em dia. Sirva isso de consolo ás Onze Mil Virgens, que andam igualmente esquecidas. Grande, no emtanto, é a sua população nos tempos coloniaes. Arrolando as reliquias existentes nos collegios e casas da Companhia, Anchieta menciona seis cabeças, encastoadas em prata, das companhias de S. Úrsula,... "que tudo é grande consolo para os desta terra, de casa e de fóra".

VI

Varias são as dádivas com endereço a N. Sra. dos Pinheiros. E' de imaginar-se o alvoroço produzido pela noticia do attentado sacrilego de que foi theatro, por volta de 1614, a igreja daquela aldeia. O caso vem summariado na acrimoniosa representação que em 1642 os paulistas enviaram ao "catholico, benigno e invictissimo Rei e Senhor", para justificar a expulsão dos jesuítas levada a effeito no anno anterior. "Por ordem de um índio a que obedeciam e tinham por santo", alguns indigenas "se foram á igreja da aldeia dos Pinheiros, onde o dito índio se creou". "Ali chegados, accometteram o templo e decapitaram a imagem de Maria. Por uma extravagancia de que só os doidos e os selvagens são capazes, o cabeça do motim "se poz a si o nome de mãe de Deus".

Não custa muito rastrear no caso um daquelles episodios da vida religiosa do gentio, conhecidos pelo nome de "caramoinhaga", que, em vulgar, significa "santidade".

De tempos a tempos se espalhava na aldeia a noticia da chegada próxima do "caraiba". Era um feiticeiro ou vidente, que vinha de longe, a fazer prophecias e prodígios. Ao annuncio da visita, os moradores limpavam os caminhos e preparavam-se para a festa. No mulherio a aproximação do caraiba produzia este effeito singular: davam a correr "de duas em duas pelas casas, dizendo publicamente as faltas que fizeram a seus maridos umas ás outras, pedindo perdão delias". Porque? Talvez porque preferissem confessar deste logo os peccados, que lhes pesavam na consciência, a serem denunciadas e confundidas pelo feiticeiro, para quem o passado e o futuro não tinham segredos.

Recebido com choros e dansas á moda gentílica, o recémvindo escolhia para a celebração das cerimoniaes rituaes um aposento bem sombrio e com o seu "maracá" se installava na parte mais conveniente. Consistia numa cabaça toda ornamentada, a simular grosseiramente a figura humana.

Utilizando-se de suas habilidades de ventriloquo, para convencer oí circumstantes de que era a cabaça que falava, o feiticeiro começava em falsete a prégar a boa nova. Para governar os homens a receita é sempre a mesma: lisongear-lhes os appetites e as paixões. Aos olhos do inco'a imprevidente e madraço a felicidade estava na suppressão de todas as canceiras. Pois bem: aproximava-se o tempo (dizia o pregador) em que as enxadas se poriam sosinhas a trabalhar a terra, as frechas iriam por si mesmas em perseguição da caça, e, nascidos sem esforço humano, os mantimentos correriam espontaneamente a encher os celleiros. As velhas encarquilhadas voltariam a ser moças e bellas. Os guerreiros teriam victorias fáceis, com grande copia de captivos. Que não tivessem receio dos brancos: todos elles estavam prestes a transformar-se em animaes de penna e pêlo, para alimento da tribu. E ai dos incrédulos! Ali estava o caraiba, para transmudal-os, quando lhe aprouvesse, em paus e pedras, em passaros e bichos do matto. Era tão grande o seu poder que



exterminava de um golpe a lagarta das roças e fazia bailar o engenho e o senhor com elle. Havia na assistência quem desejasse adquirir a "santidade", o espirito divino, virtude que o feiticeiro encarnara? Nada mais fácil: elle podia communicar-a aos fieis, "com o depennar e assoprar". Quer isso dizer, talvez, que o thaumaturgo da matta virgem se punha a fumar o *petum*, herva santa ou tabaco, atirando baforadas de fumo ao rosto dos aspirantes. Depennados e assoprados, os homens começavam a suar e tremer desabaladamente, enquanto as mulheres, mais sensíveis, rolavam por terra, em convulsões, "escumando pelas boccas".

Durava a pregação dias e mezes, e, com cila, as dansas e os banquetes regados a cauin.

Assim era no tempo das cartãs de Nóbrega e das informações de Anchieta. Mas, em breve, o authropismo indígena se foi enfeitando de arremedos do catholicismo, em troca das superstições com que ia enriquecendo a crendice dos colonos.

Dessa deformação progressiva dão testemunho o episodio de Pinheiros, e aquelle, mais significativo, succedido na Bahia por volta de 1586 e noticiado minudentemente nas confissões da Primeira Visitação.

Quem inicia o movimento não é mais um dos velhos caraibas incultos, que guardavam em toda a sua pureza as crenças primitivas da gente brasílica. Em S. Paulo o impulso vem de um índio creado na própria aldeia de N. Sra. dos Pinheiros, sob a direcção dos jesuítas; na Bahia nasce de outro, chamado Antonio, educado também "em casa dos padres da Companhia de Jesus, no tempo em que elles tinham aldeias em Tinharé, capitania de Ilhéas".

Antonio se internou um dia no sertão, municiado do que aprendera no commercio com os portuguezes e na frequentação das igrejas. Assim preparado, não tardou a remoçar a "Santidade" tradicional, com o enxerto de algumas cerimonias da liturgia catholica nas praticas da feitiçaria indígena.

Desta aproveitou o nome. Aproveitou igualmente a ideia central, annunciando o advento proximo de uma idade de ouro, em que reinariam a abundancia e a preguiça e os brancos [passariam de senhores a escravos.

Mas do ritual primitivo só conservou as fumigações: "defumavam-se (relata uma testemunha) com fumos da erva que chamam erva santa, e bebiam o dito fumo até que cahiam bêbados com elle, dizendo que com aquelle fumo lhes entrava o espirito da santidade".

O mais era uma simples caricatura boçal do catholicismo. Antonio intitulara-se Deus e Senhor do Mundo, e sua mulher Mãe de Deus. Entre os sequases havia um Jesus, uma Santa Maria, e santos e santas a rodo, além de vigários, confrarias e ministros "que ensinavam a doutrina". Baptisavam os neóphitos: "com duas candeias accesas, com um prato d'agua. bensendo-a, lançam-lh'a pela cabeça". Um delles recebeu 110 baptismo o nome de Pae Jesu Pocu, ou, em vulgar, Senhor Jesus Comprido... Serviam-se de contas para as suas orações, empregando nas resas e ladainhas, á mingua de latim, "certa linguagem por elles inventada". Adoravam um idolo de pedra, "figura de animal, que nem demonstrava ser homem, nem passaro, nem peixe, nem bicho, mas era como chimera". Além das capellas que levantavam, munidas de altares, pias de agua benta, tocheiros e sacristias, contrafaziam os cruseiros, mettendo cruses em "montes de pedra, e ao pé delias para todas as partes em redondo riscavam no chão uns riscos".



Em torno de Antonio se juntou rapidamente uma verdadeira multidão de índios pagãos e baptisados, íorros e captivos. Despovoaram-se as roças. A "erronia ou abusão" chegou a contaminar os colonos, e, entre elles, Fernão Cabral de Tayde, poderoso senhor de engenhos, que por dois mezes deu abrigo aos fanaticos em sua fazenda de Jáguaripe do Reconcavo. A mulher de Fernão explicava ingenuamente o motivo' por que se deixara impressionar: "tinha para si e dizia que não podia ser aquillo demonio senão alguma cousa santa de Deus, pois traziam cruces de que o demonio foge, e pois faziam grandes reverencias ás cruces, e traziam contas, e nomeavam Santa Maria".

Afinal o governo da colonia resolveu dizimar a ferro e fogo os sequases de Antonio.

Passados trezentos annos, a Santidade resurge, com outro nome, em Canudos, no Joazeiro, em Itararé, no Contestado. E' a mesma vesania epidemica de fundo religioso, a atacar a mesma gente, com os mesmos symptomas e o mesmo desenlace.

Frei Manoel, Antonio Conselheiro e todos os outros messias tragi-comicos do sertão brasileiro não passam de avatares daquelle indio boçal, que fanaticava a escravaria vermelha e abalava a consciencia dos proprios colonos setecentistas. Os caboclos que tudo abandonam para acompanhal-os de pouso em pouso, contagiados de sua loucura, e se batem heroicamente contra os batalhões mandados para dispersal-os, reencarnam a alma do aborigene, de que descendem, indomável e ingênua, resistente aos soffrimentos, apaixonada pela vida aventureosa e vagabunda, impavida em face dos homens, cheia de sustos em face do desconhecido. Os tres séculos decorridos não modificaram siquer a fórmula ou conteúdo do delirio colectivo: na vasa das superstições e credices fermentam aspirações de ordem social. Aos devotos que o cercavam, sahidos da raça espoliada, Antonio promettia que, dentro em pouco, invertidos os papeis, os brancos passariam de senhores a escravos. O caraiba de agora fala a um auditorio analogo, de sertanejos miseráveis e incultos, escravos da ignorancia e da moléstia, espinhados e perseguidos pelos chefetes do interior; e aponta-lhes como causa única de tantas privações e iniquidades a cólera de Deus, provocada pela impiedade dos republicanos, que, estabelecendo o casamento civil e secularisando os cemiterios, sobrepuzeram sobre as leis divinas "a lei do cão". Os considerandos são falsos; mas a conclusão está certa e a sentença é justa. Porque, afinal, o grande culpado de quanto padecem as populações ruraes é o governo central que os abandona e segrega, negando-lhes remedio, instrucção e justiça.

Com leves differenças de substancia e de fôrma, a "erronia e abusão" do século XVII continua a ser a religião do caboclo do século XX. Parece fabricada de accordo com uma daquellas receitas allucinantes da feitiçaria medieva, em que entravam os elementos mais nobres e as cousas mais imundas, o ouro e o excremento, a hóstia consagrada e a carniça dos enforcados. Em suas crenças o sertanejo é tão mestiço como em sua constituição physica. Reflecte as concepções religiosas das tres raças de que provém: o mysticismo do branco, o fetichismo do negro, as superstições do bugre. Imagine-se um santuario em que Jesus e a Virgem se acotovelam e aconfradam com sacys e orisás... Nada mais logico, afinal, que esse disparate. Só as creaturas de mentalidade superior se contentam com abstracções. A grande maioria dos homens sente a necessidade instintiva de materialisar o objecto de seu culto: é incapaz de conceber divindades que' não sejam tangiveis e concretas. No sertanejo essa tendencia universal

e eterna se agrava pela acção do atavismo e da ignorancia. Dizem-o e julga-se catholico. De facto é fetichista. Transmuda as imagens devotas em idolos. As próprias orações, redul-as a escripto, para transfigural-as em fetiches. Até um caso de zoolatria se nos depara na chronica religiosa do Joazeiro, com o zebu do Padre Cicero, enfeitado de guirlandas votivas, beijado nos cascos e na giba pelos romeiros, sucedaneo gecatatú do boi Apis... Como esses caboclos estão proximos de seus antepassados bahianos, adoradores do manipaço de pedra, "nem homem, nem peixe, nem passaro, nem bicho"!

O espantoso é que, para combater endemia tão velha e de etiologia tão sabida, a therapeutica official continue a empregar as mesinhas violentas e estúpidas do empirismo colonial: a baioneta e a bala. Paremos aqui. Depois das paginas definitivas de "Os Sertões", tudo quanto se escreva será desbotada paraphrase da sentença implacavel que, com o coração despedaçado, Euclides da Cunha teve a coragem de vasar no bronze contra seus irmãos.

ALCANTARA MACHADO.





A FORMAÇÃO DAS CIDADES

Todos nós já quebramos a cabeça, em creança, com o brinquedo conhecido pelo nome de "jogo de paciência", o "puzle" dos ingleses. Ti' uma serie de quadradinhos que, dispostos de maneira certa, formam unta paisagem ou um quadro de genero. Mas para que formem esse quadro é mister acertal-os sem erro de um só.

A obra de Oliveira Vianna dá-nos essa impressão. A nossa formação como povo, a nossa historia, era uma seris de quadradinhos baralhados. Viamol-a sempre às parcelas. sem visão integrada do quadro geral. O primeiro que conseguiu formar com taes parcelas o quadro certo da nossa paisagem histórica, foi Oliveira Vianna. D'ahi a importancia capital de sua obra e a influencia crescenic que cila está exercendo na mentalidade brasileira. Aclarou-se o chãos, apprehendemos as leis da nossa formação e podemos hoje tudo compreliender claramente.

Esse trecho de discurso que abaixo publicamos é uma prova disso. Hilário Freire, um dos mais lúcidos violinistas que possuímos hoje, justificando na Camara Paulista um projecto de creação de comarcas, expõe o como da formação das nossas cidades, e fas sociologia pura.

O bom alumno recebeu a aprovação do mestre. A carta que Oliveira Vianna lhe endereçou suggestivamente o demonstra.

Nada nos admira, sr. presidente, o quadro, hoje commum, dessa explosão de cidades vigorosas e vivazes. São simples pormenores do espectáculo majestoso, que pasma cada vez mais a nossa visão, dessa gigantesca vaga economica que alaga S. Paulo, deste S. Paulo, que, como disse, com justeza e lealdade, o deputado



Godofredo Maciel, num primoroso discurso proferido em 1921, na Camara Federal, "sempre foi na historia do Brasil, e tomara Deus nunca jamais o deixe de ser, o indice fiel, honesto e honroso da capacidade realizadora da nossa raça."

E qual tem sido o processo de formação social das cidades paulistas contemporâneas? por que, com a mediocridade de antanho, contrasta o esplendor de hoje nesses organismos evoluídos? Quaes são os factores operativos da sua apathia, ou da sua pujança, através dos tempos?

E' uma maxima da sabedoria antiga — *acquac condunt urbs* — as aguas fundam cidades. No primeiro e no segundo séculos brasileiros, esse aphorismo está comprovado nesses coágulos brancos de povoações praieiras e littoraneas que nascem sobre as aguas do mar, e nesses ganglionamentos que os primitivos colonisadores estabelecem á orilha de nossos rios, sobretudo nos valies do Parahyba e do Tietê. A esse tempo, os rios são a base privilegiada da producção e da circulação de nossa riqueza, porque são os roteiros forçados para a temeridade e para o arrojo das entradas no sertão.

São também o nosso fundamento social, porque sobre as suas orlas se esboçam e se debruam os primeiros contornos do povoamento. E, sem duvida, útil e excellente obra fará o historiador que tome para uma monographia essa linda these sobre a tirnicção social dos rios no Brasil.

O século immediato entrega essa missão social e economica dos rios aos centros mineradores. Não mais os rios agglomeram os homens. São as minas e catas, o diamante, o ouro, as pedrarias, longe dos cursos caudalosos, que agglomeram os arraiaes e as villas.

Mais tarde, vem o cyclo historico da repressão administrativa, em que as necessidades fiscaes da metropole, para arrecadar os quintos de ouro e as colheitas de diamantes, domando a rebeldia dos potentados e vergando-os ao jugo do poder, constituem o critério occasional e preponderante para as novas divisões judicarias e administrativas e para a criação e remodelação das capellas, villas, cidades, iermos, comarcas e capitancias.

Depois da independencia, passam as cidades a ser uma peça accessoria da instituição do latifúndio. Esmagando-as, subjugando-as, actua compressivamente a acção simplificadora dos grandes domínios, definida magistralmente pelo genial Oliveira Vianna, nas suas "Populações Meridionaes do Brasil".

As cidades, então, nascem e vivem secundariamente das conveniências pessoaes, econômicas ou politicas, dos preconceitos, munificencias ou sentimentos religiosos dos magnatas. As grandes fazendas do Império gosam de uma verdadeira soberania econo-



mica, dentro do seu isolamento, como um Estado em miniatura. Essas vastas propriedades têm a sua sociedade própria, a sua população, o seu território, a sua indústria própria, o seu commercio proprio, o seu transporte proprio, com as suas tropas viajéras.

E, meus senhores, como bem observa o mesmo autor, Oliveira Vianna, nesse periodo, "os nossos núcleos urbanos do interior rural nada valem como mercados. Habitados por uma população escassa e pobre, têm uma clientela restricta... O dominio fazendeiro, com a sua organização escravagista, por um lado, por outro, com¹ a sua plena independencia"... "mediocrisa as cidades, as vilas, as aldeias e as despovoa e atrophia".

Vegetação rasteira, ao pé da arvore frondejante do latifúndio, a cidade arrasta em nossa historia pesadamente a sua inferioridade, durante todo o tempo em que a nossa estructura economica repousava sobre o grande senhor, o feitor e o captivo.

Mas, com a extinção do trafego africano, com a libertação dos nascituros, com a alforria dos sexagenários, essa construcção do trabalho, excessivamente rigida, mas abalada, peça por peça, de pouco em pouco, pela força incoercível e cada vez maior da interdependencia do mundo, havia de estalar, necessariamente, na abolição.

Estalou, e a nossa renovação começa com o regimen do locatariato. Essa colonagem, carregada pela immigração, foi, em grande parte, uma fatalidade imposta pela expansão da cultura cafeeira. porque essa cultura solicita um operariado numeroso e compacto.

Essa expansão exigia cada vez mais braços. Cada vez mais se reduzia o braço servil. Si a abolição não fundisse, de um só jacto legislativo, as cadeias do captivo, a latitude cultural do café as dissoldaria naturalmente, inevitavelmente, irresistivelmente.

De facto, por esse tempo, as virtudes e as necessidades de uma alimentação de poupança, estimulante e nutriente, rica de energias, de sabor e de aroma, impõem o cafeismo á hygiene e á physiologia do mundo, no momento em que o mundo tem fome, em que os seus nervos desfallecem, em que as populações do velho continente, esmagadas pela miséria do salario, enchem a taça da vida nacional que translwrda para o exterior o excesso de suas migrações.

Os continentes exigem café dos mercados. Os mercados batem á porta das terras cafeeiras. Tanto para o immigrante, como para o café, São Paulo soluciona o problema, com a admiravel capacidade do seu solo e com a amena plasticidade de seu clima, associadas ao caminho de ferro, que vinga as charnecas do Cubatão, e, galgando a muralha da Paranapiacaba, arremete para o coração



de nossa explanada rural. Processa-se, então, uma transformação radical no nosso ambiente social agrario. Outrora, o fazendeiro alimentava, vestia, tutelava integralmente o escravo, despersonalizado e aprisionado dentro de seus dominios. Agora, o colono tem a sua economia ao lado da economia do seu patrão. Providencia, como bem entende, para satisfazer os seus hábitos, as suas aspirações, os seus sonhos de fortuna.

Ao lado do salario fixo, pelo trato do café, ha a faculdade de outras plantações. E é o colono quem entrega directamente ao commercio esses outros grangeios da terra. Planta, colhe e vende por sua própria conta.

Além disso, esses trabalhadores, livres, colonos, parceiros ou empreiteiros, voltam-se instinctivamente para o núcleo urbano proximo, onde vão ao registo civil inscrever o nascimento de sua prole, onde casam os seus filhos, onde enterram os seus mortos, onde buscam o correio para corresponder-se com a patria distante, onde compram nos armazéns as peças do trabalho, onde adquirem o trigo para o pão caseiro, Onde se supprem directamente de calçados, de pannos de vestir e de receitas medicas, e onde assistem á missa dominical para satisfazer, com seus deveres religiosos, essa attracção eterna e divina de nossa existência moral. Por essa fôrma, as massas ruraes rompem a inércia anterior e começam a agitar-se para si mesmas.

Este regimen crêa e amplia o commercio e outras instituições de interesse colectivo, na localidade, para attender a essa exigencia íla nova ordem de cousas.

Nascem, assim, os povoados, em torno de um gânglio de fazendas. Como não ha mais immensas distancias a render com as tropas, porque a estação ferrea é próxima, o colono, som suas ambições, com sua economia, com seus productos, toma da terra o que é seu, e vai ao agglomerado vizinho implantar o organismo social do commercio, que rebenta, renasce, exuberava. E a cidade principia a crescer.

Concomitantemente, pela mutilação do systema latifundiário, que, lenta e gradualmente, se desassocia, o grande fazendeiro passa a habitar as cidades e converte-se, dess'arte, para nosso mal, em um poderoso factor de urbanização.

Empallidecido o fascínio da vida nas fazendas, deslocado de seu antigo meio, diminuído no deslumbramento de seu prestigio dentro de suas propriedades, o patriciado rural absorve-se nas profissões liberaes e na burocracia, deserta em grande parte da lavoura, desvia-se e vai animar as cidades, velhas ou novas, do interior, e, sobretudo, as capitaes, de um impulso até então desconhecido em nossa historia social.



E' incalculável a repercussão desse phenomeno, não só nos destinos econcxmitos, como nos destinos políticos do paiz. Esses destinos, nos quatro primeiros séculos de nossa nacionalidade, se elaboraram nos processos plácidos e profundos de nossos latifúndios agrícolas e pastoris, onde floresce o escól das classes dirigentes. No quinto século, os antigos norteadores da existeneia nacional mergulham, submergem e quasi totalmente desaparecem dentro das massiças agglomerações urbanas. E os nossos destinos entram a vacillar sobre o tumulto das cidades, sobre a anarchia da mentalidade urbana que destróe a disciplina secular da mentalidade agraria. E as cidades irrompem, dotadas de novo vigor e de uma nova opulência, graças á acção convergente do café, da immigração e das vias de ferro.

Morreram, afinal, os typos sociaes clássicos do senhor, do feitor e do captivo, substituidos pelo proprietário, pelo administrador e pelo colono. Quando o elemento servil tira dos hombros o fardo do latifúndio e o latifúndio se esborôa, mobilizam-se, com rapidez, as aptidões da terra dividida e aproveitada.

A terra chama o homem. Vem o proletário independente, conduzido pela locomotiva, Oll, presto, adeante delia. Chega e arrancha. Dahi, as densas levas do colonato, da parceria, ou da empreitada, e as culturas com suas messes, saturando o trafego das estações, creando o atropelo das villas, nellas installando os industriaes com suas fabricas e officinas, os negociantes com seu balcão, e reclamando os municipios com suas câmaras e as comarcas com seus juizes.

Tudo é vertiginoso na incontentabilidade dessa fome de crescimento de São Paulo. Braços, capitaes, iniciativas, tudo São Paulo absorve e devora, nada o sacia. Mal se crêa, o districto policial exige o seu cartorio de paz, o cartorio exige a sua camara, a camara exige a toga de seu magistrado.

Como Mattão e Pederneiras, por toda parte, ha dezenas e dezenas dos mesmos episodios, méros aspectos particulares dentro do phenomeno geral dessa projecção maravilhosa, geradora de uma massa excepcional de direitos regionaes, cuja coexistência attráe inevitavelmente o poder judiciário e requer a presença de um órgão protector localizado no seu seio.

Nossa obra legislativa, no Congresso de São Paulo, não tem sido, em substancia, sinão o registo anmial dessa cadencia do nosso povoamento e desse compasso de nossa prosperidade.

Revolve-se o sttb-solo de nossas cidades, de formação republicana, no territorio paulista. Por baixo dos alicerces de seus edificios públicos, de seus sumptuosos palacetes, de seus estabelecimentos de assistência social, de seus templos, majestosos, ou humildes, ou dos casebres de seus subúrbios — iremos en-



contrar as raizes de nossos cafezaes, a bôrra de carvão da locomotiva, a enxada do trabalho livre e as sementes da federação.

Resgou-se o manto esmeraldino da floresta primitiva, mas a energia das selvas não se destruiu. Transmodelou-se. Quanto perdeu em virgindade de uma flora intacta, tanto ganhou em fecundidade e sublimidade materna.

Assim, sr. presidente, a terra cafeeira, fragmentada e fecundada pela cultura do ouro vegetal, é a nutriz de nossas cidades, a mãe da civilização paulista contemporânea.

E o nosso café, nas eras de hoje, adejando sobre a enchente verde, é um symbolo, como o do caçador de Esmeraldas nas epopéas do sertanismo. Delle se pôde dizer, como de Fernão Dias Paes Leme: "plantador de cidades, dentro do coração da Patria viverás!"

Eis a carta de Oliveira Vianna:

Meu illustre Collega Sr. Dr. Hilário Freire.

O seu discurso no Congresso Estadual encerra uma synthese magnifica sobre o genese das cidades paulistas.

Li-o com o prazer duplo de quem lê uma pagina de bella eloquencia, sadiamente pensada. O estudo dos factores, que estão elaborando a urbanisação dos sertões paulistas, fel-o o meu brilhante collega com o mais seguro senso de sociologo, consciente das nossas realidades e das directrizes da nossa evolução.

Eu já havia lido, também a esse respeito, algumas paginas admiraveis, que, sob o titulo *A Geada*, vem publicando o *Estado de São Paulo*; e o contexto da sua bella oração completou-me o juizo sobre o grande milagre paulista dos nossos dias: a conquista do sertão, a fundação da riqueza agrícola sobre bases modernas, a germinação e a consolidação dos núcleos urbanos no interior, a repetição, emfim, em escala mais limitada, mas muito mais suggestiva, das façanhas do grande cyclo do ouro.

Pelos dados que me dá no seu discurso, o que S. Paulo está organisando é o regimen do "pequeno urbanismo", em contraposição ao "grande urbanismo", que é o que está dominando, cada vez mais, a economia social do Estado do Rio. Nos povos como o nosso, a grande urbanisação, a acção magnética das grandes "cidades tentaculares", é uma calamidade — e o meu Estado tem, na acção centripeta do grande centro carioca, a causa principal da sua decadencia.

Mas o seu grande Estado, libertando-se miraculosamente dos males da grande urbanisação, multiplica pelo interior rural os centros vivazes de organisação urbana — e isto será para elle uma causa permanente de vitalidade e grandeza.

Esses pequenos centros urbanos, providos, como estão, de todas as condições de civilisação e conforto, serão excellentes campos de fixação dos elementos aristocráticos e eugenicos da massa social — e isto é para as zonas do interior uma condição essencial de progresso.

Um dos grandes problemas nossos da actualidade está precisamente em saber como deslocar esses elementos da nossa elite para os centros urbanos do interior: porque, carreados para alli, a sua projecção ulterior para as zonas puramente ruraes é cousa que vem por si mesma, por simples jogo de mecanica social. Os paulistas, com a sua actividade, o seu senso economico, a sua ambição de largo vôo, o seu velho instincto rural, estão resolvendo o grande problema de uma maneira surprehendente: e é justamente por isto que ninguém está, com mais attenção e interesse do que eu, acompanhando o desdobrar da moderna orientação economica e social de São Paulo.

Junte-se a essa expansão social e economica, aquilio que falta á expansão do cyclo do ouro: a organisação politica, o aparelhamento administrativo, acompanhando, no mesmo compasso, a expansão social — e comprehender-se-á a maravilhosa perspectiva que nos abre o actual movimento paulista para o sertão, <e o que ha de solido e indestructivel nessa "cammunhão paulista", a que, entre tantas condições de grandeza, não falta a de possuir legisladores 'de talento, cheios do espirito do seu tempo e nutridos das realidades vivas da sua terra e do seu povo.

Creia-me sempre o 'seu admirador devotado e collega affectuoso

OLIVEIRA VIANNA





BORGES DE MEDEIROS

i

TARADO, não! solerte, sim! Não um dictador, sim uni ébrio de mando: porque aquelle "patriciado rural das fazendas" estudado por Oliveira Vianna gerou no Brasil esse mandarinato de nova especie nas repartições publicas — o burocratismo ou a ocblocracia — sua resultante. Borges, Seabras, Acciolys, Maltas e Nerys não são excepções no paiz de norte a sul: antes derivativos naturaes da falta de eleições, que nos veio da monarchia. O olygarcha do sul (como os do norte) não é propriamente um caso de psychiatria: ao contrario, uma forma commum de burocratismo inferior; dessas em que o funcionario se neutralisa na iunecção, apassivando-se, despersonalizando-se... Hypertrophiou-se mi poder, sem ideia e sem vontade, apenas amparado pela turba que lhe vive á ilharga e fortalecido pela cumplicidade criminosa dos governos federaes do Supremo Tribunal! E' um neurasthenisado pela funecção, pelo automatismo mecânico da secretaria fofa e papelosa. A burocracia modorrenta e poderosa plasmou-lhe o feitio moral: nada faz e nada quer que façam; O mais leve alvitre, a ponderação mais respeitosa assume aos olhos pardos e frios de S. Exa., as proporções da insinuação maldosa. "Os srs. pensam que pensam, mas quem pensa aqui sou eu!" disse elle, certa vez, a um coronel que o retrucara. Melgarejo e Rosas foram phenomenos pathologicos, "monstros, que no dizer de Vargas Vila, pertencem a la Historia, pero a la historia natural", mas Borges e os outros olygarchas de provincia no Brasil são consequência da excessiva somnia de attribuições politicas e administrativas de uma Constituição Federal louca — mescla do mais desmembrado parlamentarismo federalista com o mais accentuado presidencialismo unitário, norteamericano. Essa xyphagia constitucional nossa — transacção capciosa das antigas politicas conservadora e liberal — já está produzindo os seus fruetos nefastos: as reeleições immoraes, no Rio Grande, na Bahia, em Santa Catharina... E a todas essas descura a União e resomna o Supremo Tribunal. A nobre funecção de governar o Estado pas-

sou a ser syndicato não de partidos, mas de grupos, cuja condição é "jurar fidelidade ao cônsul" trabalhando o menos possível para o interesse commum ou da collectividade. A função social se inferiorizou assim a ponto de nivelar-se ao mister ordinário de ganha pão publico. O funcionario anquilosado, cm meio a papelada confusa e sem sentido, modorra, com pesadelos de prepotencia... Restos evanescentes do aristocratismo ancestrai: horror ao trabalho (apanagio do escravo) ambição de dominio (simulação de fidalgo) e outras manifestações da desordem economica e social brasileira. Borges em nada se differencia do velho Director de Secretaria: é feroz, se lhe apontam falhas, mas affabilissimo si lh'as justificam. Trabalha muito, dorme pouco e não faz nada. Accomodaticio e vulgar — tem gestos sacerdotaes de Pacheco... E' pontual no ir a palacio, assignar officios, ruminar mensagens, e dizer que a receita arrecadada excede á orçada. Não tem feitos nem obras: é hierático, medido, impassivel: fala de vagar, accentuando as palavras com repetidos movimentos de cabeça, conservando porém os olhos fixos. Dolicocephalo, tem porém a fronte deprimida. Olhos claros, grandes, magnéticos; gestos curvos; dedos e mãos quadrados; calligraphia normal e orelhas verticaes, sem serem grandes. O queixo se lhe insinua leve, sem deixar traço forte de energia muscular ou volitiva. Anthropologicamente — é typo digestivo-respiratorio. Onde talvez a sua resistencia pulmonar á insidiosa moléstia que tem victimado os seus irmãos. Descende de um bahiano juiz de direito com uma camponeza rio grandense. Qual a sua virtude maxima? Ser pobre e não hypothecar um pedaço do Rio Grande? Não; ser um grande perdoador do adversario e admirador das artes. Dir-sc-ia uma miniatura caricata de Pedro II. De economia e finanças, nada; de poesia e astronomia, tudo! Mas o sr. Borges não vive no tempo do trabalho escravo... Pobre homem, longe de ser um *coiidottiere*, é antes uma engalanada victima da própria situação. Filho de magistrado fez-se magistrado dos 24 aos 30 annos; morto inesperadamente Julio de Castilhos, assume a chefia geral por mais astuto e maneiroso. Presidente, em 20 annos, só elaborou tres leis... eleitoraes. Mas dictador não é, porque não persegue e até procura não infringir as suas leis... Tampouco é um politiqueiro, porque embora com todos os poderes na mão, usa, mas não abusa delles. Salva as apparencias como o sapateiro de Braga: "ou todos comemos nesta mesa de parceria ou haja moralidade nesta casa!" Mas S. Exc.^a não come: é doente, não tem filhos e que ambições pode ter? Contenta-se com ouvir os seus amigos comerem. E' um innocente prazer esse! Encham a barriga pessoal, dirá elle, mas não carreguem ás costas, não! haja moralidade e zaz-traz porrete! Accusado um sr. Cel. de grande desfalque na Penitenciaria, porque por um descuido não se fez sacramentalmente a coisa, até' seus bens foram ameaçados de confisco. Outro, Prefeito em São Sebastião do Cahy, por ignorante, foi denunciado e até hoje soffre as agruras do homisio em Corrientes. Mas ha no fundo de tudo isso uma característica de valor no sr. Borges: não é a apregoada honestidade administrativa, mas aquella tolerancia para com todos, sejam inimigos, aggressores, ou os proprios indesejáveis. Chegamos, ás vezes, a pensar ((ue elle seja um anjo dentro de uma redoma de vidro de augmento e transformado em monstro aos nossos olhos. Os régulos do norte são' insensiveis aos assassinatos politicos; o Presidente perpetuo — não: o Rio Grande conhece o ruidoso processo do archimillionario Janeiro Chagas, o desaforamento do processo contra os politicos Vargas, de São Borja, e a liberdade accusatoria da viuva Dr. Nicanor Penha, de Bagé. S. Exc.^a não exerce compressão politica: obra por ardil, não vexa para dominar.



amima para desthronar. Ao contrario de todo tyranno. A sua acção nefasta, elle a irradia, inconsciente do mal, sem talvez o dolo intencional. O "Estado não é tutor de ninguém", responde elle a uma commissão da senhoras que lhe foi pedir providencias contra a jogatina e a libertinagem nas ruas. Doutra feita, disse sentenciosamente num discurso: "o máximo de felicidade de um povo consiste no máximo de liberdade gozada por esse mesmo povo". "A tolerancia é a mais bella das virtudes civicas", etc. (Discurso oral, em palacio (1913), recebendo o governo de Carlos Barbosa). E as liberdades cada vez mais se derramavam por todo o Estado: das profissões, das verrinas, dos cabarets, do lenocínio, do jogo do bicho, etc., etc.

O rabelismo culminou, e inundou a medicina, o direito, a engenharia, tudo. Os indesejáveis, os jogatineiros, os expertalhões acharam campo vasto e se embandeiraram aos quatro ventos... — Agua e cxgottos nas cidades?! Não! fica para as gerações futuras, que não devem ser oneradas. "Conservar melhorando" é a regra suprema. — Estrada de ferro de Porto Alegre a Torres ou para as praias?!... E' luxo; não temos as lagoas navegaveis? — E até hoje nem jortos, nem viação, nem navegação! — Escolas Normaes?!... Que fanatismo! que anarchia mental! o Estado não reconhece diplomas nem privilégios, não ha doutores nem professores. Hygiene?!... Para que? "O microbio é metaphysica da medicina official", a vaccina — uma abstracção, um attentado a liberdade individual. — Empréstimos?! nunca! é dissipação. E para que essa sinecura de Inspectorias Escolares?! Não temos os Chefes políticos locaes? Não temos os Prefeitos municipaes para Delegados de Policia? O mais é não "viver ás claras" e não ter "o amor por principio, a ordem por base e o progresso por fim" O juiz municipal não precisa saber processo nem ser formado. Que massada essa de competências e jurisdicções! O "Estado modelo" não carece dessas coisas... Castilhos para vencer a revolução federalista organisou ferreamente o Estado com a intenção de, restabelecida a paz, reformar a Constituição, (como se infere do proprio texto), e dahi o seu accentuado sabor autocratico. Passado, porém, o periodo anormal, fallece inesperadamente o Patriarcha; e a União, operando contra a revolta da Armada alastrada até ás coxilhas riograndenses, deu aso ao moço Presidente; Borges se afasta, por isso, das correntes politicas de seu Estado e se faz em seguida reeleger, inveterando-se no crime de falsear J regimen. Em 1908, por occasião da pretendida trieleição, Alcides Maia funda o "Jornal do Estado" para oppor ao nome do regulo a candidatura do eminente Fernando Abbott. Borges transige e apresenta o nome conciliatorio de Carlos Barbosa — cgualmente medico notável e com as mesmas credenciaes illustres da Propaganda. Com o governo desse homem Porto Alegre alvoreceu: caes, quartéis da Brigada, palacio do Governo, Bibliotheca Publica, Monumento Castilhos, Archivo Publico, Instituto Pasteur, parallelepipedos nas ruas, tudo obra do ex-Presidente ameaçado de deposição trez annos depois!... Pouco a pouco foram cessando as construcções, rescindiram-se contractos e findo o mandato, a bem dizer triennial, Borges assume o poder para não mais deixal-o/ abroquelado na celebre lei eleitoral vulcanica 165 de 1913.

Esta lei supprimiu as urnas, o livro de chamadas, as listas de assignaturas, substituindo tudo por uma chamada lista autentica... que não sai das pastas dos escrivães districtaes. Cada districto tem sua mesa eleitoral e todos os eleitores podem indistinctamente votar em qualquer delias!! Além disso, veda o reconhecimento da identidade do portador do titulo mesmo sendo "notoriamente fallecido ou ausente"... Para qual-



quer protesto ou impugnação não ha recurso judiciário para os tribunales, mas para a junta apuradora, simplesmente!! O Presidente do Rio Grande, durante vinte annos, não contrahiu um empréstimo, mas como disse Paulo Pestana "nada devendo externamente, tudo deve internamente, ao seu contribuinte, por quem nada fez até hoje."

Instigado por Epitácio Pessoa, a custo resolve encampar as obras da Barra e a Viação Ferrea. Será um malvado? Não, antes um fanatico com a vertigem dos ouropéis, sonhando irrerealidades. Borges não conhece uma só cidade do seu Estado; vaticanisou-se no palacio e apenas serve de muralha a que veem morrer os ecos das eternas disputas e reclamações locais, sempre proteladas.

Não estará desempenhando esse homem um determinismo historico? Quem poderá dizer de sua acção centralisadora, concentrando os surtos do grande Estado que por suas condições geographicas e geologicas deverá ser o primeiro da Federação? No tempo de Napoleão, no bloqueio continental, o Rio Grande até o trigo exportava para a Europa; e ha vinte annos atraz era o celloiro do Brasil... E hoje, que é dás energias gaúchas outrora florescentes? Levaram-nas a guerra do Paraguay e a revolução de 93? Ou se refazem para desdobramentos maiores? Teria um outro que não Borges restaurado as forças productoras, a paz politica e o progresso social, nesse período, rasgando estradas e abrindo escolas efficientes? ou seria absorvido pelos elementos anarchicos que sossobram á premar suja e salsuginosa das revoluções? Seja como for, as populações riograndenses mereciam melhor sorte. Nós os gaúchos somos a vanguarda: cessado o movimento revolucionário federalista, competia ao governo central para ali de preferencia voltar os olhos tutelares em recompensa aos sacrificios que fizemos pela integridade territorial e estabilidade das instituições. Estados como S. Paulo e Rio Grande — os únicos que pesam na balança do commercio exterior — não devem nem podem ser abandonados ás próprias forças. Delles depende o resto todo do paiz. Quem mandou a União encher o Rio Grande de batalhões em 20 annos, com commandantes e Inspectores de Região nomeados a dedo do sr. Borges? Quem não sabe que as nomeações federaes continuam a ser feitas pela politicagem dos Estados? Em Porto Alegre, Borges de Medeiros é tudo: alfandega, delegacia fiscal, commando da região militar, justiça federal, etc. Em tal caso, difficilmente um mortal se escaparia á paranóia do rrandonismo. Não obstante, o regulo não se transforma em déspota. Senhor de todos os poderes — hospícios, santa casa, fabricas, empresas de bonde e bancos, clero, irmandades, todas as forças sociaes ponderáveis, enlaçadas em vinte annos de, olygarchia — não tem comtudo o sr. Borges exorbitado o seu personalismo açambarcador, ou posto em jogo toda a engrenagem a seu alcance. Basta-lhe a capacidade de acção ou possibilidade de mando. Não é um mau na sua accepção mais euphemica: contenta-se com ser obedecido. Em nada se parece com Pinheiro Machado, na franqueza e altivez dos gestos, nem com Rivadavia Correia no espirito de systematisação, de que tanto se blasona. E' a incarnação do antigo capitão-mór complacente, ou melhor, do rico proprietário rotineiro... "E' bom, mas não serve: é caro; faz bem, mas não quero: custa muito", etc. Não tem ideal apreciavel. Manter-se no poder? mas com que fim? Sobrou-lhe, certa vez, não pequena extensão de campo em sua fazenda; e que fez elle? Mandou medil-a e demarcal-a; annunciou e a entregou ao dominio publico até que o legitimo dono apparecesse. Como S. Exc." ainda morasse em casa alugada, os seus amigos politicos lhe offertaram um palacete. Pois bem; não lhes acceitou a nua propriedade, apenas o usufructo.



Quando Alberto I da Bélgica, no começo da guerra o agraciou com as insígnias da ordem de S. Leopoldo, recebeu-as das mãos de Paul Claudel, com estas palavras: "Não para mim, por vedal-o a lei de meu paiz, mas acceito-as para o Estado e determino se guardem em palacio ou no Museu Estadual". Estes factos mostram <que estamos diante de uma figura bem singular, ou fanatico ou comico. Em qualquer das hypotheses, entretanto, urge seja a sua personalidade melhor estudada. E' o que faremos em artigos subseqentes.

VILLAR BELMONTE





FLOR DO AGRESTE

NÃO era de ha poucos dias que o Antonio Manuel andava macambúzio, sereno, imaginando...

A' bocca das noites, ao envez de taramellar no mocombo do compadre Salviano, quedava-se na rede estirado, cachimbando, sem dar mostras de vida.

— Te esconjuro! Jnté parece defunto! — resmungava sinhá Toinha, companheira de Antonio Manuel, vinte annos já inteirados.

Elie rosnava e recahia na abstracção até á hora de se inetter no girão para o somno.

Durante os dias, nos roçados, que era da antiga animação? O anno vinha sendo chovido, o pasto esmeraldado, a terra cheirosa, os umbuzeiros floridos como nunca, o gado manteúdo e contente, e só elle naquella tristeza, plantando com má vontade, negligente no encoivarar uma varzea fecunda "que nem porca parideira".

Sempre de estomago embrulhado... A's creanças maltratava por corrigil-as de trélas imaginarias; ao Yoyosinho, já de 14 annos, sua ajuda na faina agrícola, dava gritos extemporâneos, e até com Mocinha, os "seus olhos", rapariga feita, até com ella mostrava asperesas, tinha cara torcida-

Em casa todos viviam a temel-o, estiando conversas mal o avistavam, enxada ao hombro, de retorno do eito.

Mas uma tarde Antonio Manuel, vindo da feira, desembuxou:

— A gente vae fazê viage.



— Viage? — arriscou a mulher.

— Inhóra sim. Tá quá cumo tou dizendo. E de menhãsi-
nha.

— P'ra que sitio, são Antonio Manué?

— Quando nós topá cum elle, seus oio vê.

Sinhá Toinha emmudeceu, diante do tom autoritario do amasio. E não houve mais pormenores, apenas imperativamente a recommendação de se guardar segredo para todos. Partiriam antes do alvorecer, carregando tão só o necessário. Na alma da amasia de Antonio Manuel rorejou a suspeita dalguma "arte" commettida pelo homem, fugindo agora á policia. Todos obedeceram.

As creanças, na inconstância da idade, viam na viagem o ineditismo, o prazer ambulatório. Yoyosinho pouco se lhe dava estar aqui como acolá. Aos 14 annos todos os horisontes acenam seclucções. Somente Mocinha melancholizou-se: ia para onde? Para muito longe, por certo, e deixaria o Lula, o filho da sinhAnna, lavadeira, seu namorado de ha tempo.

Entardecendo, como de costume, ella foi ao fundo do sitio onde tornejava o corrego buscar agua para fazer o café da ceia. Duma cerca de avelozes surdiu o rapaz. Não abafou o segredo:

— Vamos viajar, Lula.

O moço olhou-a de fito:

— E p'ra que canto?

Stingou os hombros, estirou o beijo, num ar de ignorancia:

— Sei láü

Confiou ao namorado a deliberação paterna, o mysterio do destino, a duvida do regresso. Lula enfiava os olhos no céu, absorto. Mocinha despertou-o:

— Si você fosse mais eu. ..

— E minha mãe?! Havéra de deixar a pobre assim peiada?! — acudiu de prbmpto o rapaz como quem já estava a pensar na mesma cousa.

Calou-se a rapariga, vencida, convindo em ser uma malvadez o Lula abandonar a mãe paralytica.

Na hora do apartarem-se, para sempre, talvez, elle encheu-lhe a bilha na corrente alva do corrego e beijaram-se demoradamente, acariciadamente, com esses beijos que captivam para sempre as creaturas, que se amam, pelas almas e pelos corpos...



II

Muito antes de clarear estavam de jornada.

Iam montadas nos burros as duas mulheres e nos caçuás as creanças. A pé, tangendo os animaes, Antonio Manuel e Yoyosinho.

Com as chuvas o sertão era uma coberta verde. As serras hirtas semelhavam reposteiros nas barras do céu, e o firmamento tomava tom polido de louça de ágatha azulada.

Caminharam seis dias, com estadias em ranchos para repouso. Por fim, uma tardinha, avistaram na sombra do crepúsculo duas torres côr de ferrugem, parecendo uma igreja.

— F/ alli — apontou Antonio Manuel, recuperando a antiga contenteza.

— Naquelle alto?

— Sim. Farta um taquinho de caminho, muié.

Rodeavam abrupta serra, vingavam derradeiros lanços aciliosos, e quando na chã encontravam gente que os saudava com gestos exquisites, com attitudes grotescamente mysticas. Raros casebres derredor. Ao fundo as duas torres que eram apenas duas altanadas pedras, fronteiras, uma delias toda brilhante, lantejoulada, como salpintada de prata.

— A Pedra Bonita! Ajoelha, minha gente.

Apeiando-se todos dobraram os joelhos. Em torno movia-se multidão. Homens, mulheres, meninos... E foi, então, que Antonio Manuel explicou á familia o fito da jornada, o "segredo" que só podia ser desvendado dentro do "arraial santo". Aquella pedra brilhante era encantada e com penitencias, préces, sacrificios havia de desenfeitiçar-se, apparecendo D. Sebastião, um rei de Portugal que numa batalha subira para o céu... Quando tal se realisasse, achar-se-ia debaixo do penhasco cousa nunca vista de ouro, de pedrarias, de riquezas, fazendo-se a partilha entre os fieis. Soubera dessa historia um dia na feira pelo João Seraphim, e, desde então, nunca mais dormira direito, matutando em ir também, ávido de enriquecer, de largar o diabo do trabalho, de lidar com as seccas, de ser "lorde"...

A companheira, ignorante, supersticiosa, poz-se também de cubiça e, predisposta ao sobrenatural, começou a ver em tudo signaes da próxima fortuna.

Aboletaram-se num mocambo com outra familia. Na mesma noite assistiram ás rezas, aos cânticos bizarros, ás danças lascivas, mescla macabra de berros, umbigadas, esgares que precediam sempre mais lúbricas scenas da noite a dentro.



João Ferreira, o "rei", fazia predicas do alto da plataforma de granito. E frei Simão, matuto ardiloso, realisava casamentos de repariguinhas donzellas com os homens da seita, reservando-se, porem, ao "soberano" as noites nupciaes.

Fanatisado, Antonio Manuel apresentara-se ao "rei", confienciando-lhe suas intenções, seu fervor religioso, sua solidariedade.

Alguns dias correram. A menina soltara-se pelas redondezas, á cata de umbus, escapos da disciplina domestica. Yovosinho, adolescente, encontrava na frouxidão de costumes ambiente fiara as suas conquistas da idade...

Mocinha é que definhava. Chorava nos cantos, coração fechado, adivinhando cousas ruins. O seu recato sensibilizava-se diante daquella promiscuidade cheirando a peccado. Mal punha pés fóra do mocambo o faro dos homens embaciava-lhe a pureza. K ella que se promettera somente ao Lula, a quem déra a primicia do seu amor, retrahia-se como sensitiva dos campos em face daquelles olhares cupidos, viscosos, aggressivos.

Simple e bonita, com essa boniteza meio acida das flores agrestes, foi cubçada no arraial.

E cahiu no agrado do "rei". Casal-a-ia, jjensou elle, com o Piné, seu secretario, de accordo com o rito da seita...

Antonio Manuel, ouvido a proposito, exultou de alegria. Sogro do Piné era ter melhor quinhão na partilha do thesouro. Que galardão! Esfregava as mãos, antevia moedas de ouro até no cahir da noite...

Mas Mocinha espavorida recusou. Nunca! Nunca! Porem o pae ameaçara-a de morte, de maldição. E deu-lhe um dia para resolver.

Escondida no girão, ella mordida os dedos, puxava os cabelos, parecia doida...

III

Na manhã seguinte o "rei" produzira forte e empolgante predica: "D. Sebastião achava-se desolado com os seus fieis. Tardava o momento do desencanto por tibesa de fê dos seus amigos. Até rebeldias! Uma repariga teimava em se não casar com o Piné e uma mulher negara o sangue do filho recém-nascido para lavar a Pedra Bonita! Não sabiam todos que morrer allí era resuscitar depois feliz e rico?

Um velho sertanejo, crédulo e resoluto, tomou o filho único nos braços, levou-o á base da pedra onde um pardavasco, com afiado facão, decepou a cabeça da creança, esguichando-lhe o



sangue. E logo outros paes imitaram-no. O sangue escorria por um pequeno vallo riscado pelas chuvas.

Antonio Manuel e Sinhá Toinha trouxeram, á força, os três filhos menores, entregando-os ao sacrificio, máo grado os esperneios, os gritos, os choros das victimas. E o gume do cutello ia seccionando os debeis pescoços.

Agora, já os homens e as mulheres offereciam-se á matança, cegos de fanatismo. Sinhá Toinha foi uma das pessoas desvai-radas.

Yoyosinho, astucioso e previdente, escapara por haver se mettido nas catingas e arribado do arraial, com o que Antonio Manuel se enfureceu, praguejando, amaldiçoando-o.

A sangueira durou o dia inteiro.

O sol baixando tinha faixas menos rubras que as do sangue que banhara, tepidamente, o sopé da Pedra Bonita...

IV

Tres dias mais a mortandade proseguiu, sem se realizar o desencanto.

Entre os sobreviventes accentuou-se a desconfiança de que somente o casamento de Mocinha com o Piné provocaria o milagre afortunado.

Antonio Manuel tomou feítio de decisão. Ou Mocinha acceitava o marido ou iria para o facão.

Forte que fosse o sentimento do amor na rapariga, maior era o instinto de conservação. Demais, as provações moraes, os jejuns, os quadros terríveis circumdantes, a destruição de parte da sua família, tudo collaborara no arrefecimento da sua energia. Andava meio maluca. Ouvia, por toda a parte, os gritos dos irmãosinhos na hora da morte, via o sangue materno escorrer pelo chão... Tentou fugir, mas num atalho vigias do "rei" trouxeram-na de novo as mocambo.

Tinha de se casar... Era o geito.

Mais morta que viva, levaram-na afinal ao altar da cerimonia nupcial. O acto consistia num longo beijo dado entre os cônjuges, passando depois a noiva á residencia do "rei", para as primicias do amor...

Tão airosa ainda Mocinha surgiu que fez aticar um frêmito de paixão nos homens. Pedro Antonio, um dos graúdos da seita, mameluco ardego, intelligente, quiz ludibriar a João Ferreira, ao "rei" e, num "sermão" sagaz, unctuoso, declarou haver sonhado com D. Sebastião; o monarcha estava prestes a desencantar-se na Lagoa Azul, ali próxima, exigindo, porem, ainda dois sacri-

fícios — o casamento de Mocinha não com o Piné mas com elle, Pedro Antonio, e o sangue do "rei".

A multidão fremiu, entusiasta. O thesouro ia apparecer nas aguas da lagoa. Era afinal a riqueza, o ouro, os brilhantes! E atirou-se contra João Ferreira que tentava evadir-se. Trouxeram-no ao pé da Pedra Bonita, curvaram-lhe a cabeça, descobriram-lhe bem a nuca morena e o facão abateu rápido...

Logo depois Pedro Antonio dava o beijo de núpcias na bocca de Mocinha.

V

Naquelle dia de sol quente uma força volante estacou na estrada defronte do casebre de Lula.

Soldados, em alto, pediram agua.

— Para onde vosmecês se botam?

— Para a Pedra Bonita, móde acabar com a sangueira.

— Oxente! Tem barulho lá em riba?

— Nos mundos de Villa Bella. Um tal de João Ferreira está matando mulher, velho, menino em penca...

— Que é que vosmecê tá contando!

— De verdade, seu moço. E ainda faz mais: casa as moças donzellas com os homens da seita delle, mas porem o tal do João Ferreira é quem fica com as noivas...

O coração de Lula bateu em sobresalto. Mocinha fôra embora ha um bando de tempo, nunca mais tivera novas delia. Quem sabe? Hein? Aquella historia do soldado... Talvez o Antonio Manuel tivesse ido também para a Pedra Bonita... E a sua Mocinha? Que sorte lhe coubera? Morta? Com outro?...

Emquanto os soldados descansavam á beira do corrego, Lula sentado na soleira de casa, matutava, enrolando um cigarro entre os dedos. A imagem da rapariga vinha-lhe nitida á lembrança, graciosa, feiticeira; sentia o saibo dos derradeiros beijos permutados; ardia-lhe o sangue venusto nas veias...

De súbito, ergueu-se, tomou o clavinote dentro do mocambo, bateu a tramella da porta e, como já não tivesse ninguém no mundo, depois da morte da mãe, Lula acompanhou a tropa, em demanda dos bandidos.

Quatro dias de jornada, quasi sem altas.

Atravessavam uma capoeira, avistavam já joazeiros ramalhudos que precediam a subida para a Pedra Bonita quando os soldados enfrentaram os fanaticos que desciam, tangidos por Pedro Antonio, caminho da Lagoa Azul.



Tiros de mosquetões e de clavinotes. Travou-se a peleja. Os fanaticos atiravam-se tresloucados contra os soldados. Facas de ponta faiscantes, pedradas, cacetes, dentadas, tudo servia aos combatentes. Até as mulheres se arremessavam cantando ladainhas... Morria gente muita entre os supersticiosos figada pelos tiros.

Serenando a pugna, a força volante dominou os sobreviventes. O commandante obsteu revide inútil. Protegeu os prisioneiros, mandou-os para a cidade, com escoltas.

Em meio dos feridos graves, sob as ramas duma baraúna, Lula vislumbrou um corpo de mulher, de borco, gemendo. Tinha as vestes alinhadas, a attitude calma de quem fôra derrubada sem estar combatendo. Approximou-se. O sangue escorria lentamente do pescoço... Virou-a,' cauteloso, de dorso.

— Mocinha!

— Você aqui, Lula!

E com voz meio apagada:

— Eu vou morrer...

Agonizava quasi. A bala rompera-lhe a carótida. Os olhos abriam-se a custo, o rosto amarellecia, as mãos esfriavam.

O rapaz, acurvado, irresoluto, pasmo, mirava-a em silencio, numa expressão de pena e de desespero.

Ella, num extremo lampejo das pupillas claras, desbotadas, percebeu-lhe a grande magua de perdel-a, a immensa tortura do amor impossível, dos beijos para sempre estiados e, transparentando a alma cheia de angostura e de pejo, sussurrou em extrema confissão:

— Lula, eu já não prestava para você...

MARIO SETTE.

NOTA DO AUTOR. — A matança da Pedra Bonita é um episodio historico. (Antonio Attico de Sousa Leite — Rev. do Inst. A. de Pernambuco).





LE SACY

("La Pense Latine", a excelente revista de literatura, de musica e de teatro, órgão de acção do Theatro d'Arte Livre, tem publicado ultimamente uns versos do sr. Charles Lucifer, um dos poetas mais originaes da moderna geração francesa, "Ballades Brésiliennes" é o titulo geral da collecção, c nella se encontram composições encantadoras. B' do numero de Agosto do anno corrente que transcrevemos esta poesia).

*Il n'a plus qu'un seul pied, et haut d'une coudée,
ce gnome noir des bois et des carrefours hantés,
aux yeux de jade et aux lèvres d'amarante.
Son corps est bien celui d'un crapaud nouveau-né,
qui s'est développé sans en perdre la forme.
Son esprit enfanté à un soir de sabbat
par le cerveau d'une sorcière hallucinée
eut reçu le baptême au bras d'un loup-garou
au bénitier fangeux d'un étang plein de vase,
ou couvaient des vipères endormies.*

*Son foyer depuis tout temps c'est la bruyère inhabitée;
et son métier de poursuivre sur les routes
les cavalcades nocturnes des fermiers superstitieux.*

*Et c'est en vain de fuir ses pas pressentis d'un côté,
car c'est devant le chevalier qui l'a appelé d'une pensée
que le sacy se pose au tournant du chemin.*



Il lui suffit d'un sifflement, perçant et redoutable,
et le cheval se cambre, et l'homme s'épouvante.
Alors, devant sa proie, interloquée, sur la route,
le négrillon, faisant des gestes et des grimaces,
de sa jambe élastique, en ronde, aux cris de joie,
il joue la danse affreuse de la fascination.
Ensuite, le sacy, en, resserrant de plus en plus,
le cercle noir de ses sautilllements,
se jette d'un bond sur la croupe du cheval,
blotti contre le dos du chevalier fou d'impuissance,
jusqu'à ce que la bête, en déblayant, le mors aux dents,
s'enfonce en course, au grand galop, dans les bois,
d'où jamais nul n'entendra nouvelle de quelq'un.

Cependant, les vieux donneurs de bons conseils
avertissent toujours les voyageurs inexpérimentés
du seul moyen de n'être dupe d'un sacy.
Et c'est ainsi, dit-on, que la sorcière
qui l'enfanta un jour, dans la forêt,
l'ite l'a jamais appris le signe de la croix.

Alors, quand un paysan, dans un tournant de route,
se trouve aux prises avec le gnome maudit,
il lui fait voir tout simplement, de ses deux doigts,
la vertu efficace
du signe de la croix sur l'ombre exorcisée,
qui s'enfuira vers les entrailles de la nuit,
à la vue du prodige symbolique,
tout en poussant des hurlements pleins de douleur et d'épou-
Ivante.

Et pour cela, dans tous les carrefours de la contrée,
les voyageurs inavertis rencontrent à chaque pas,
à conjurer l'apparition du démon des chemins,
de vieilles croix en bois, dont les bras vermoulus
attestent de tout temps aux cœurs craintifs des muletiers
l'avis sage et prudent des vieux donneurs de bons conseils.

Charles LUCIFER





CANTO DO HOMEM À MULHER

E S T E é o meu canto, o canto do Homem,

O' tu que te sentiste nos braços da primavera quando o meu vagido desesperado irrompeu do teu bramido de mãe;

E inclinaste um cacho de essencias doces para que nelle eu sellasse a sêde e me ofereceste uma rôsea tepidez para aprender a sonhar!

O' tu que vieste ao meu encontro pelo caminho solitário e tiveste receio de não possuir dons, quando, ao contrario, tinhas o teu dulcíssimo regaço:

E quando te beijei fechaste as palpebras e, quando as levantaste, ficaste commigo embriagada de effluvios dentro de uma dissolvida moita de rosas!

O' tu que me acompanhaste pela estrada recta dos sulcos embaulando uma nossa esperança com a voz leve da Ave:

E me ajudaste depois a torcer na amassadeira a meada do pão trabalhado e a doural-a para as manhãs iminentes!

O' mãe minha, ó promessa minha, ó esposa minha, escuta!

Este é o meu canto, o canto do Homem!



EU adoro a luz que bemdiz os meus olhos e fal-os attentos ao milagre da vida;

Que eu te siga, ó sol, até ao fim de cada tua viagem quotidiana, glorificado pelos diademas dos teus poentes, assim como fui beijado pelas grinaldas das tuas auroras.

Mas também amo a treva que me fecha nas suas leves colchas de almofada e su--surra aos meus ouvidos os sonhos esquecidos;

Que eu possa, ó lua, nos teus profundos silêncios, aprender os segredos das fortes meditações, contra as tuas estrellas com as alegrias das minhas phantasias.

E então tendo concluído a minha obra e pelo trabalho lúcido dos dias e pelo repouso alegre das noites,

Poderei leval-a a ti, ó Mulher, perfeita e duradoura, para que tu, que és treva e luz, a acolhas e a tenhas sob a guarda das tuas mãos.

MULHER, tu és a amphora profunda que desejas ser enchida por mim:

Mas queres que a essência do meu canto transborde de ti para que o Homem ahi se dessedente e se torne ébrio de viver.

O' tu que foste nó de gemina e depois cálix de flores, como sabes ser vaso de cada bem á minha intensa cobiça.

Trouxeste o peso do mundo nos flancos mas estás erecta como uma haste de espiga: quantos ricos grãos pródigas sempre e quanta belleza te cinge.

Tens a primavera diffundida no regaço e és fresca como se fosses tecida de folhas:

Quantos ninhos sustidos pelos teus braços cantam e quantos cachos de uva se enloirecem sobre as tuas fontes.

E então presta attenção ao meu canto, ó fiel, ó pura, ó expansiva:

Este é o meu canto, o canto do Homem.



DEUS que compoz o ocio do Eden e alli me quiz senhor, quiz
também soprar a soberba illusão da alma no pobre lodo
do Homem;

Disse-lhe: olha as cousas e as formas que povoam a scena da tua
vida: faz com que cada uma delias se multiplique e a cada uma delias
escolhe uma palavra da tua phantasia.

Por isso este é o canto do Plomem á Mulher; a ti que és a
melhor cousa;

Porque tu estás vestida com o lodo da belleza e confiante esperas
que o meu sopro te dê uma soberba illusão da alma.

^ ^ I
^ ^ I
MULHER, tu és a vertebra flexivel ainda sonora pek> tremor
do meu coração:

Quem te dissolveu do meu sonho angustiado quiz-te tremebunda
e sensitiva e fez-te entrar no meu caminho solitário.

Pelo que gritei: és o osso dos meus ossos, a carne da minha carne!

E notei que se o meu pollegar deslisava sobre a tua superficie,
cada aspereza desaparecia.

Agora és a minha alegre metade, o equilibrio da minha resistencia:
uma pupilla cerúlea pela qual eu possa vêr em mim proprio.

Eu era áspero como um tronco de abeto e agora nos vínculos
da tua primavera visto-me de folhas e de flores.

Escuta como as vozes da juventude rios chamam nos prados, ó tu
que sabes perceber quaes sejam os fructos para morder.

Não, não estás sem dons, ó Mulher, se tens o teu dulcíssimo
regaço:

Vem, ficarás commigo embriagada de effluvios dentro de uma
dissolvida moita de rosas.



A GORA estás para te abrir como uma gemma em Abril;
a noite recolheu-se nos teus olhos mas o dia está hospedado
na tua fronte branca e na tua garganta quente.

E eis que estás para ser o berço suave onde o somno mais doce
é dormido, velado pelas violetas e pelas estrellas e mantido sobre
uma rósea tepidez.

E eis que de ti jorram as nascentes do sangue e as fontes do leite :
Aquellas que colorem os lábios e enchem o coração, aquellas que
dão phosphoro ao cerebro e robustecem os ossos.

TU e eu: eis o Animal magnifico que vive o seu feliz instante
em um relampago de amor:

Tens nas veias túmidas o calor do sol, eu na respiração o aneio
possante do mar.

Arrebatou-me um sopro prepotente e levou-me aos espaços dos
céos:

Sou o pollen que o vento indomito transporta suavemente para
o cálix perfumado.

Todas as cores se accendem, todos os perfumes se espalham:
debaixo de ti o catre é constituído de todas as corollas do mundo.

Nós somos, Eu e Tu, o Androgyno bello e poderoso: Tu a terra
e eu o sol.

Tu a terra e eu o amor.

Tu e Eu: vertebras divididas pelo mesmo amplo alento, ligando-nos
recompomos a Creatura mais bella.

Eu sou a luz: Tu o prisma: separa-me nos meus elementos com
um beijo da tua bocca.

UMA vez que te não foi dado o dom do canto e a voz do
orgulho, foi-te concedida a caricia da persuasão:

Eu assobio-te elogios sobre suaves motivos de phantasia; mas Tu
és o echo que fielmente escutas e repetes o meu canto.



Eu sou o inventor dos mais extranhos feitiços: nas antiquissimas
edades como tive motivos para te chamar Pandora qtiiz presen-
tear-te uma borboleta, Psyche;

Mas não soube circumdar-te de tanta luz como a tua belleza sabe
fazer para toda cousa:

Põe aureolas também sobre a minha cabeça, e também hoje, ó
Mulher, és a grinalda que me glorifica a fronte e me induz
a cantar.

E agora se do pedestal da terra também eu pense em levantar
o vôo sem volta em demanda da immortalidade,

és tu o laço serico que me tem preso, retardando com instantes
longos e haustos longos os vôos sem volta.

Eis, eu fico para ti com braços robustos e peito amplo: este é o
teu melhor travesseiro, estes são os teus melhores collares, Mulher
minha.

BATE á porta do mytho, desfolha os rosaes da lenda, escuta
o rio da historia fluir:

Nos nomes mais bellos tu ouvirás fremir o teu, ligeiro e devagar:
sentil-o-ás tornar doce a bocca do Homem e sempre ligado ao teu
o seu nome.

Uma vez que nas paginas da Eternidade prescriptas pela Lei
o phenomeno da nossa Existência foi sempre e será uma veia
de sangue azul e vermelho, pulsando vehemente, potente e efficaz

Metade minha, osso meu, carne minha, este é o meu canto, o canto
do Homem.

QUERO que me acompanhes pela estrada recta dos sulcos
embalando uma nossa esperança com a leve voz da Ave:

Que me ajudes a torcer na amassadeira a meada do pão trabalhado
e a doural-a para as manhãs iminentes!

Que venhas ao meu encontro pelo caminho solitário e não tenhas
receio de não ter dons, se tens o teu dulcissimo regaço:



K quando te beije feches as palpebras e quando as levantes fiques
commigo embriagada de effluvios dentro de uma dissolvida moita
de rosas:

Que tu te sintas nos braços da primavera quando irrompa do teu
bramido de mãe um desesperado vagido:

E inclines então sobre elle um cacho de doces essencias para que
nelle lhe selles a sède e lhe offereças uma rósea tepidez para que
aprenda a sonhar!

O' mãe minha, ó promessa minha, ó mãe dos meus filhos, escuta:

Este é o meu canto, o canto do Homem.

("Libro degli elogi, *Elogio delia Vita*")

RANIERO NICOLAI.

Trad, da Redacção.





A NEVROSE DO AMOR

(Pagina de um livro em preparo)

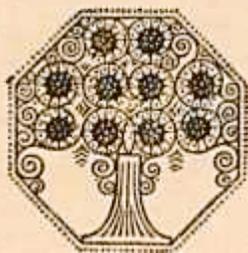
QUASI todas as doutrinas hoje formuladas sobre a paixão amorosa fazem do instinto sexual o fundamento das suas conclusões. A psychologia antiga e contemporânea, na impossibilidade de surprehender a genese do amor e de desvendar o mysterio da sua evolução, abandona o campo das abstracções e concentra-se no puro terreno da sensualidade, para reduzir todos os altos arroubos do passionalismo a uma simples questão de capacidade genesica. No fundo de todos os escriptos, o observador vai encontrar não um problema de psychologia, mas uma brutal e imperiosa exigencia do instinto animal, do cio procreator. Nada, entretanto, mais falso do que esse conceito de impulsão amorosa. Raro é o caso de nevrose passional, em que o instinto de reproducção prepondere. Em regra é a sua própria negação. Supplanta-o, asphixia-o. A fecundação da mulher é sempre um grave obstáculo, que vem perturbar a marcha ascencional da paixão. A nevrose do amor é a glorificação da esterilidade feminina. Arde como um fogo sagrado, mas infecundo. O seu ideal é a apotheose da mulher archetypo, symbolo eterno da belleza e do mysterio; mas a negação absoluta e formal do sentimento de maternidade, que offende a magestosa perfeição das formas e perturba a harmonia e o equilibrio das linhas femininas.



No amor, a mulher perde os attributos da sua condição humana. Transfigurada pelos esplendores da paixão, exalçada pelos Ímpetos da nevrose, ella se converte num symbolo dominador, num idolo mysterioso e super-humano, suprema inspiradora de todos os heroísmos e de todos os crimes, fonte da virtude e da infamia, soberana incontestável, divindade poderosa, cuja influencia penetra os mais Íntimos recessos do coração humano, como IIIII fluido imponderável, que na sua passagem deixasse tanto as mais subtis e vagas sensações, como os mais bellos e vigorosos ideaes, impregados da sua essencia entorpecedora.

O amor não é procreação. E' divinisação, idealisação, imaterialisação. A nevrose do amor é inimiga da especie. Vive da febre, da ansia, do delírio. Em lucta com o instincto da reproducção, vence-o. Pelos flexíveis tentáculos das suas aberrações suga toda a seiva da vitalidade humana e ateia no sangue ajx;nas o fogo devastador, implacavel e satanico da sensualidade mórbida, que dá ingresso, como um portico monstruoso, ás regiões sombrias da loucura, da criminalidade e do suicidio.

A. A- DE COVELLO.





“O SANEAMENTO DO BRASIL”

A proposito do seu livro — “O Saneamento do Brasil” — o dr. Belisário Penna recebeu a seguinte carta:

Paris, 27 de Agosto 1923.

Insigne Dr. Penna.”

ENTERNECIDAMENTE lhe agradeço a segunda edição do Saneamento do Brasil. Deveria andar o valiosíssimo livro pelos trinta milhões d'exemplares, por dever caber um a cada brasileiro. As gravuras illustrariam os marasmados que não podessem desvendar-lhe o texto.

Como deve tudo merecer da consciência de todos nós a sua campanha dos Olhos abertos e Coração alerta! Toda a criminosa e vohmtaria illusão dos politicalhões do Imposto seja-como-fôr e dos literatos do paraiso terreal com rouxinoes nas palmeiras, biccando o manná que Deus approuvesse reproduzir-nos do capitulo XVI do Êxodo da velha Bíblia, não se aguentará deante a encarnação da Verdade com que o doutor lhes derranca o convencionalismo e o *parti pris*.

Que paginas para reflexões, que dura lição de cousas de Morte e Vida, que formidável requisitório da inexpiavel infamia do abandono de todo um povo ás barbas do Progresso com que se rotula



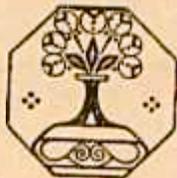
a própria bandeira! O nosso mundo de misérias sociaes merece a sua coragem de iervoroso apóstolo de humanidade (com um li bem pequenino para a distinguir de certos endeusamentos estereis a entidades objectivadas apenas no inoffensivo culto das maisculas).

Quanto ás declamações rhetoricas que enfadaram ao bello espirito de José Maria Bello, não lhes achei nenhum mal, tão bem distribuidas e espontaneas me pareceram. E' uma forma legitima de exprimir sentimentos decantal-os com emphase. A questão é de sinceridade e das razões que a devem alçar ás alturas exigidas no entono que as sobreleva. E para impressionar o publico na propaganda de character popular a que se arremetteu, como fugir ás *expressões* que lhe saltam mais facilmente do quadro de reflexos de sua con,vicção?

De outra parte, se a sua obra é de desencanto e desgraça, também o é de esperança e de resurreição. Se não lhe ouvirem a voz de profunda caridade e exaltado patriotismo, intimando o direito á saúde de nossos compatriícios, tanto peor. A nossa phenomenal lethargia será totalmente culpada de petrificar-se aos gritos da Sciencia e do Civismo d'aquelle a quem saúdo no calor de uma inteira admiração.

Cr.^o Att.^o e Obr."

a) ALBERTO RANGEL





A MEDICINOPHOBIA DE MOLIÈRE

Na scena III do terceiro acto encontra-se este dialogo:

BERALDO. — O que vejo, meu irmão, é que não ha ninguém menos doente do que vós, nem que tenha uma constituição melhor do que a vossa. Uma grande prova de que vos achaes perfeitamente bom, e que tendes o corpo em perfeito estado, é que com todos os cuidados que tendes tido, não pudestes ainda alterar a excellencia do vosso temperamento nem estourar com todos os remedios que vos tem feito tomar.

ARGAN. — Sabei, meu irmão, que é isso que me tem conservado. O doutor Purgon disse que eu succumbirei si elle passar trez dias sem me dispensar os seus cuidados.

BERALDO. — Si não tomardes sentido, elle terá tantos cuidados comvosco, que acabará vos mandando para o outro mundo.

ARGAN. — Raciocinemos um pouco, meu irmão. Não acreditaes na medicina?

BERALDO. — Não, meu irmão, e não vejo em que, para nossa salvação, seja preciso acreditar nella.

ARGAN. — Que! Não tendes por verdadeira uma cousa esta- Delecionada por todo o mundo, e que todos os séculos têm acatado?

BERALDO. — Muito longe de tel-a como verdadeira, acho que entre nós não passa de uma das grandes loucuras permittidas aos homens; e, examinando as cousas com philosophia, direi que não

conheço mascarada mais risivel, nada mais ridiculo do que um homem que quer se intrometter a curar os outros.

ARGEN. — Por que não admittis que um homem possa curar os outros, meu irmão?

BERALDO. — Pela simples razão, meu irmão, de que as molas da nossa machina são verdadeiros mysterios de que até agora os homens não entendem patavina; pois que a natureza collocou deante de nossos olhos véos muito espessos para que se possa ver qualquer cousa.

ARGAN. — Então na vossa opinião os médicos não sabem nada?

BERALDO. — Sim, por certo, meu irmão. Sabem a maior parte das humanidades, sabem falar em bom latim, nomear em grego todas as moléstias, definil-as, dividil-as, porém, no que concerne a cural-as, é do que elles menos entendem.

ARGAN. — E' preciso concordar, porém, que nessa matéria os médicos sêmpe sabem mais do que os outros.

BERALDO. — Sabem, meu irmão, o que já vos disse, mas não curam grandes cousas. Toda a excellencia da sua arte consiste em pomposas galimatias, em especiosa parolagem que nos dá palavras em vez de razões, promessas em vez de factos.

ARGAN. — Finalmente, meu irmão, ha pessoas tão ponderada e sisudas como vós, as quaes vemos que quando doentes recorrem, como todo mundo, aos recursos dos médicos.

BERALDO. — E' uma prova de fraqueza humana e não uma verdade do valor da sua arte.

ARGAN. — Todavia os médicos acreditam na veracidade da sua arte, pois que delia se servem uns para os outros.

BERALDO. — E' que ha entre elles alguns que estando no erro popular, delle se utilisam, e outros que lucram sem estar nelle. Vosso doutor Purgon, por exemplo, não tem nenhuma finura, é um homem todo medico, da cabeça aos pés, um homem que acredita mais em seus princípios do que em todas as demonstrações da mathematica, que não vê obscuridade na medicina, nem duvidas, nem difficuldades, e com uma impetuosa prevenção, uma tenaz confiança, uma brutalidade de senso commum e de razões opera por meio de purgantes e sangrias, sem se deter deante de coisa alguma. Não lhe deveis querer mal pelo que elle vos puder fazer; será da melhor boa vontade deste mundo que vos mandará desta para melhor, e matando-vos só fará o que fez á sua mulher e seus filhos, e em caso de necessidade fará a si proprio.



ARGAN. — E' que vós tendes contra elle qualquer preven-
çã). Mas, emfim, vamos ao caso. Que se deve fazer quando se
está doente?

BERALDO. — Nada, meu irmão.

ARGAN. — Nada?

BERALDO. — Nada é preciso senão ficar em repouso. A
própria natureza, quando a deixarmos operar, se encarregará de
eliminar muito tranquillamente a desordem em que cahiu. A
nossa inquietação e a nossa impaciência é que corrompem tudo,
e quasi todos os homens morrem de seus remedios e não de suas
moléstias.

ARGAN. — Mas é preciso concordar numa cousa: não se
deve de certo modo auxiliar a natureza?

BERALDO. — Por Deus, meu irmão, isso são idéas com que
nós gostamos de nos illudir; em todos os tempos se tem insi-
nuado entre os homens idéas em que acreditam porque ellas en-
ganam, e que seria para desejar fossem ellas verdadeiras. Quan-
do um medico vos fala em auxiliar, soccorrer, alliviar a natu-
reza, tirando-lhe o que prejudica e dando-lhe o que lhe falta,
com o fim de a restabelecer, encaminhando-a para a plena faci-
lidade de suas funcções; quando vos fala de rectificar o sangue,
descarregar os intestinos e o cerebro, desopilar o baço, concertar
o peito, reparar o figado, fortalecer o coração, restabelecer e
conservar o calor natural, ter segredos para prolongar a vida por
largos annos, — elle vos narra o romance da medicina. Quando,
porem, chegaes á verdade e á experiencia, nada disso encontra-
reis, porque nada passa de um desses bellos sonhos de que ao
despertarmos só nos deixam o desprazer de haver acreditado
nelles.

ARGAN. — Quereis dizer que tendes encacholada na mio-
leira toda a sciencia do mundo, e quereis saber mais do que to-
dos os grandes médicos do nosso século.

BERALDO. — Falando ou agindo ha duas especies de pes-
soas nos vossos grandes médicos. Ouvi-os falar e parecerão os
mais illustres personagens do mundo; vede-os obrar e elles vos
parecerão os mais ignorantes homens da terra.

ARGAN. — Oh! pelo que vejo sois um grande doutor; e
desejaria que houvesse aquí um desses senhores para rebater as
vossas opiniões e contestar a vossa tagarelice.

BERALDO. — Meu irmão, não tomo sobre meus hombros
a tarefa de combater a medicina, e cada um segundo os perigos
e fortuna pode crer no que bem lhe aprouver. Falo no que nos

interessa: desejaria poder de qualquer fôrma tirar-vos do erro em que estaes, e para vos divertir levar-vos a assistir sobre este assumpto a algumas comedias de Molière.

ARGAN. — E' um bom impertinente, esse vosso Molière, com as suas comedias. Acho-o muito engraçado quando faz os médicos.

BERALDO. — Não são os médicos que elle representa, mas sim os ridículos da medicina.

ARGAN. — Fica-lhe bem em se metter a fiscalisar a medicina. E' patetice e impertinência debochar as consultas e as receitas, atirando-se aos médicos e exhibir na scena do seu theatro pessoas veneráveis como essas dos médicos.

BERALDO. — Que quereis que elle exhiba senão as diversas profissões do homem? Todos os dias põe elle em scena os reis e os príncipes, que são de tão bom cabedal como os médicos.

ARGAN. — Pelo Demo! Si eu fosse medico vingar-me-ia da sua impertinência, e quando estivesse elle doente deixal-o-ia morrer sem assistência; não lhe daria a menor sangria, nem o mais pequeno clyster, e lhe diria: estoura! arrebenta! isso te ensinará por outra vez a pôr em scena a Faculdade.

BERALDO. — Estaes bem irado contra elle.

ARGAN. — Sim. E' um indiscreto imprudente; e si os médicos forem assisados farão o que digo.

BERALDO. — Pois elle será ainda mais assisado do que os vossos médicos, porque não lhes pedirá o seu soccorro.

ARGAN. — Tanto peor para elle, si não recorrer aos médicos.

BERALDO. — Molière tem as suas razões para não querel-os, e sustento que isso só é permittido aos indivíduos vigorosos e robustos, que disponham de forças para supportar os remedios com a doença, não porém a elle, que mal pôde supportar a sua doença.

ARGAN. — São razões tolas. Mudemos de assumpto, meu irmão, não tratemos mais desse homem, porque isso me excitaria a bile e vós me provocareis a minha moléstia.

Commentando essa passagem, diz Auger que é com um verdadeiro sentimento de tristeza que se vê quanto a morte estava próxima de Molière, na hora em que elle dizia essa facécia, pois que trez dias após havel-a pronunciado pela primeira vez no theatro, o grande poeta comico expirava privado dos soccorros da medicina...



Na scena seguinte entra o boticário Fleurant, com a sua seringa em punho, e ao vel-o exclama Argan:

ARGAN. — AH! meu irmão, com a vossa permissão.

BERALDO. — Como! Que quereis fazer?

ARGAN. — Tomar um pequeno clyster, e hade ser immediatamente.

BERALDO. — Estaes gracejando. Então não podeis passar um momento sem clysteres ou sem medicina? Deixae isso para outra vez e ficae em repouso.

ARGAN. — Snr. Fleurant, ficará para esta noite ou para amanhã de manhã.

FLEURANT (a *Beraldo*). — Para que vos intrometêis, opondo-vos ás prescripções da medicina, impedindo que o senhor tome um clyster? Sois bem engraçado para ter uma tal petulância.

BERALDO. — Ide, senhor; bem se vê que não estaes acostumado a falar de frente.

FLEURANT. — Com os remedios não se deve brincar absolutamente, nem me façais perder o meu tempo. Aqui vim para applicar uma boa receita; e vou dizer ao doutor Purgon como me impediram de executar as suas determinações e as minhas funeções. Vereis. (*Sac.*)

Trava-se então em seguida este dialogo:

ARGAN. — Meu irmão, ides ser a causa de alguma desgraça.

BERALDO. — Grande desgraça a de não tomar um clyster receitado pelo doutor Purgon!!! Ainda uma vez, meu irmão, será possível que não haja um meio de curar-vos da mania dos médicos e que queiraes levar toda a vossa vida envolvido em seus remedios?

ARGAN. — Por Deus, meu irmão, que falais com ponderação, mas si estivesseis em meu logar, a vossa linguagem seria outra. E' muito fácil de se falar contra a medicina, quando se está de plena saúde.

BERALDO. — Mas, afinal, qual é a vossa doença?

ARGAN. — Fazeis-me enfurecer. Eu queria que tivesseis o meu mal, para ver si teríeis tanta tagarelice. Ah! Ahi vem o doutor Purgon.

Na scena VI dialogam Purgon, Argan, Beraldo e Toinette.

PURGON. — Acabo de saber á porta boas novidades: que se zomba de minhas prescripções, e que recusam de tomar os remedios que receitei.

ARGAN. — Doutor, não é...

PURGON. — Estamos diante de um atrevimento bem grande, de uma estranha rebellião de um doente contra o seu medico!

TOINETTE. — Isto é espantoso!

PURGON. — Um clyster que eu mesmo tinha tido o prazer de preparar!

ARGAN. — Não fui eu...

PURGON. — Manipulado segundo todas as regras da arte!

TOINETTE. — Elie não está com a razão.

PURGON. — E que devia operar nos seus intestinos maravilhosos effeitos!

ARGAN. — Meu irmão...

PURGON. — Rejeital-o com desprezo!

ARGAN (*mostrando Beraldo*). — Foi elle...

PURGON. — Isso é uma acção exorbitante.

TOINETTE. — Isso é verdade.

PURGON. — Um enorme attentado contra a medicina.

ARGAN (*mostrando Beraldo*). — Foi elle o causador.

PURGON. — Um crime de lesa-Faculdade, que não se pôde punir sufficientemente.

TOINETTE. — Tendes razão.

PURGON. — Declaro que rompo as relações comvosco.

ARGAN. — E' meu irmão...

PURGON. — Que não quero mais ligações comvosco.

TOINETTE. — Fazeis muito bem.

PURGON. — E que para acabar com todas Aí relações, eis a doação que eu fazia a meu sobrinho, em favor de seu casamento. (*Rasga a doação e atira os pedaços, com impeto.*)

ARGAN. — Foi meu irmão que causou todo este mal.

PURGON. — Desprezar o meu clyster!



ARGAN. — Mandae trazel-o que eu o tomarei.

PURGON. — Ficareis alliviado num instante.

TOINETTE. — Não o merece.

PURGON. — Ia limpar o vosso corpo, eliminando inteiramente todos os maus humores.

ARGAN. — AH! meu irmão!

PURGON. — Queria apenas uma meia dúzia de tizanas para o desembuchar.

TOINETTE. — Não é digno dos vossos cuidados.

PURGON. — Mas, emifim, porque não quereis curar-vos por minhas mãos?

ARGAN. — Não é por minha culpa.

PURGON. — Pois que vos furtaes á obediencia que deveis ao vosso medico...

TOINETTE. — Isso brada por vingança.

PURGON. — Visto que vos rebellaes contra os remedios que vos receitei...

ARGAN. — Oh! de modo algum.

PURGON. — Tenho a vos dizer que vos abandono á vossa má constituição, ás intemperies de vossas entranhas, á corrupção de vosso sangue, á acidez de vossa bile, á feculencia de vossos humores.

TOINETTE. — E' muito bem feito.

ARGAN. — Meu Deus!

PURGON. — E desejo que antes de quatro dias o vosso mal se torne incurável...

ARGAN. — AH! misericórdia!

PURGON. — Que tombeis na bradyepsia...

ARGAN. — Snr. Purgon!

PURGON. — Da bradyepsia na dyspepsia...

ARGAN. — Snr. Purgon!

PURGON. — Da dyspepsia na aepsia...

ARGAN. — Snr. Purgon!

PURGON. — Da aepsia na lienteria...

ARGAN. — Snr. Purgon!



PURGON. — Da lienteria na dysenteria..

ARGAN. — Snr. Purgon!

PURGON. — Da dysenteria na hydropesia...

ARGAN. — Snr. Purgon!

PURGON. — E da hydropesia na privação da vida, ao que vos conduzirá a vossa loucura.

Dirigindo-se a Beraldo, diz Argan:

ARGAN. — Ah! meu Deus! Estou morto. Meu irmão, estou perdido por vossa causa.

BERALDO. — Que? que dizeis?

ARGAN. — Que não posso mais. Sinto já que a medicina se vingá.

BERALDO. — Palavra, meu irmão, que estaes louco; e eu não queria, por muitos motivos, que vos obrigassem a fazer o que estaes fazendo. Reflecti um pouco, retomae a vossa personalidade, e não escaleis tanto a vossa imaginação.

ARGAN. — Vêde, meu irmão, as estranhas moléstias com que elle me ameaçou.

BERALDO. — Como sois tolo!

ARGAN. — Disse que me tornaria incurável dentro de quatro dias.

BERALDO. — E que importancia tem o que elle disse? Que será capaz de fazer? Foi por acaso algum oráculo que falou? Parece, ouvindo-vos, que o doutor Purgon tem em suas mãos o fio da vossa existencia, e que como autoridade suprema, elle a augmenta ou diminue ao seu belprazer. Reflecti em que os princípios de vossa vida estão em vós mesmo, e que a cólera do snr. Purgon é tão pouco capaz de vos fazer morrer como os seus remedios de vos fazer viver. Eis aqui uma aventura, si quizerdes, para vos desfazer dos médicos; si nascestes de modo a não passar sem elles, é fácil terdes um outro com o qual, meu irmão, podeis correr um pouco menos de risco.

ARGAN. — Ah! meu irmão, elle conhece todo o meu organismo, a minha constituição, e sabe a maneira que é preciso seguir para me governar.

BERALDO. — E' preciso vos confessar que sois um homem de uma grande prevenção, e que vêdes as cousas com olhos muito exquisitos.

Entra Toinette, que diz a Argan:



TOINETTE. — Está ahí um medico que pede para vos vêr.

ARGAN. — Que medico?

TOINETTE. — Um medico de medicina.

ARGAN. — Pergunte quem elle é.

TOINETTE. — Não o conheço, mas parece-se tanto commigo, que si não estivesse certa da honestidade da mamã, diria que é para ahí um irmão que ella me arranjou depois da morte do papá.

ARGAN. — Manda-o entrar.

Segue-se a scena IX do terceiro acto. Fala Beraldo:

BERALDO. — Estaes servido a vosso contento. Um medico vos deixa e outro se apresenta.

ARGAN. — Estou bem receioso de que não sejaes ainda a causa de alguma desgraça.

BERALDO. — Ainda! Tornaes a falar nisso?

ARGAN. — Vêde, tenho sobre o coração todas essas doenças que não conheço absolutamente, essas...

Toinette entra disfarçada de medico.

TOINETTE. — Permitti, senhor, que eu venha fazer-vos uma visita, e vos offerecer meus pequenos serviços para todas as sangrias e todos os purgantes de que tiverdes necessidade.

ARGAN. — Senhor, eu vos fico muito agradecido. (*A Beraldo.*) Palavra que me parece a própria Toinette.

TOINETTE. — Peço-vos que me desculpeis, senhor; tenho uma ordem a dar ao meu criado; voltarei immediatamente. (*Sac.*)

ARGAN. — OH! não vos parece que seja effectivãmente Toinette?

BERALDO. — E' verdade que a semelhança é muito grande, mas não é a primeira vez que se vêm dessas cousas, e as historias estão recheiadas desses caprichos da natureza.

ARGAN. — Por mim estou surpreso, e...

Entra Toinette e pergunta:

TOINETTE. — Quereis alguma cousa, senhor?

ARGAN. — Como?...

TOINETTE. — Não me chamastes?



ARGAN. — Eu? Não!

TOINETTE. — E' possível então que os ouvidos me enganassem.

ARGAN. — Demora-te um pouco aqui para veres como esse medico se parece contigo.

TOINETTE. — Realmente. Vi-o. Tenho que fazer. (*Sac.*)

ARGAN. — Si não os visse a ambos diria que eram uma só pessoa.

BERALDO. — Já li cousas espantosas sobre essas especies de semelhança physica; e temos visto nos nossos dias muitas com que todos se têm enganado.

ARGAN. — Por mim digo que podia ter sido enganado, mas sou capaz de jurar que é a mesma pessoa.

Toinette volta disfarçada de medico :

TOINETTE. — Senhor, de todo o meu coração peço-vos perdão.

ARGAN (*baixo, a Beraldo.*) — Isto é de causar admiração.

TOINETTE. — Consenti que eu satisfaça a curiosidade que tenho de examinar um doente illustre como vós sois. Vossa reputação, que se estende por toda a parte, desculpará a liberdade que tomei.

ARGAN. — Senhor, sou um vosso criado.

TOINETTE. — Reparo, senhor, que me olhaes fixamente. Que idade acreditaes que eu tenha?

ARGAN. — Creio que quando muito podeis ter uns 26 a 27 annos.

TOINETTE. — Ah, ah, ah! Tenho 80.

ARGAN. — 80!!!

TOINETTE. — Sim. Vêde um effeito dos segredos de minha arte e de me conservar assim nédio e sadio.

ARGAN. — Palavra! sois muito moço para ter 80 annos.

TOINETTE. — Sou um medico itinerante, ando de cidade em cidade, de província em província, de reino em reino em busca de illustres assumptos para a minha capacidade, de encontrar doentes dignos de occupar a minha attenção, capazes de experimentar os grandes e bellos segredos que encontrei na medicina. Desprezo essa mixórdia de moléstias ordinarias, essas bagatellas de rheumatismos e de defluxos, flatos, enxaquecas.

Quero encontrar moléstias de importancia, boas febres continuas, com delirio, escarlatina, peste, hydropisias, pleurisias com inflammação do peito, isso é que me apraz, ahi é que triumpho. Por isso, senhor, é que eu desejaria que tivesses todas essas moléstias que acabo de enumerar, e que fosseis abandonado por todos os médicos, e que estivesseis desesperado e agonico, para vos mostrar a excellencia dos meus remedios, e a satisfação que eu teria em vos prestar serviços.

ARGAN. — Sou muito agradecido, senhor, pela bondade que tendes tido commigo.

TOINETTK. — Dae-me o vosso pulso. Vejamos si elle bate com regularidade. Ah! que eu vos farei andar direito. Oh! que pulso desarrazoado! Não me conheceis ainda. Quem é o vosso medico?

ARGAN. — o doutor Purgou.

TOINETTK. — Não tenho esse nome inscripto entre os dos grandes médicos da minha lista. De que disse elle que estaes doente?

ARGAN. — Diz que é do figado, outros dizem que é do baço.

TOINETTE. — São todos uns ignorantes. E' do pulmão que estaes doente.

ARGAN. — Do pulmão?

TOINETTE. — Sim. Que sentis?

ARGAN. — De tempos a tempos sinto dores de cabeça.

TOINETTE. — Justamente. E' do pulmão.

ARGAN. — A's vezes parece-me que tenho um véo deante dos olhos.

TOINETTE. — E' do pulmão.

ARGAN. — Tenho algumas vezes palpitações do coração.

TOINETTE. — E' do pulmão.

ARGAN. — Sinto ás vezes uma lassidão em todos os membros.

TOINETTE. — E' do pulmão.

ARGAN. — E outras vezes sinto dores no ventre, como si fossem cólicas.

TOINETTE. — E' do pulmão. Comeis com appetite?

ARGAN. — Sim, senhor.



TOINETTE. — E' do pulmão. Gostaes de tomar um pouco de vinho?

ARGAN. — Sim, senhor.

TOINETTE. — E' do pulmão. Sentis assim um pouco de somno após as refeições, e desejaes dormir?

ARGAN. — Sim, senhor.

TOINETTE. — E' do pulmão, sempre o pulmão, asseguro-vos. Que vos recommendou o vosso medico para a vossa alimentação?

ARGAN. — Recommendou-me que tomasse sopa.

TOINETTE. — Ignorante!

ARGAN. — Frango.

TOINETTE. — Ignorante!

ARGAN. — Vitella.

TOINETTE. — Ignorante!

ARGAN. — Caldos.

TOINETTE. — Ignorante!

ARGAN. — Ovos frescos.

TOINETTE. — Ignorante!

ARGAN. — E á noite ameixas passadas para desimpedir o ventre.

TOINETTE. — Ignorante!

ARGAN. — E sobretudo beber o meu vinho bem destemperado.

TOINETTE. — *Ignorantus, ignoranta, ignoratum.* E' preciso beber o vosso vinho puro, e para engrossar o vosso sangue, que está muito fino, é preciso comer um bom rosbife, boa carne de porco, bom queijo de Hollanda, papas de aveia e de arroz, castanha amassada com hóstia para ligar e conglutinar. Vosso medico é uma besta. Vou vos enviar um outro de minha confiança, e de tempos a tempos virei vos ver, emquanto estiver nesta cidade.

ARGAN. — Fico muito reconhecido.

TOINETTE. — Que diabo fazeis deste braço?

ARGAN. — Como?

TOINETTE. — Eis aqui um braço que mandaria cortar si estivesse no vosso logar.

ARGAN. — Por que?

TOINETTE. — Não vedes que elle tira toda a nutrição e impede este lado de aproveitá-la?



ARGAN. — Sim; mas eu tenho necessidade de meu braço.

TOINETTE. — E o vosso olho direito, também o mandaria furar si estivesse em vosso logar.

ARGAN. — Furar um olho?

TOINETTE. — Pois não vêdes que elle causa incommodo ao outro, roubando-lhe a nutrição? Acreditai-me; deveis mandar fural-o quanto antes. Enxergareis melhor do olho esquerdo.

ARGAN. — Quanto a isso não haja pressa.

TOINETTE. — Adeus. Sinto muito deixal-o tão cedo, mas é que preciso estar presente a uma grande consulta que vae ser feita para um individuo que falleceu hontem.

ARGAN. — Para um sujeito que morreu hontem?

TOINETTE. — Sim; para accordar e ver o que teria sido preciso fazer para cural-o. Até á vista.

ARGAN. — Sabeis que os doentes não acompanham as visitas?

Retirando-se, Toinette, entra na scena seguinte Beraldo, que diz:

BERALDO. — Eis um medico que na verdade parece ser muito illustre.

ARGAN. — Sim; mas vae tão depressa...

BERALDO. — Todos os grandes médicos são assim.

ARGAN. — Cortar-me um braço e furar-me um olho com o fim de ficar melhor dos outros!... Estimarei muito que fiquem como estão. Que bella operação: Ficar caolho e maneta!!!

Na scena seguinte entra Toinette e fingindo que fala a alguém, diz:

TOINETTE. — Vamos, vamos, sou vossa criada. Não tenho vontade de rir.

ARGAN. — Que é?

TOINETTE. — Vosso medico que me queria tomar o pulso.

ARGAN. — Accedei. Com 80 annos...

BERALDO. — Já que o snr. Purgon está zangado comvosco, não quereis que vos fale do partido que se offerece para a minha sobrinha?

ARGAN. — Não, meu irmão, quero mettel-a num convento, já que ella se oppoz aos meus desejos. Vejo bem claramente que ha em tudo isso um namorico, e descobri certa entrevista secreta que julgam que eu ignore.



BERALDO. — Pois bem. Mas ainda quando houvesse uma pequena inclinação qualquer, seria isso algum crime? Haverá alguma cousa que vos offenda, quando se trata de um cousa honesta como o casamento?

ARGAN. — Seja como fôr, meu irmão, ella será uma religiosa, é caso resolvido.

BERALDO. — Quereis dar prazer a alguém?

ARGAN. — Compreendo. Voltaes sempre ao mesmo assumpto e implicaes com minha mulher.

BERALDO. — Pois bem. Visto que é preciso falar com o coração nas mãos, direi: é exactamente de vossa mulher que eu quero falar. Não posso vos tolerar a teimosia da medicina nem a de serdes por ella, nem ver de cabeça baixa cahirdes em todos os laços que ella vos arma.

TOINETTE. — AH! senhor. Não deveis falar da senhora; é uma mulher de quem nada se deve dizer; sem artificios, que ama o seu marido, que o ama... Não se pôde dizer isso.

ARGAN. — Perguntae-lhe pelas caricias que ella me faz...

TOINETTE. — Isso é verdade.

ARGAN. — ... a inquietação que lhe causa a minha moléstia...

TOINETTE. — Certamente.

ARGAN. — ... e os cuidados e os trabalhos que ella me dispensa.

TOINETTE. — E' verdade. (*A Beraldo.*) Quereis que vos convença e vos mostre daqui a pouco como a senhora gosta de seu marido? (*A Argan*) Senhor! Permitti que eu lhe mostre a sua tolíce e o tire do erro em que labora.

ARGAN. — Como?

TOINETTE. — A senhora vae voltar daqui a pouco. Estendei-vos nesta cadeira e fingi de morto. Vereis a sua dôr quando lhe dêrem a noticia.

ARGAN. — Estou de accordo.

TOINETTE. — Sim. Mas não a deixeis por muito tempo 110 desespere, porque isso era capaz de matal-a.

ARGAN. — Deixae isso por minha conta.

TOINETTE (*a Beraldo*). — Quanto a vós, occultae-vos naquelle canto.

O resultado dessa situação é o mais comico possível. Beline regosija-se com a *morle* do marido, mas Angelica, a filha de Argan, lamenta o trespasse de seu pae.

Por fim, descobrindo que Argan estava bem vivo, Angelica e Cleanto se atiram aos seus pés e supplicam que consinta no seu casamento. Argan estabelece uma condição: Cleanto ha de se fazer medico para poder ser seu genro.

ARGAN. — Que se faça medico e consentirei no casamento.
(A Cleanto) Fazei-vos medico e vos darei a minha filha.

CLEANTO. — Da melhor vontade, senhor. Si só depende disso para ser vosso genro, far-me-ei medico, boticário, o que quizerdes. Isso é cousa sem importancia. Muitas outras farei para obter a mão da bella Angelica.

BERALDO. — Meu irmão. Tenho uma idéa. Fazei-vos medico. A commodidade seria ainda muito maior: tereis em vós tudo que precisardes.

TOINETTE. — Isso é verdade. E' o verdadeiro meio de vos curardes depressa; e não ha moléstia bastante ousada para se metter na pelle de um medico.

ARGAN. — Penso, meu irmão, que estás zombando de mim. Por acaso estou ainda em idade de estudar?

BERALDO. — Ora muito bem! Estudar! Sois bastante esperto e ha muitos dentre os médicos que não têm a vossa habilidade.

ARGAN. — Mas é preciso saber falar bem o latim, conhecer as moléstias e os remedios.

BERALDO. — Recebendo a borla e o capello de medico, vós aprendereis tudo isso, e depois disso haveis de ficar muito mais; hábil do que julgaes.

ARGAN. — Como? Sabe-se discorrer sobre moléstias só porque se tem o vestuário dos médicos?

BERALDO. — Sim. Basta falar-se vestido de medico e qualquer idiota torna-se um sábio e qualquer sandice passa por verdade.

TOINETTE. — Olhae, senhor. Tendes a vossa barba e isso já é muito, e a barba faz a metade de um medico.

CLEANTO. — Em todo o caso estou p.-ompto para tudo.

BERALDO (a Argan). — Quereis que o negocio se faça já?

ARGAN. — Como? Já!

BERALDO. — Sim, e na vossa casa.

ARGAN. — Em minha casa?



BERALDO. — Sim. Conheço uma Faculdade de amigos, que poderá daqui a pouco vir fazer a cerimonia na vossa sala. Nada vos custará.

ARGAN. — Mas que irei eu dizer? que hei de responder?

BERALDO. — Aprendereis em duas palavras e dar-vos-ão por escripto o que deveis de dizer. Ide metter-vos numa roupa mais própria. Vou mandar procural-os.

ARGAN. — Vamos lá, vejamos isso.

Na scena final ha este dialogo:

CLEANTO. — Que entendeis por essa Faculdade de amigos?

TOINETTE. — Qual é o vosso plano?

BERALDO. — Divertimo-nos um pouco esta noite. Os co-mediantes fizeram um pequeno intermedio da recepção de um medico, com danças e musica; quero que façamos o divertimento eni conjuncto e que meu irmão faça o principal personagem.

ANGELICA. — Está me parecendo, meu tio, que vos quereis divertir demasiadamente com meu pae...

BERALDO. — Minha sobrinha, não é tanto para divertir-me. mas para conformar-me com as suas fantasias. Tudo isso será entre nós. Cada um de nós poderá fazer o seu personagem e fazer uma comedia uns com os outros. O carnaval tudo justifica. Vamos preparar tudo com rapidez.

CLEANTO (*a Angelica*). — E vos submetéis a isso?

ANGELICA. — Sim, pois é meu tio que nos guiará.

Segue-se o terceiro intermedio, que é constituído por uma "cerimonia burlesca de ura homem que se disfarça em medico, recita, canta e dança; prepara-se a sala e em seguida toda a assistência, composta de oito porta-seringas, seis boticários, vinte dois doutores, o que é recebido como medico e oito cirurgiões dançarmos e dois cantores entram e tomam os seus logares.

Esse intermedio é todo escripto num latim mascavado; tomam parte o presidente da Faculdade de Medicina, Argan, com o titulo de bacharel e os personagens já descriptos. Depois de uma grande troça feita com a medicina e os médicos, Bacharel pronuncia varias vezes o estribilho:

"Clysterium donare,
postea seignare,
ensuita purgare."

A certa altura, o presidente da Faculdade indaga do bacharel:



"Juras gardare statuta
por facultatem prescripta,
cum senso et julgeamento?"

Responde Bacharel :

"Juro!"

E pronunciando essa palavra, teve Molière a primeira crise da moléstia que dahi a horas o matava.

Assaltou-o uma convulsão que foi percebida por alguns espectadores, e reparando elle que os seus soifrimentos tinham sido notados, fez um esforço supremo e procurou disfarçar com um sorriso contrafeito. Dahi a pouco terminava a representação e Molière, dirigindo-se ao camarim do seu collega Baron, perguntou-lhe o que pensava da comedia que acabava de ser representada ...

Entrementes o seu mal recrudescia, um frio de morte invadia-lhe o corpo, as mãos estavam geladas; Baron o agasalhou, sentou-o a uma cadeira em que o grande poeta comicô foi transportado á sua residencia, á rua Richelieu.

MUCIO DA PAIXÃO



ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

FRANKLIN TAVORA

Patrono da cadeira n.º 14. Nasceu na Serra do Baturité (Estado do Ceará), a 13 de janeiro de 1842 e falleceu no Rio de Janeiro, a 18 de agosto de 1888.

BIBLIOGRAPHIA

- 1 *Trindade maldicta* — contos no botequim — Recife — 1861
- 2 *Um mysterio de familia* — drama em 3 actos, escripto e representado em 1861. Publicado em 1862. Possuo a 2.ª edição — 119 pags. Rio, Typ. do Imperial Instituto Artístico — 1877. (Representado no Theatro Santa Izabel).
- 3 *Os índios do Jatuaribe* — rom. em 4 vols. — Recife — 1862. Possuo a 2.ª edição em que se publicou apenas o 1.º vol. — 214 — 17 pags. — Recife. Typ. do Jornal do Recife — 1870.
- 4 *A casa de palha* — romance publicado em folhetins do Jornal do Recife — 1866.
- 5 *Um casamento no arrabalde* — romance — Recife — 1869. A 2.ª edição é do Rio, Imprensa Nacional, 1881, e a 3.ª de 97 paginas — Rio, H. Garnier — 1903.
- 6 *Tres lacrimas* — drama em 3 actos e 7 quadros — 196 pags. — Recife, Typ. do Mercantil — 1870 (Representado no Theatro Santa Izabel).
- 7 *Cartas de Sempronio a Cincinnato* — (Estudos criticos de Sempronio) — 2.ª edição — 330 pags. — Pernambuco, J. W. de Medeiros, 1872, Possuo também a 1.ª edição nas "Questões do dia", de José Feliciano de Castilho.
- 8 *O cabelleira* — romance — 1.ª edição — 317 pags. — Typ. Nacional — 1876; 2.ª edição — 269 pags. — Rio, H. Garnier — 1902. (Possuo as duas).
- 9 *O matuto* — romance — Rio, Typ. Perseverança — 1878. A 2.ª edição de 374 pags. — Rio, H. Garnier — 1902.



- 10 *Leiidas e tradições populares* — na *Ilustração Brasileira* de Max Fleiuss.
- 11 *Sacrifício* — romance — na *Revista Brasileira*, phase de 1879 a 1881.
- 12 *Lourenço* — romance — 1.ª edição na *Revista Brasileira*; 2.ª edição: Rio, Typ. Nacional — 1881; 3.ª edição, 295 pags. — Rio, H. Garnier — 1902.
- 13 *Notas bibliographicas* — na *Revista Brasileira*.
- 14 *Prefacio* do Diário de Lazaro, de Fagundes Varella. Antes publicado na *Revista Brasileira*
- 15 *Os patriotas de 1817*, separata da *Revista do Inst. Arch. e Geogr. de Pernambuco*.
- 16 *Prefacio* das Espumas fluetuantes, de Castro Alves.

Deixou vários trabalhos inéditos: *Picos*, episodio de uma festa, 2.º livro da litteratura do Sul; *Pantano*, epilogo de um drama, 3.º livro da litteratura do Sul. Escreveu ainda: *Historia da revolução de 1817*, segundo a referencia de Sylvio Romero e João Ribeiro (Compendio de historia da litteratura brasileira); *Historia da revolução de 1824* (idem), ambas inutilizadas pelo fogo, em momento de desespero, pouco antes da morte; *O Praieiro e Norte*, segundo allusão do seu filho Mauricio Tavora, artigos de critica sobre politica e a comedia "Quem muito abraça pouco abraça".

Escreveu no *Jornal do Recife*; em *A Verdade* (Recife, 1872-73); *Questões do dia*, de José Feliciano de Castilho; *Consciência livre* (1869-70); *O Americano* (1870-71), com Tobias Barreto; *Ilustração Brasileira*: Lendas e tradições populares; *Revista Brasileira* (2.ª phase): 1879-81 — *Sacrifício* (romance) vols. I e II, *Lourenço* (romance) vols. VII, VIII e IX, *Notas bibliographicas*, vols. II, III, IV, V, VI. *Os patriotas de 1817* — vol. IV, *As obras de Frei Caneca*, vol. VIII, *Uma estancia dos Lusíadas* — vol. IX, *Camões e Portugal* — vol. IV. O diário do Lazaro — vol. V; *Revista do Instituto Historico*: Discurso na Sessão de encerramento — tomo XLIV, parte 2.ª e nos immediatos até XLIX, *Elogio historico dos socios fallecidos*, *Extinção da escravidão no Brasil*; *Diário de Pernambuco*; *Situação Liberal* (1866-67); *Globo*; *Mephistopheles*.

Fontes para o estudo critico

- 1 CLÓVIS BEVILÁQUA — Franklin Tavora — n.º 9 da *Revista da Academia*.
IDEM — Franklin Tavora.
- 2 JOSE' VERÍSSIMO — *Estudos de litteratura brasileira* — tomo V, pag. 129.
IDEM — *Historia da Litteratura Brasileira*, pag. 324.
- 3 SYLVIO ROMERO e JOÃO RIBEIRO — *Compendio de litteratura brasileira*, pag. 305.
- 4 VISCONDE DE TAUNAY — *Discurso na Revista do Instituto Historico*, vol. LI, pag. 351.



- 5 JULIO BARBUDA — Litteratura Brasileira, pag. 536.
- 6 RONALD DE CARVALHO — Pequena historia da litteratura brasileira, pagina 259.
- 7 SACRAMENTO BLAKE — Diccionario bibliographico.
- 8 EUGENIO WERNECK — Anthologia brasileira, pag. 350
- 9 BARÃO DE STUDARDT — Pequeno diccionario bibliographico cearense (Revista da Academia Cearense, tomo VI, pag. 97).
- 10 ERNESTO BIESTER — Revista Contemporânea, de Portugal e do Brasil — Abril de 1862.
- 11 JOSE' FELICIANO DE CASTILHO — Jornal do Commercio — 1876.
- 12 MACIEL PINHEIRO — Um mysterio de familia — Carta ao autor.
- 13 FRANKLIN TAVORA — Prologo da 2.ª edição de "Um mysterio de familia".
IDEM — Prefácios dos romances.
- 14 RANGEL DE S. PAIO — Carta appensa a "Um casamento no arrabalde".

Noticia biographica e subsidios para um estudo critico

AFEIÇÃO característica de Franklin Tavora, como homem de letras, é a do romancista. Contribuiu com sete romances para o acervo litterario do Brasil e imprimiu nova orientação no genero, assumindo funeção apreciavel na marcha evolutiva do romance nacional. A principio pagou tributo ao indianismo, como os "índios do Jaguaribe", o que determinou a sua malquerença, ou, pelo menos, irritação para com José de Alencar, segundo o testemunho de Araripe Junior.

Tavora confiara ao autor do "Guarany" um exemplar do romance, cujo thema é a expedição de Pero Coelho ao Ceará, em 1603; Alencar lera-o com attenção e curiosidade, e annotara á margem as suas impressões, afim de emittir juizo sobre a obra, quando lhe agradecesse a offerta. Houve demora, e um desaffecto do apreciado autor da "Viuvinha" serviu-se do ensejo para armar a intriga, attribuindo-lhe, com referencia ao trabalho de Tavora, a phrase pejorativa: "taes indios precisam, ainda, de ser descascados". Surtiu o desejado effeito a calumnia que determinou a reacção esperada pelo intrigante, pois o despeitado autor acceitou, como empreitada, demolir a merecida reputação de Alencar, escrevendo artigos em *A Verdade* e as "Cartas de Sempronio a Cincinnato", primeiramente publicados nas "Questões do dia", de José Feliciano de Castilho, e enfeitados, logo após, em volume.

Ao desenvolvido ensaio indianista, seguiu-se um romance de costumes pernambucanos — "Casa de palha" — publicado em folhetins do *Jornal do Recife*.

A novella "Um casamento no arrabalde" não justifica a epigraphe — Litteratura do Norte — a que Franklin Tavora subordinou as suas obras de ficção. Aliás, mesmo para outras producções torna-se descabida e inconveniente semelhante classificação.



•O regionalismo, em se tratando de temas preferidos, não constitue condição sufficiente para differenciar a litteratura de um paiz, segundo os pontos cardeacs, os accidentes geographicos, os climas ou qualquer outra influencia mesologica. Seriam indispensáveis outros elementos característicos ou de differenciação, resaltando nesse numero a importancia da lingua, a preponderância da raça e outros factores da civilisação.

Franklin Tavora e Adolpho Caminha erraram quando prognosticaram o advento da litteratura do norte, em contraste com a meridional.

Não se observam, sequer, symptomas ou tendencias desse pretendido divorcio. Nota-se apenas o caracter regionalista, que também vigora no sul, determinando as divisões do genero romance, em urbanos e sertanejos, da vida da cidade e do campo ou das serras, como succede em relação aos romances que realçam a psychologia dos personagens, se subordinam aos processos do naturalismo, encerram certa dose de philosophia ou de humorismo e nos quaes predomina o cultivo da tradição histórica ou o exame dos magnos problemas sociaes. Não ha divergencia fundamental na litteratura brasileira, entre o norte e o sul do paiz.

A referida novella desenvolve-se nos arredores de Recife, como poderia ter por scenarios uma das villas de Minas Geraes ou do Estado do Rio.

Em "O cabelleira" o assumpto é mais regional, e sente-se o autor atrahido pela tradição, ao debuxar a psychologia ethnologica dos personagens. Aparece um salteador, um facinora, guindado á altura de heróe, propenso ao bem, quando lida com os fracos e os pobres, e manifestando instinctos indomáveis, ao enfrentar os fortes e poderosos. E' o typo dos cangaceiros do norte, um dos muitos Antonios Silvinos, estudados posteriormente por Euclides da Cunha, Rodolpho Theophilo e Gustavo Barroso.

Mais accentuados no modelo, são os romances successivos: "O matuto" e "Lourenço", ambos filiados ao genero historico, com os attractivos da vida bucólica ou campesina e paginas descriptivas sobre costumes de almocreves ou tropeiros e de habitantes da zona rural, antes e durante a denominada guerra dos mascates.

Dos que foram citados, prefiro o "Lourenço", sem considerar "O Sacrificio", esquecido entre as paginas da Revista Brasileira. Neste ultimo romance, olvidou o autor a missão que se impoz, de explorar o naturalismo tradicionalista e campesino, para abordar um thema de psychologia — a abnegação do amor materno. Estuda a situação de uma senhora divorciada, por incompatibilidade moral, do marido indigno, typo abjecto e torpe, a qual se vê na contingência de reconstituir, aparentemente, a vida no lar, para garantir o casamento da filha. Embora não seja o caso tratado á maneira dos modernos escriptores que constituem o grupo dos psychologos — Hervieu e Bourget entre muitos — apresenta a emoção sufficiente para ser incluido entre os melhores da nossa litteratura.

Além de romancista. Tavora pagou tributo á influencia byroniana, cultivou o genero theatral, ensaiou a critica e dedicou-se a estudos históricos. Escreveu um livro — "Trindade maldicta" — contos no botequim, á maneira de "As noites na taverna", de Alvaro de Azevedo, cuja influencia no escriptór cearense, se manifestou intensa e se exerceu no drama "Mysterio de familia", escripto na quadra da adolescência, aos 18 annos, e representado pela companhia de Furtado Coelho.

Ainda para o genero theatral, contribuiu com o drama "Tres lagrimas", do repertorio do autor Antonio Augusto.

Como critico, deixou as "Cartas a Cincinnato", de Sempronio, anteriormente publicadas nas "Questões do dia", de José Feliciano de Caáti



lho; as "Notas bibliographicas" da "Revista Brasileira", os estudos sobre Fagundes Varella e Castro Alves, e muitos artigos esparsos.

O critico, pondo de parte as represalias injustas e o proposito de prejudicar a reputação litteraria de Alencar, exhibio provas de valor, erudição e competencia.

Como nacionalista, além do caracter de sua obra de ficção, deixou as "Lendas e tradições populares", contribuição para o *folk-lore* brasileiro; "Os patriotas de 1817", além de outros trabalhos inéditos ou esquecidos nas columnas dos jornaes. Manteve a Revista Brasileira (phase Midosi — 1879-81), em torno da qual se congregaram escriptores de envergadura, como Machado de Assis, Taunay, Sylvio Romero, Carlos de Laet, Arthur Barreiros, Luiz Delfino e muitos outros que deixaram excellente collaboração nos dez tomos da revista. Pertenceu ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro, onde teve a saliência determinada pelo seu talento, e deixou vários trabalhos de valor, como "A extineção da escravidão no Brasil", o "Elogio historico dos socios" e o "Discurso" na sessão de encerramento.

Nasceu João Franklin da Silveira Tavora, filho do major Camillo Henrique da Silveira Tavora e D. Maria de Sant'Anna da Silveira Tavora, na Serra de Baturité, em um sitio pertencente a seu avô, a 13 de janeiro de 1842.

Recebeu a instrucção primaria na cidade de Recife, para onde se transferiu a familia, e em Goyana proseguiu os estudos preparatórios matriculando-se, em 1839, na Faculdade de Direito de Recife. Bacharelou-se em 1863, com a idade de 21 annos, e foi tentar a advocacia na então provincia de Alagoas.

Cedo regressou á capital de Pernambuco, por occasião do fallecimento do pae, para assumir o encargo da familia — viuva e tres filhos menores.

Dedicou-se, então, á vida jornalística, accetando o logar de revisor do "Jornal do Recife" e impondo-se, em curto periodo, pelo talento privilegiado.

Antes de concluir o curso acadêmico, já havia est.reiado com um livro de contos extravagantes, um drama, mais tarde refundido, e o seu primeiro romance.

A partir de 1869, redigiu, em companhia de J. B. de Castro e Silva, a *Consciência livre*, periodico anti-clerical e revolucionário, e successivamente escreveu em *O Americano*, com Tobias Barreto, e em *A Verdade*, semanario consagrado á causa da humanidade, em o qual agitou a questão religiosa, combatendo o poder ecclesiastico.

Foi eleito deputado provincial em 1868, nomeado director da instrucção publica, pelo presidente Silveira Lobo, e curador geral de orphãos, cargo que exerceu até 1873, quando se transferiu para a provincia do Pará, -na qualidade de secretario da presidencia.

No anno de 1875, mudou-se definitivamente para o Rio de Janeiro, onde desempenhou o cargo de official da Secretaria do Império e desenvolveu maior actividade intellectual, até fallecer, a 18 de agosto de 1888, victima da ruptura de um aneurisma.

Fundou a Associação dos Homens de Lettras, foi socio do Instituto Historico, do Instituto Archeologico e Geographico de Pernambuco, da Sociedade de Geographia no Rio de Janeiro e de outras corporações.

Casou-se em primeiras núpcias com D. Alexandrina G. dos Santos Teixeira, na cidade do Recife, de quem houve 4 filhos: Franklin (fallecido), Mauricio, Raul e Lucilla. As segundas núpcias foram contrahidas no Rio, em 1885, com D. Leopoldina da Conceição Martins que lhe deu



mais um herdeiro de suas qualidades e de seu talento. A Balthazar, o seu filho do segundo matrimonio, ou a Mauricio que já reuniu os dados biographicos de Franklin Tavora, incumbe a tarefa piedosa de colligir as producções esparsas e publical-as em volumes, juntamente com a obra inédita.

O temperamento do autor de "Lourenço", não era o de um poeta. Na sua obra pouco explora os themas sentimentaes ou o estudo da alma humana; volve-se de preferencia ao exame dos costumes populares, ás lendas e tradições nacionaes, aos phenomenos sociacs e aos aspectos da vida campesina. Pode-se classificar o romancista entre os primeiros escriptores que cultivaram o realismo, sem intenção ou systema preconcebido.

Exactamente como Manoel de Almeida e mais tarde Taunay.

Os quadros da natureza, pouco lhe seduzem o espirito, as paisagens e o ambiente nos seus romances não têm relevo. Elie prefere as descripções da vida em collektividade, dos costumes nas habitações ruraes.

Clóvis Bevilacqua, o seu melhor critico, escreveu com muito acerto: "As fontes de sua inspiração, foram: o sentimento patriotico e a liberdade. O primeiro fazia-o comprehender, pela sympathia, as chronicas do paiz, adorar os seus heróes e descobrir no futuro, mal esboçado ainda, no pensamento, uma forma de cultura, particular do povo brasileiro. Dahi partiu para desdobrar o estandarte de uma litteratura do Norte, onde lhe parecia que estavam assentadas as bases dessa formação social. A segunda fal-o batalhar na imprensa periódica e põe, nas suas obras litterarias, um ardor communicativo, que é dos mais prezados encantos, em trabalhos dessa especie."

E integravam-se romancista e historiador, na pesquisa do elemento traditivo, no isolamento do germen de nacionalismo que, bem cultivado, viesse proliferar na immensa região, atravez dos séculos vindouros.

Falleceu-lhe, todavia, envergadura para obra de tão elevado alcance. Não era dotado da faculdade poderosa de analyse e nem possuia a cultura philosophica indispensável a generalizar factos observados e imprimir a orientação decisiva do futuro. Mas, nem por lhe escasseiarem esses dotes prestimosos, deixou de desempenhar, a contento, o seu papel importante na evolução do genero literário que cultivou com mais carinho — o romance — e de prestar relevante auxilio á causa do nacionalismo, com o seu apego á tradição.

SUMMARIO PARA UM ESTUDO COMPLETO

A formação do espirito — Estreia do estudante — As difficuldades da vida — Acção no jornalismo — Influencia de Alvares de Azevedo — O theatro — Romancista — Indianismo — Regionalismo e tradição — Injustiça para com José de Alencar — O critico — Biographia do escriptor — O historiador — A influencia exercida por Tavora na litteratura brasileira.





ORPHEU, por Homero Prates. — Monteiro Lobato & Comp., S. Paulo, 1923.

Homero cantou o mytho de Orpheu, e o mesmo mytho de Orpheu acaba de ser cantado pelo sr. Homero Prates. Não ha nisto ironia, a despeito da differença e da distancia que separam os dois Homeros. E' que o sr. Homero Prates, neste livro, se revela, na realidade, um grego, um verdadeiro grego pela serenidade, pela eurythmia e pelo seu alto sonho de belleza. O distincto poeta e escriptor vem, desde ha muito, estudando o esoterismo através de todos os mythos e raças, e depois de exgottar a sua curiosidade no mosaismo, no christianismo esoterico e na theosophia hindu, mergulhou fundamente na rnythologia hellenica, tentando penetrar-lhe os symbolos e as grandes verdades occultas. Como esoterista, o sr. Prates é, dentre nós, um dos mais estudiosos e autorisados, e como poeta é um dos mais brilhantes. O êxito do seu poema vem d'ahi, da união do seu talento, como poeta, e do seu saber, como devassador de symbolos.

Serve de assumpto ao poema a lenda de Eurydice e Orpljeu, e o poeta tratou-o com uma encantadora delicadeza, tendo o cuidado de não se afastar nunca da lenda e do extranho esoterismo que ella occulta. "Orpheu", sobretudo, é um livro honesto, composto com uma seria convicção, que fará, por certo, a delicia dos que amam a boa poesia como a dos que se interessam por coisas de occultismo.

O DRAMA DAS COXILHAS, Roque Callaiz. Ed. Monteiro Lobato & Cia. 1923.

A revolução riograndense é, na verdade, um espectáculo "incisivo e impressionante no dominio da solidariedade collectiva". Consummados os actos que a opinião publica reprovava, bastou apenas, "um grito, para que a alma popular de inopino acordasse, acceitando, sobranceira, para a vida ou para a morte, essa larga attitude da desafronta, a única que lhe cabia. Das cidades, das villas, das aldéas começou, de um momento para outro, a fuga precipitada da mocidade. Da mocidade e da velhice. Essa fuga não tinha, entanto, o gesto de quem, amedrontado, dispara; tinha, pelo contrario, a imponência heróica de quem, olhando o perigo, não o teme."

"Os lares todos, os mais humildes, os mais abastados, desde o rancho dos posteiros até as mais modernas estancias, cahiram em completo abandono, como ermas tapéras onde apenas iria viver o génio pungitivo da saudade... Não se cuidava de outra cousa, lá fóra. Os que podiam, os que

tinham um pouco de amor ás tradições imperecíveis da terra natal, iam logo para a revolução. Era lá que estava a justiça, o direito, a razão, a liberdade. Zeca Netto, Honório Lemos, Leonél, Menna Barreto, Portinho, Adalberto, Azambuja e tantos outros chefes da rebeldia impavida, symbolisavam essa flôr magnifica de protesto, a nascer exuberante, cheia de calor e de seiva, em pleno desabrigo da Campanhã, sob a rude inclemencia do tempo, quer fosse nas avançadas do ataque, quer no perigo das linhas de defeza."

Palavras são essas de Roque Callage, penna adextrada que se evidenciou já numa pequena serie de obras, notável pela sinceridade e pelo cuidado da expressão sempre nova. Extrahimol-as de sua ultima produção *O drama das coxilhas*, que, trazendo-nos a impressão exacta dos acontecimentos que estão tingindo de sangue os pagos sulistas, é um hymno vibrante de consagração aos denodados farroupilhas. Após a sua leitura, borrorisada a mente pelas scenas selvagens que apresenta, mas por outro lado confortada pelos exemplos de heroísmo e abnegação que enchem as suas paginas, o leitor não se ha de conservar indifferente á sorte da provincia" irmã: seu coração pulsará isochrono com o dos bravos lutadores.

Essa circumstancia, e a de ser obra de arte, fazem d'O *Drama das Coxilhas*, já exposto á venda, um verdadeiro successo de livraria.

ASSOMBRAÇÃO, Manoel Victor, ed. Monteiro Lobato & Cia. S. Paulo, 1923.

Dos brasileiros que escrevem, raro o que não tenha começack) pelo verso. E' velha a balda de nos dizerem o povo mais cantador de que se ha noticia — balda, porém, que outrem já provou infundada por natural o facto. Não vamos, aqui, adduzir argumentos que comprovem o asserto. Queremos apenas frisar que o sr. Manoel Victor, ao que nos conste, fugiu á regra. Seu livro de estréa é de contos — e contos (pie estão a denunciar lllll escriptor de quem muito se pode esperar.

Na verdade, *Assombração*, na desigualdade dos relatos de que se compõe, é uma affirmação. Contem paginas que, com ligeiros retoques, qualquer assignaria. "Coração de macaco", por exemplo, tem vida. Historia horripilante, e por isso mesmo capaz de nos prender a attenção, lembra L'Isle Adam e Põe, sendo, porém, original. A *Historia de minlia mão*, também interessante, já é, porém, outro panno: lida em seguida áquella. deixa-nos n impressão de qualquer coisa que esvoaça, diluindo-nos o pasmo...

Figura o volumezitinho, sem deslustre, na "Bibliotheca da Rainha Mab", com a qual cabe mui a preceito no balaio de costuras de toda menina que se não dê só á agulha, que também ás letras.

A MESA E A SOBREMESA, Rosaura Lins, ed. Monteiro Lobato & Cia., 1923.

As donas de casa brasileiras sempre foram dadas ás prendas domesticas. Desde remotos tempos que o que se lhes ensina, com um tanto de rotina é certo, são os cuidados do lar e da familia, desde os da roupa aos da cozinha. Neste particular, principalmente, os deliciosos pitéus em que as quitadeiras escravas excelliam por vezes ás próprias patroas, ahí estão a attestar quão desvelada era a instrucção. Moça que se casava, moça



que se ia armada de conhecimentos para compôr excellentes pratos... Hoje, porém já não tanto assim. As nossas senhoritas podem saber o numero dos sapatos de Carlitos, a espessura dos olhos de Harold Lloyd, mas, em se falando d'um tutú de feijão ou d'um perú assado, d'um arroz de leite ou d'uma torta, não deixarão de amuar, Dor igno- rantes ...

Ha, por certo, remedio: recorrer aos livros de receitas que por ahi correm. Mas tão cheios anda a maioria delles de "batatas" que nos pa- rece acabariam por augmentar o horror das inexperientes cozinheiras. Si- tuação difficil, pois.

Mas eis que agora a senhora Rosaura Lins a soluciona de vez com o apresentar a sua obra — *A Mesa e a Sobremesa* — experimen- tada em annos de pratica culinaria e — o que é mais — sem aquelles in- convenientes, não só porque os dados são exactissimos, como pela clareza e correção da linguagem. A proposito, diga-se que a revisão do magni- fico receituário foi confiada ao illustre escriptor Julio Cesar da Silva, que, sem desdouro para os seus lauréis de poeta, a escolheu de todo e qualquer deslize de syntaxe.

E' o caso, afinal, de se parabendarem as nossas patricias.

FACTORAÇÃO ALGÉBRICA, Edgard Vieira, Offs. gra- phicas de Monteiro Lobato & Cia. São Paulo.

E' um pequeno compendio no qual o professor Edgard Vieira desen- volve com clareza o complicado methodo da decomposição em factores, de tanta utilidade e applicação no calculo algébrico.

Os compêndios em portuguez só de longe tratam dessa parte indispen- sável a todo estudante que inicia o seu curso de algebra. A monogra- phia do professor Edgard Vieira estuda detalhadamente todos os casos, analisa-os detidamente, estabelece regras e applica-as em numerosos ex- ercicios que, graduados convenientemente, dão ao alumno, sem esforço e sem o auxilio do mestre, toda a posse da matéria. O professor que con- scientemente exerce a sua profissão deve notar o grande papel da decom- posição em factores na mathematica elementar e mesmo na superior.

O calculo do máximo divisor commum, do minimo múltiplo com- mum, das fracções e das equações algébricas perderão toda a difficuldade, uma vez que tenha o auxilio da simplificação operada pela factoração.

O grande serviço que esse compendio prestará á nossa didactica só será revelado depois do seu uso e conhecimento por parte dos alumnos e pro- fessores.

O compendio traz um elogioso prefacio do professor André Perez y Marin, lente cathedratico do Gymnasio do Estado, em Campinas.

A parte material nada deixa a desejar.

O PRÍNCIPE FELIZ, Rosalina Coelho Lisboa, (De Os- car Wilde), ed. Monteiro Lobato & Cia. S. Paulo, 1923.

A senhora Rosalina Coelho Lisboa, cuja arte nos acostumamos a ad- mirar desde a apparição desse precioso *Rilo Pagão*, dá-nos agora novo trabalho seu. Não versos, porém; prosa; mas prosa tersa, escor- reita, limpida como crystal sem jaça. A hieratica cantora dos heróes de outras eras como que se despiu das vestes talaes que a tornavam mage;-



tatica, para nos convencer de que, se lhe sobra engenho no afeiçãoar a expressão á magnitude do thema confinado no âmbito do soneto, não somenos lhe é a capacidade de tornar-a transparente, a derivar manso e manso...

Verdade que se trata de traducção, e traducção de Oscar Wilde. Mas a tarefa de traduzir não prescinde do talento. Exige-o, antes, em alto grão, para que não redunde em traição, como lá diz o proloquio. Exige comprehensão exacta do pensamento do autor, senso seguro de medida e conhecimento profundo do vernáculo, que, aliados, levem a encontrar, neste, a expressão justa que o externe sem perda ou augmento de força.

E' o caso da senhora Coelho Lisboa. Versada na lingua ingleza, de que conhece os segredos tão bem como os do "meigo idioma", e dona de penetrante critério, consegue taes milagres que, vulgares fossem as paginas do grapte illuminado, a magia de seus fidalgos dedos emprestarelhes-iam inusitado brilho. Tal conjunto de circumstancias tornam-na autorizada a metter horrabros a outras empreitadas, que propiciem ao publico leitor obras como essa, escolhidas com mão de mestre. Mais que isso: a continuação de seu trabalho já se impõe, a bem de nosso progresso cultural. Quantos outros escriptores inglezes permanecem de todo desconhecidos dos brasileiros que têm?

Falamos da escolha da obra de Wilde: foi devéras acertada. O *Príncipe Felice* são alguns magnificos contos que a ardente imaginação do torturado poeta engendrou talvez nos seus escassos momentos de paz. Dir-se-iam poemas, taes a leveza dos enredos, o perfume de suavidade que de suas paginas se evola, o symbolismo encantador que os corôa. E' leitura que se faz de uma assentada, graças ao fino prazer espiritual que proporcionam. Não arrepiam: commoveni. Nem fazem rir; mas pensar.

BRUTOS E TITANS, Altamirando Requião, ed. Monteiro Lobato & Cia. S. Paulo, 1923.

Mattas e campos a se entremeiarem de culturas vicejantes e fruetescentes, o interior brasileiro se apresenta, a nós que nos conservamos longe, como gleba feraz e bonançosa, onde tudo são benesses. Invejamol-os sempre, os que, no dia-a-dia trabalhoso mas ridente, vivem a vida semi-barbara da roça ou do pastoreio, esperançados na colheita que ha de trazer a melhoria de condição. No entanto, que de tragedias, que de horrores não vae por esse *hiuterland*, com a actividade incançavel dos cangaceiros que matam e saqueiam? E' preciso ler o que nos refere o sr. Altamirando Requião, neste seu *Brutos e Titans*.

Na rustiqueza do sertão bahiano, á beira da "estrada que leva a Mirandella, também conhecida por Sacco dos Morcegos, sem que a Historia explique de modo uniforme e incontroverso, tal denominação", acontecimentos vários se encadearam resultando o drama de que nos dá conta com certo vigor de tintas. De um lado, a cobiça de uma fêra hominia porfiando pela mão da bella proprietária de dilatada sesmaria e seu consequente accesso de administrador a patrão; de outro, um aggregado humilde, cultuando nos recessos do coração a figura angelical da patroa e dando por ella o melhor do seu sangue... E entre ambos, como uma asa negra, um bacharel nomeado para o termo vizinho e que, portando no sitio por fortuito accidente, levar-lhes-ia, a ambos, as derradeiras esperanças. A par de idyllios entre este e a fazendeira joven, scenas de sangue e de feitiçaria em que são parte aquelles, um como autor, outro



como victima que tudo soffre sem blaterar por não perturbar o socego da amada. Mas afinal o velho odio deflagra de vez: atracando-se numa lucta de brutos, os dois titans rijos e musculosos, num "abraço supremo, que os confundia no seu odio terrivel, precipitam-se para sempre no val-lado chammejante..." Ouve-se "um baque surdo, emquanto fagulhas dis-persas estrellejam o espaço, tristemente..." Colmando a tragedia ser-taneja, uma cruz que se ergue sobre o boqueirão aterrado, e, tres mezes após, o casamento da fazendeira com o bacharel.

flagrantes nítidos da vida quasi selvagem desses nossos caboclos temperados ao sol causticante, banem por completo de nossa imaginação fantasiosas visões. Tanto que, após sua leitura, a gente apenas se re-volta contra a imprevidência dos governos que se não importam com esses miseros brasileiros que por ahi vegetam, sem instrucção, sem justiça, sem meios de communicacão com o mundo...

Recebemos mais:

Revista de Educação, organ da Escola Normal de Piracicaba e Es-colas Annexas. Piracicaba. São Paulo.

Revista Acadêmica da faculdade de Sciencias Jurídicas e Sociaes de Manãos, sob a direcção e redacção dos srs. drs.: Astrolábio Passos, Gas-par Guimarães, Regalado Baptista, Sá Peixoto, Gilberto Saboya, Wal-demar Pedrosa.

El camino, revista mensual de arte y literatura, dirigida pelos srs. Ni-colás Fusco Samsane e Federico Lanau. Montevideo.

Revista Brasileira de Engenharia, publicação mensal dirigida por J. Pantoja Leite. Rio de Janeiro.

Revista do Museu Paulista, Tomo XIII, contendo 1.300 paginas, commemorativo do Primeiro Centenario da Independencia Nacional, São Paulo, Officinas do "Diário Official", 1923.

Estúdios, Departamento de Instrucción. Panamá.

Archivo de Biología, revista mensal do Laboratorio Paulista de Bio-logia. São Paulo.

El Mundo Aucaerero, Nova York.

The International Digest of Organotherapy. Califórnia.

Mercure de France. Paris.

Rassegna Nazionale. Roma.

Revista Mensal de Meteorologia. Rio de Janeiro.

Em marcha para a independencia, por Manoel Braga Ribeiro. Pará.

Revista Commercial do Pará. Pará.

Revista de Educação. Piracicaba.

Le Strade, organo deli istituto sperimentale stradale deli Touring Club Italiano e delia commizzone meglioramento strade deli T. C. I. Torino.

Revista da Educação, direcção de Raul de Paula. São Paulo.

Memoria de los actos dei Poder Ejecutivo en los Departamentos de Relaciones Exteriores e Justiça, pelo Dr. Arturo Ramon Avila. San Salvador, Imprenta Nacional.

Bolctin dei Ministério de Relaciones Exteriores, San Salvador, Im-prenta Nacional.



A Reforma da Justiça do Distrito federal, Sinimbu. Rio de Janeiro.
S. Paulo no bolso, indicador paulista, publicação mensal editada por Henrique Grobel, contendo Calendario, Apontamentos, Repartições Publicas, Informações, Ruas, Plantas da Cidade, Horário dos bondes e dos trens, etc. São Paulo.

American Directory and Buyers Guide in the U. S.

Anuario Demographico, Secção de Estatística Demographo Sanitaria, anno XXVIII, volume I e II. São Paulo, Typ. Brasil de Rothschild & Comp., 1923.

La Semana, semanario de la Vida Nacional, director M. de J. Quijanos. Panamá.





JOÃO PINTO DA SILVA

Íá vae tempo, ensinou-me o catecismo que a preguiça é um dos vicios capitaes. Mas, dentre os vicios todos, não será o mais innocente? De resto nem os vicios são feios quanto os pintam. E' ajuntar-lhes umas tantas circumstancias, é pesar bem as condições de que derivam, e elles de logo se transfazem, e nem é raro que figurem de beatas virtudes.

Vêde o que succede com o Rio Grande. O Rio Grande soffre da velha preguiça mental. Não a desmentirá o Barão de Santo Angelo, que viveu longe de nós, e longe de nós fez a sua cultura. Acontecendo, porém, que esse peccado suppõe toda uma trama de epopéas, em que não menor foi a dignidade que o heroísmo, somos orgulhosos delle, e o confessamos de viseira erguida. E sabemos desdenhar de tal geito as arguições com que o Norte, vez em vez, pretende abater-nos, que ao certo havemos de irrita-lo. 35' que entendemos, cheios de bom aviso, que peccados que contam como justificação o passado que temos, passado que se projecta até a hora actual, numa ancía rebelde se fazer presente, passado que não quer morrer, — valem pela mais bella das virtudes. E' que entendemos que a causa do nosso peccado outra coisa não é que a mais sabia lição de vitalidade, e a mais nobre, que possa ter um povo, lição que devemos trazer de cór.

Somos, de certo, mais enamorados do cavalherismo farroupilha de 35 que os mineiros da sua chamada "escola" do século XVIII, si delia tomarmos em conta apenas a significação literaria.

Negada unicamente pelas almas ingênuas, a mingua que caracteriza a nossa vida intellectual, já se revestiu, á força de manter-se e prolongar-se, do character dos phenomeno. « E, como phenomeno que é, ao envés de discutida na sua existência indiscutível, deve ser explicada segundo sua natureza, segundo os aspectos que assume. Nem foi sob critério menos ajuzado que o arguto ensaísta dos "Vultos do meu caminho" trabalhou o seu preambulo á "Historia da literatura riograndense", que vae em adeantada elaboração. Verificado aquelle factio, cuidou o sr. João Pinto da Silva de estudal-o. E se comprehende, então, de como os longos períodos de luta a que nos obrigou a nossa condição geographica, não podiam talhar a tempera gaúcha sinão para o movimento, sinão para a acção constante e viva. Desde os seus primordios até hontem, o gaúcho não deu um passo que logo á frente, não topasse com provas, a qual mais ardua, em sua índole guerreira se não apurasse e afinasse. E mal abandonavamos a lança, e mal iamos acudindo as necessidades economicas que se nos impunham, — eis de novo nos lançamos ás armas, e de novo a cochilha estremece e estruge!

Assim que ainda somos longe daquelle serenidade, daquelle estado de contemplação que é o prenuncio das épocas fecundas para as coisas do pensamento e da arte.

Vem-se a comprehender, desse modo, o phenomeno da pobreza de nossa chronica



intellectual, e achal-o tão senhor de direitos como a queda dos corpos no espaço.

* #

Considerado o que foi dito, o nome do sr. João Pinto da Silva, de si relevante na literatura actual, adquire prestígio de excepção. Em esthetica, porém, interessam menos os valores condicionaes, os que dependem das referencias de momento ou de ambiente, do que os valores, mais simples e mais puros, que por si mesmos se apresentam ou vivem por si mesmos. E' este segundo aspecto que tentarei traduzir, ao de leve, algumas linhas physiomaticas do elegante critico riograndense.

No pórtico dos "Vultos do meu caminho", lêem-se dizeres de Anatole France e de Remy de Gourmont. Do seu conteúdo bem se pôde concluir a attitude do critico em face do artista. Sob o patrocínio espiritual dessas duas altíssimas expressões do génio francez, não se dirá que o sr. João Pinto da Silva tenha a fina malicia do primeiro ou a graça espiritual do segundo. Mas não se ha de negar que participa, nos seus juizos, daquella amavel sympathia esthetica, que é de ambos, e que deu novas razões de ser á critica litteraria. Convém ajuntar que essa sympathia o nosso escriptor enriquece de um tom pessoal que é só d'elle, e que não tem nenhum daquelles dois espiritos claros e luminosos. E' a bella franqueza que nella se contém. Aos pequenos como aos grandes, ao sr. Pedro Vergara como a Euclydes da Cunha, o autor das "Physiomaticas de "Novos" acolhe com o mesmo sorriso leal, onde não ha temer as alfinezadas da ironia. A malicia com que, uma que outra vez, tempera as coisas, não vae nunca até o homem. A sua attitude é simples. Não sei de meios olhares que a compliquem, nem de gestos dúbios que a desvirtuem.

Falei, ha nada, nos juizos do sr. João Pinto. Será que elle acredita nos seus juizos? Nem tanto quanto pensais. Dá menos por elles que pela verdade das impressões ou suggestões que lhe nascem da privança com os livros.

Dahi vem que as suas affirmações quasi nunca chegam até o fim. Param em

meio caminho, não como o viandante incauto á frente de qualquer encruzilhada, mas como quem, deante da ondulação de tudo, sabe duvidar dos conceitos, ainda mesmo os que lhe pertencem.

Isto, que alguns terão por acanhamento, não é menos que o resultado de uma attitude que só a muito custo se consegue. Affirmar, todos affirmam. A difficuldade está em medir e pesar as affirmações. Notai que, d'entre os vossos amigos, os mais categoricos são sempre os mais imbecis.

Demais, a cada momento, na indiscreção das entrelinhas, no pejo dissimulado das reticencias, se está a adivinhar que o sr. João Pinto da Silva não se cança de insinuar que não faz critica. Mas não é exacta a insinuação. O chronista subtil das "Bolhas de Espuma" é bem um critico, mas dos que puzeram de lado a palmaria, dos criticos-artistas, que tecem comentarios amaveis em torno dos livros, como os poetas em torno da vida.

Si, por vezes, prevalece o critico, nunca deixa o artista de concorrer com uma ou outra imagem, onde ha sempre brilho e seducção.

Certa vez, revelaram á critica a sua inutilidade. Disseram-lhe, com graça, que a sua função ou era apenas "matar o morto ou soprar no rosto do vivo". Mas ella, que é manhosa, julgais que se pôz a morrer? Não. Fez-se arte, e continuou a viver... E' uma literatura em volta de outra. Nelia, como num romance, como num poema, o autor não pôde fugir á sua personalidade. Tráe sempre um contorno especial, uma feição propria, uma tinta sua, que se não confunde nunca. Somos uns condemnados a nós mesmos, uns prisioneiros de nós mesmos.

E a critica, uma vez que deixou de ser scientifica, e, mais sábia, se convenceu de que o peso das obras de arte não é da sua balança que resulta, — porque não ha de ser uma nova maneira das nossas manifestações artisticas? A natureza suggéré, a vida suggéré... Por que não hão de suggerir também os livros, onde ha vidas e natureza? Serão elles tão rijos que os não possa assimillar, nem transfigurar, conforme suas características individuaes, um temperamento sensível e forte?



Quando eu abro um volume de ensaios, mais me interessa o modo de como o autor pensa e sente que as opiniões que elle emitta acerca de poetas e romancistas. Opiniões são sempre opiniões. São votos perdidos que nada montam no juizo do tempo...

Quer-me parecer que é dest'arte que pensa o sr. João Pinto da Silva. Nem sempre, talvez, foi assim que agiu, que nem sempre o favoreceram os motivos.

Mas é fácil de ver que nelle é cada vez maior o artista que o critico. E as "Physionomias de "Novos", bem que referentes a figuras ainda indecisas, parecem-me mais ricas de suggestões que os "Vultos do meu caminho", dois bellos volumes de critica e de arte.

Paulo Arinos.

(Do *Correio do Povo*, de P. Alegre).

NERO

Onde li haver Cláudio Nero, o vicioso intolerável e tolerável administrador romano, feito em Athenas, ha vinte séculos quasi, imperial e triumphante entrada repimpadamente num carro puxado por dois tigres? No mexeriqueiro Suetonio, talvez.

Tigres cordatos, de boa indole, de garras macias, esses! Tigres adherentes ao régio automedonte, demandantes do centro de civilização hellenica, encabrestados, fornecendo á zoologia histórica um completo e singular exemplo de resignação felina. Tigres que, ao contrario dos gallos, dos cães e de quantos outros bichos frequentadores da companhia humana — e por isso briguentos, e por isso mais cuidando da saúde que da fraternidade — caminhavam rumo ao circo, uniformes no passo, resolutos na obediencia.

Muda é a lenda sobre como, bastante deseguaes na altura, hirsuto um e com falhas capillares outro, acertavam tão bem o passo, harmonisavam tanto as physionomias. Que com firmeza puxavam o carro, que era do Estado, pois nelle ia o supremo poder, jamais houve quem se animasse a contestar. Mais legitimo credor de nossa admiração é, todavia, aquelle que por elles invariavelmente se fazia obedecer.

Que magnifico, que inexcédível cocheiro foi Cláudio Nero! Varão que conseguiu manter nos varaes uma parrelha de feras, sem que ellas o derribassem da bólea, capaz, capacissimo fóra de, vivente porventura nos modernos tempos, amansar dois corpos legislativos, encurtar rédeas a duas conspirações e dominar duas

revoltas em andamento. Nem Stofflet, o segeiro amotinador da Vendéa, se lhe aproximou em segurança. Nem Pedro I, tradicional auriga e vaidoso guiador de seis cavallos, teve tanta solidez no pulso: venceu, é certo, a revolução de 1824, mas foi por seu turno vencido pela de 7 de Abril.

Quer como autoridade constituída, quer como cocheiro, Nero merece consideração, chama estudo, motiva raciocínios.

Do confronto dos escriptores patricios (que o deprimiam porque producto do cesarismo plebeu) com as criticas que lhe foram applicadas pela subtileza de Beulé e pela intellectualidade larga de Paul de Saint-Victor, a razoavel conclusão leva a acreditar que se não era elle tão bom quanto se julgava, nunca foi tão ruim' quanto o diziam.

A' sua duvidosa culpa no pavoroso mas relativamente util incêndio da parte baixa de Roma, e ainda aos seus possiveis exageros na punição legal de iconoclastas provocadores, licito é oppor, com deliberada calma, a intelligencia e a bizzarria com que soube proceder em algumas outras opporrtunidades notorias.

Frisemos: o mérito ou o demerito dum governo, seu encomio ou seu desdouro, não se prestam a ser avaliados pelo que haja elle decidido sob a pressão dum ou mais instantes difficeis. Como as dos pleitos judiciários, devem as sentenças históricas procurar alicerces e examinar bases não numa, porém em todas paginas do processo. Complexo de factos e interesses, de direitos e deveres, de acertos e desacertos, poderá uma administração ser apre-



ciada pelo que revelou em phase circumscripta, no, conforme as circumstancias, tempo limitado dum dia?

Não. O adagio "dar tempo ao tempo" vale perenne licção de sabedoria util. Veneram-no os mestres; applicam-no os philosophos. Ha cinco mezes Bergson, no seu mais recente e discutivel trabalho, ainda argumentou que o "tempo é successão, não o conseguindo alguém conceber sem um *antes* e um *depois*". Já era assim quando Nero abrandava os tigres.

Antes de, á cata de applausos quiçá menos merecidos do que desejados, se alojar em Athenas como hospede sem convite, que fez o poderoso filho de Agripina? Amansou alimarias, é exacto; não as zurziu, porém, com atrocidades, sendo mesmo de imaginar que, respeitando-lhes a quentura da indole africana, não as houvesse condemnado ao supplicio da geladeira.

E depois? E quando o palmearam nos jogos olympicos? Responda por mim e pelo leitor um dos maiores acontecimentos de primeiro século da nossa era: fale a restituição da liberdade aos gregos, provincialisados pela centralisação romana desde aquelle Mummio, soldado e consular dK divertida memoria.

Que cocheiro, antes ou depois de Cláudio Nero, fulgurou nos fastos humanos com brilho tão intenso? Que outro escravizador de onças foi cumulativamente libertador de homens?

E como tem sido mal julgado nos tribunaes da posteridade o coração desse regio artista, que preferiu a mais numerosa platêa da Hellade para testemunhar o acto mais bonito do seu curto reinado! Equiparam-no acintosamente ao proprio

mal, adjectivando-lhe o nome numa qualificação aggressiva, iniqua, malfazeja. A' bondade, á clemencia, á tolerancia, jámais se synonymisou o vocábulo "neroniano".

Fie-se, porém, a gente na competencia dos juizes incompetentes! Acredite, quem quizer ser tolo, na imparcialidade do despeito e nos improvisos da ignorancia. Eu, 'não: não opino supprimindo os factos; se, para mim, o presente é o que é, o passado foi o que foi.

Esses mesmos Rhadamantes, que lavram contra o mais generoso dos cocheiros o mais condemnatorio dos accordãos, nem meia glossa até hoje redigiram contra a sujeice collectiva do povo grego que, humilhado, desfibrado, genuflexo, concordou em acceitar como dadiva a liberdade que da natureza recebera. Ulogico, repleto de podridão, o agradecimento dos descendentes de Thrasibulo, que expulsara trinta tyrannos, ao aclamado saltimbanco que lhes entregava publicamente uma carta de alforria!

Mais degradante que o despotismo que tortura é a subserviência que o tolera.

No tempo de Nero foi >estituído aos gregos o direito ao pensamento sem censura do governo.

No tempo de Nero reapareceu como um favor o livre uso do papyro e do pergaminho, imprensa da época, sem o visto da policia.

No tempo de Nero a Grécia perdeu a Vergonha.

Se até os tigres ficaram mansos!

São Paulo — 1923.

Martim Francisco.

ALPHONSUS DE GUIMARAENS

De Alphonsus de Guimaraens, morto não ha muito em Marianna, é possível que venham a dizer algum dia: "Foi um dos maiores poetas brasileiros do seu tempo". Para nós, elle foi alguma coisa mais que isso: foi o nosso Verlaine. O amigo de Rimbaud, mixto physionomico de salteador tartaro e fauno grego, frequentador assíduo de prisões e hospitaes, como que se comprouve em repetir a lenda de São Satyro, mostrando-se, com

inquietantes intermittencias, uma pittoresca figura de pagão convertido. Era- o peccador ingénuo que, mesmo arrastando a sua frágil carne pelos monturos da concupiscência, parece continuar em estado de graça. Muitas vezes filho prodigo, deve ter sido muitas vezes perdoado e banqueteadado pelo Senhor... Desse bizarro typo de Gringoire do século XIX, não lhe possuindo a amoralidade, possuía o autor do "Septenario das Dores" o



estro religioso, a imaginação etherizada, a doçura quasi eoliana. Ha, por exemplo, a suavidade desconfortante de uma segunda "Chanson d'automne" nestas quadras musicalissimas do Verlaine mineiro:

- O amor tem vozes mysteriosas
No coração implume...
— Como são cheirosas as primeiras rosas,
E os primeiros beijos como têm perfumeci
— O amor tem prantos de abandono
No coração que morre...
— As folhas tombam quando vem o outono.
E ninguém as soccorre!
— O amor tem noites, noites inteiras,
Ije agonias e de lethargos...
— Que tristeza têm as rosas derradeiras.
E os últimos beijos como são amargos!

A alma de Alphonsus só é comparável a uma harpa cujas cordas fossem feitas das cordas vocaes da Malibran. Suas estrophes modulam brandas notas de acalanto e compõem uma especie de ronda infantil, em que grandes olhos negros reluzem e pequenas boccas vermelhas e perfumadas gorgeiam. Sente-se nellas algo do rythmo anonymo das trovas populares, das redondilhas sertanejas e mesmo das arias tziganas, de todos os cantos tradicionaes cuja melodia se esboça ao de leve, timidamente, cheia de um pudor delicado, receiosa talvez de corromper-se nas sonoridades fortes.

Esse illuminado das montanhas de Minas ouviu vozes que antes delle nenhum outro ouvira entre nós, e, em seus enlevos de contemplativo, bem podia repetir como o pobre Iyélian:

O mon Dieu, vous m'avez blessé
d'amour...

Era um poeta de bem maior alma que os falsos musagetes do Rio. Sua arte dá-nos idéa de uma Scheherazada que os missionários tivessem convertido ao catholicismo e que, apesar disso, persistisse em contar-nos maravilhosas aventuras milemanoitescas. Para elle o amor foi, verdadeiramente, o "fons vitae". Seus gostos predilectos não prescindiam de certos requintes decorativos, analo-

gos, por exemplo, áquelles em que a basilica christianizada de São Marcos lembra os templos byzantinos. Forçoso é, porém, reconhecer que em quasi todas as suas composições ha a frescura de tintas e a limpidez espelicante desses azulejos nos quaes apparecem legendas commovedoras do "Fios Sanctorum".

Assim, o lirio vermelho da paixão carnal arrancava menos substancia á sua gleba poética que o lirio branco da paixão de Jesus. E lembre-se ter sido a proposito da tragedia de Jerusalém que o poeta celebrou a nossa graciosa flor do maracujá, com um encanto que não tivera o proprio Varella, chamando-lhe "passionaria" ou "flor da Paixão". E' que elle trazia na alma o passaro azul que canta no fundo de todos os sonhos infantis. Embora muitos dos seus versos profanos ostentem, na seducção plastica, o prestigio dos dedos que sabem o segredo das caricias, as rosas do seu jardim secreto encontravam em Alphonsus os mais sábios desvelos. E — a proposito de rosas — accentue-se que ainda ninguém as celebrou tão lindamente em nosso paiz:

Rosas que já vos fostes desfolhadas
Por mãos também que já se foram, rosas
Suaves e tristes! Rosas que as amadas,
Mortas também, beijaram suspirosas...
Umás rubras e vãs, outras fanadas,
Mas cheias do calor das amorosas...
Sois aromas de alfombras silenciosas
Onde dormiram tranças destrançadas,
Umás brancas, da côr das pobres freiras,
Outras cheias de viço e de frescura,
Rosas primeiras, rosas derradeiras!
Ai! quem melhor que vós, se a dor
perdura,
Para coroar-me, rosas passageiras,
O sonho que se esvae na desventura?

Seu copo — para falar como os antigos — não era muito grande, mas elle bebia sempre no seu copo. Não foi nunca um pelotiqueiro de vocábulos. Ignorava a amaneirada chinezice dos galanteadores de alcovas mundanas e os seus epithalamios representam milagres de ternura.

Ficavamos sonhando horas inteiras,
Com os olhos cheios de visões piedosas:



Éramos duas virginaes palmeiras
Abrindo ao céu as palmas silenciosas.

As nossas almas, brancas, forasteiras,
No ether sublime alavam-se radiosas.
Ao redor de nós dois, quantas roseiras!
O áureo poente coroava-nos de rosas.

Era um arpejo de harpa todo o espaço:
Mirava-a longamente, traço a traço,
No seu fulgor de archanjo prohibido.

Surgia a lua além toda de cêra...
Ail como suave então me parecêra
A voz do amor que eu nunca tinha ouvido!

Outros idealizariam, nas paragens mineiras, bosques cheios de nymphas e egípcios; elle idealizou apenas thebaidas cheias de anachoretas eromeiros. Alphonsus de Guimaraens, com a sua alma de ave, levava-nos a pensar numa andorinha emigrada da Judéa, embora os seus trillos perlados fizessem delle, no lirasil, paiz que não tem rouxinões, um rouxinol canoro, tão canoro quanto esses que, nos cyprestes das villas de Florença, desfiam as suas lyricas ás estreitas.

]e onde em onde, esvoaçam nos seus livros deliciosas figurinhas voluptuosas, <lte parecem evadidas de um adereço de Laliq. Vista, porém, em conjuncto, a sua obra é bem de um asceta, de um cultor da mystica, de uma especie de "doutor extático" do verso. Seu portuguez parece ás vezes latim de liturgia. Ha imagens de extra-vida, de extramundo nos seus poemas. Em taes poemas transparece, quasi linha a linha, a compunção meditativa do homem simples que vira a estreita de Bethlem e beijára os péssinhos roseos que agitavam as palhas de um humilde presqpe. Esse entusiasta das narrações de Perrault devia até acreditar naquillo em que hoje nem mesmo as crianças de collo, tendo talvez sugado o leite de uma ama pessimista, acreditam mais: nas barbas argenteadas e no sacco de brinquedos de papá Noel...

Escrevendo em prosa Alphonsus era ccomo um passaro andando. O contista apparece-nos nelle dos mais secundários, emquanto que o sonetista se mostra pro-

digo em obras primas que, peta religiosidade da emoção creadora e pelo esplendor da fôrma classica, podem ser comparadas a vasos de Mycenae cheios de rosas colhidas no Calvário. Assim, nestes quatorze versos macios como a pennugem do peito das andorinhas:

Hão de chorar por ella os cinnamomos,
Murchando as flores ao tombar do dia.
Dos laranjaes hão de cair os pomos,
Embrando-se daquella que os colhia.

As estreitas dirão: — Ai! nada sômos,
Pois ella se morreu, fulgente e fria...
E pondo nelle os olhos como pômos,
Ilão de chorar a irmã que lhes sorria.

A lua, que lhe foi mãe carinhosa,
Que a viu nascer e amar, ha de envolvel-a

Entre lirios e pétalas de rosa.

Os meus sonhos de amor serão defuntos...
E os archanjos dirão no azul, ao vel-a.
Pensando em mim: — Por que não vieram juntos?

E como esse escriptor ingênuo e honrado amava a sua terra, a bella Mariatina, bucolico recanto cheio dos aromas do passado, urbe evocativa que, com os seus conventos seculares, recorda a ecclesiastica Blois descripta nos romances provincianos de René Boylesve! Raras vezes saiu elle do seu rincão adorado. Indo um pouco além dos que se contentem com viajar em redor de seu quarto, Alphonsus, a percorrer longinquas plagas super-civilizadas, de Bedecker em punho, preferia vaguear petas serras de seu município, fazendo — alpinista a seu modo — essas deliciosas excursões em zig-zag que encantavam Topffer. Quasi que não lhe appetecia vir ao Rio. Destestava os parques geométricos de arredo penteado e relva cortada á escovinha, com algo de scenario de opereta, o que tudo parece feito para alimentar o pantheismo domingueiro de "snobs" cidadãos. Tão contente no seu eremiterio quanto Robinson na sua ilha, o autor da "Pauvre Lyre!", á natureza domesticada que provoca os chavões arcadianos de quantos pastores academi-



cos infestam as letras, preferia os largos painéis, a visão panorâmica de sua Maria-nna, examinada, como numa carta em relevo, de um topo de montanha. E a velha cidade enlevava-o com os seus terrenos irregularmente ajardinados, com o verde dos seus quintalejos e dos seus pomares, com as notas em resalto dos telhados rubros e das grimpas de campanarios, com as manchas indecisas dos outeiros que se esfumam ao longe como numa tela de pintor prerafaélita. Ficou mesmo celebre em Marianna a collina que o poeta escalava quasi diariamente, findo o seu labor de juiz, uma linda collina em tudo digna de ser o belvedere, o miradouro de um casal de noivos em extase. O pensamento somnambulicamente perdido em não sabemos que recordações fragmentarias, lá ficava Alphonsus de Guimaraens horas e horas... Framboezas sanguíneas brilhavam ao fundo dos grotões e a agua — agua que ao mesmo tempo ri e chora, como num amúo de criança muito mimada — bordava, entre as pedras, rendas chimericas de espuma. Fresca e límpida agua de Minas, que — diria Antonio Nobre — da sede só de a ouvir... Pombas arrulhavam pela cobertura das palhoças. Cerros e vergeis adquiriam uma nova juventude no sol primaveril. O proprio fim do dia tinha para o naturista christão a patriarchal serenidade de um suave fim de vida. E o poeta talvez pensasse então que o seu ideal fôra viver numa cella fradesca, de cujas janellas se divisassem, não roseiras purpurejadas pela sensualidade vegetal, mas — como num "hortus conclusus" — muitas dessas quaresmeiras outonaes que se carregam de flores roxas exactamente nas proximidades da Semana Santa. Ahí, sim, viveria elle tranquillo, repetindo a si mesmo:

Feliz da alma que não descreu de nada,
Onde Jesus eternamente habita,
Como dentro de uma hóstia consagrada!

Assignale-se, em particular, o amor de Alphonsus de Guimaraens aos templos da sua cidade natal. Filho de um Estado em que o catholicismo fala á imaginação popular pela graça das suas allegorias, pela

envolvente doçura das suas tradições, pela transcendente belleza do seu cerimonial, pela força da sua homogeneidade e pelo prestigio da sua duração, o morto, ao pensar nos mysterios da Igreja, sentia as suas incacteristicas vestes modernas converterem-se num manto talar de apostolado. Na falda do Itacolomy, mais á beira de Deus que nós outros rasteiros habitantes da planície chata, esse franciscano das letras cria viver num ambiente monástico quasi equal ao de Greccio ou de Fonte-Colombo. Elie, que, helleno, teria preferido o alegrete de Epicteto ao jardim de Epicuro, não fez senão, catholico convicto que era, amar a sua religião como um oblato, como um sacerdote leigo. Suas elegias eram teias de seda azul em que as preces se enlaçavam á feição de insectos de ouro. O ar que elle respirava como que dissolvia em seu sangue o aroma dos incensórios. Grande era a sua emoção ao visitar os templos de Marianna, com seus côros, seus altares, seus candelabros, suas talhas riquissimas, seus retábulos, suas inscripções archaicas e seus tumulos históricos. E as igrejas dali bem mereciam aquelle calor affectivo, por serem verdadeiras reliquias setecentistas, exemplares architectonicos de uma superior belleza de linhas e ornatos. O escopro de obscuros canteiros afestou-lhes a frontaria de finos labores que fazem pensar num ourives da pedra bruta.

Tal o sonhador cujos versos enriqueceram tanto Minas quanto os diamantes desta; tal o espiritalista que encontrou em suas crenças um frescor de vivificantes seivas occultas. Sente-se que o amor á arte era em Alphonsus quasi uma vocação religiosa. Trabalhando as suas estrophes, mostrava doçuras de maternidade. Não fez, de resto, simples poesia vital. Havia nelle mais que um mosaista, um ceramista, ou um illuminurista de livros de orações: havia um poeta profundamente sensível, profundamente humano. Se ouvia os rumores que vêm do paiz das almas, ouvia também os rumores dos vivos. A arte não foi apenas um luxo na vida de Alphonsus, mas a sua vida toda; dahi não ter elle escripto para um grupo de iniciados, e sim para todos os que sabem ler. São para todas as almas sonetos como



este, em que apparecem os dois motivos lyricos predilectos do autor, ou sejam a Lua e a Morte:

Estão mortas as mãos daquella Dona,
Branças e puras como o luar que vela
As noites romanescas de Verona
E as barbacans e torres de Castella.

No ultimo gesto de quem se abandona
A* morte esquiva que apavora e gela,
As suas mãos de Santa e de Madona,
Ainda postas em cruz, pedem por cila.

Uma esquecida sombra de agonias
Oscula o jaspe virginal das unhas
)C ao longo oscilla das pbalanges frias...

E os dedos finos... ah! Senhora, ao vel os
Recordo-me da graça com que punhas
Um cravo, um lírio, um goivo entre os ca-
[bellos]

Quanta coisa bella nos legou o poeta de
Marianna! E quanta coisa, talvez mais
bella não sentiu, sem poder expressal-a,
esse familiar do silencio das montanhas,
certo como é que as musicas mais suaves
de uma alma de poeta ninguém chega a
ouvil-a jámais:

Heard melodies are sweet, but those
[unheard
Are sweeter...

Pensem agora na morte de Alphon-
sus, do dulcissimo trovador de Nossa Se-
nhora, daquelle, que tendo lido a "Imita-
ção de Christo", quiz ser um imitador de
Christo. Estamos daqui a vel-o expirar
num recanto dessa Minas que tanto se
assemelha á Umbria de S. Francisco de
Assis, uma e outra regiões ao mesmo tem-
po ridentes e austeras, fecundas e selva-
gens. Morreu á hora do crepusculo, em-
quanto ao longe, nos templos mariannen-
ses, todos os sinos, cumprindo um desejo
do poeta, se preparavam para gemer

... em seus reponso:

Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!

E, no seu tumulto que flores teriam de-
sabrochado? Talvez as mesmas que desa-
brocharam no tumulto do irmão Ave-Maria.
Conhecem a historia desse frade, contada
por Bonvesin? Sua ignorancia era tão
grande que elle não sabia senão proferir,
a todo o instante e onde quer que estives-
se, a» chamada saudação angélica, o que
provocava a zombaria dos outros frades.
Morto, porém, o sublime ignorante, sobre
a sua cova nasceu uma roseira e nas
rosas, pétala a pétala, lia-se, em letras
de ouro: "Ave-Marial" E' que a roseira
tinha as suas raizes no coração do pobre
monge...

Agrippiuo Grieco.

("O Jornal", do Rio).

JULIO DE MESQUITA

A presença do Sr. Julio de Mesquita
nesta capital tem permitido a antigos ad-
miradores do jornalista conhecerem de
perto o homem singular que dirige o "Es-
tado de S. Paulo."

Diante da extrema simplicidade e des-
pretenção com que se apresenta o poderoso
individuo que maneja sem fadiga ha
tantos annos tão pesada e reluzente arma
de boa guerra — recebe-se mais uma vez
a impressão de que a modéstia é realmen-
te uma expressão da força.

A discreção sem entono, a affabilidade
sem ruido, a reserva sem seceura, a lha-
neza absoluta retocam de luz nova o re-
trato, definido em traços tão fortes e tão
vivos, que se trazia na imaginação.

Comprehende-se logo á vista do ho-
mem, porque o lutador não raro intran-
sigente cujo erecto perfil marcou relevos
tão firmes na politica do Estado e da
União, poude dizer no discurso que proferiu
ha dias, das amidades carinhosas que
possue: "nunca senti necessidade de er-
guer a voz para chamal-as; se as procuro
com os olhos já as encontro a meu lado,
espontaneas e delicadas, por igual pon-
tuaes, em todas as horas, tanto nas cer-
tas quanto nas incertas, assim nas minhas
alegrias como nas minhas amarguras'."

Nada é mais captivante do que a do-
çura dos fortes.

Os homens perdoam a superioridade
que sorri sem orgulho.

Eis porque, sendo tão admirado, e não mesmo tempo tão querido o Sr. Julio Mesquita.

E' um forte que não se avanteja da própria força; por mais que ella lhe bata no peito e lhe fuljam diante dos olhos os actos que a attestam na sua existencia de lutas e de victorias, mais elle a desconhece, incapaz sinceramente de a ver senão na bondade dos amigos e na benevolencia dos contemporâneos.

Essa inconsciência do proprio mérito não é senão um dos signaes mais tocantes illelle.

Fazendo-se uma apreciação do Sr. Julio Mesquita deve distinguir-se de um lado o cidadão, o republicano, o jornalista, o orientador, o director do "Estado de São Paulo", o patriota, o brasileiro; do outro lado, o homem de arte, o escriptor, o estylista, autor de tantos, artigos e notas famosas, reconhecíveis, pelo tom inconfundível, no corpo do jornal, á primeira vista.

Por qualquer delles, é o Sr. Julio Mesquita, uma das primeiras figuras do Brasil contemporâneo.

O "Estado de S. Paulo", sua obra, não é uma simples machina de ganhar dinheiro, um simples "magasin" de curiosidades offerecidas por espirito mercantil á gulodice do publico. Sendo um jornal destinado, como todo jornal que se presa, a attrahir, agradar e instruir, é antes de tudo, uma sentinella da Republica, alerta sempre no seu posto contra os inimigos delia e do Brasil. E poudes, graças á fidelidade com que serve aos interesses de São Paulo, tornar-se o reflexo da sua gente, seu espelho vivo, sua physionomia. O "Estado" é um registro animado das pulsações do potente coração de S. Paulo.

Poucos os órgãos de imprensa que sustentem, em tão largo decurso de tempo no Brasil ou fóra d'elle, esse "record", de ser, como o "Estado de S. Paulo", a luz dos olhos de um povo, sua expressão, sua alma.

Realizar este jornal, mantel-o igual si mesmo pelo espirito, adaptando-o ás necessidades novas sem lhe derogar as tradições e lhe desfigurar o pensamento — é realizar uma obra-prima de acção e demonstrar uma capacidade rara nas condições creadas pela vida moderna em nosso paiz.

Torna-se impossivel calcular os beneficios prestados pelo "Estado" a S. Paulo e á União; impossivel rememorar todas as luetas, todas as campanhas, todos os triumphos por elle sustentados e alcançados.

Impossivel por conseguinte avaliar a benemerencia do Sr. Julio Mesquita, cuja existencia no desdobraimento da sua actividade é o proprio "Estado de S. Paulo".

O ardente propagandista da Republica, cuja mocidade militante o Sr. Lauro Muller evocava ha dias no seu discurso, é ainda hoje o mesmo crente que reclama "um ponto ideal" e cujo olhar procura no firmamento da patria "a estrella das esperanças de 15 de novembro".

Entre os pro-homens, os fundadores, os consolidadores, os guias, os chefes da primeira hora, raros serão os que se lhe equiparem pelos serviços prestados; e, deante dos factos que testemunham esses serviços, pode-se affirmar que nenhum dos que restam da primeira phalange desinteressada é maior do que elle; rarissimos tão dignos de veneração do povo brasileiro. Esse director de jornal é de facto um grande jornalista na mais alta accepção intellectual e moral desta palavra. Sua cultura literaria e politica é authentica, feita de meditação, de estudo, de experiencia.

Seus escriptores nol-a revelam na altura do tom, na clareza, precisão e vigor do estylo, a que o bom gosto, primeira virtude do escriptor, communica distineção e graça.

Na conversação, mostra o Sr. Julio Mesquita quanto o espirito do verdadeiro homem de letras se pode preservar, pela auto-defesa instintiva, da vulgaridade, da ligeireza, do "pouco mais ou menos" reinante, de maneira geral, em nosso meio. Seu julgamento literário é fino, agudo; sua apreciação dos homens inclina-se mais para a tolerancia do que para o rigor.

Pertencendo a uma geração que sonhou grandes coisas e realizou algumas, o Sr. Julio Msquita é, como tantos dos seus companheiros da propaganda republicana, homem que tem o recordar. A crença nos grandes destinos da nossa patria fructifica na sua maturidade banhada do sol ardente da hora palpitante em que começou a germinar e crescer. E é, como a de tantos outros seus companheiros, um



exemplo de perseverança confiante para estímulo dos que marcham, não raro desiludidos, nas aridas steppes da actualidade. A robusta capacidade de não desanimar de todos aquelles que deram um pouco ou muito da sua alma pela Republica deve nos ensinar a persistir também sem desanimo a trabalhar por ella. Cada esforço sincero será pelo menos uma recordação a fulgir, mais tarde, como uma estrella, na sombra da nossa velhice.

Pouco deve importar ao coração generoso a indifferença ou a malignidade dos éontemporaneos. Basta-lhe a satisfação do dever cumprido. Na definição desse dever, muita vez se engana o homem de acção ou o homem de pensamento enredado do labyrintho dos dias que passam e conduzidos quasi sempre pela mão violenta da paixão.

Resgata-lhes comtudo o erro possível a honestidade, a pureza e a boa fé dos motivos que os inspiram.

Os que desejaram a Republica e a proclamaram não eram sinão díscolos ou energúmenos aos olhos dos sustentadores leaes do antigo regimen. Deu-lhes a victoria a gratidão da patria integrada na Republica. Os que a ajudam a durar e a conservar-se nos tormentos presentes, á custa de sacrificios moraes incalculáveis, com a sua dedicação, com a sua transigência comprehensiva com os males inevitáveis, no temor de males maiores realizam também na sua obra menos brilhante tarefa porventura não menos útil. Possamos todavia nós os da geração actual dar de nossa força

de alma mais alguma coisa que nos permitia também recordar.

Saudando nestas linhas o eminente jornalista que tanto honra 110 Brasil a profissão de escrever para o publico e o homem político que deu tanto do seu espirito e do seu tempo ás aspirações da grandeza da patria, penso corresponder ao sentimento de grande numero dos meus amigos e dos meus leitores que o admiram e veneram.

Desses, alguns têm podido "recordar" com elles nestes dias de convivência quotidiana no Rio bellas horas de sonho e de realidade vívidas ao calor dos nobres aneios da juventude.

Os que como eu chegaram depois trazendo nos olhos mai» visões do futuro do que imagens do passado, assistem na sua presença pela evocação da sua saudade ao desfilar de sonhos augustos e ao reviver de scenarios magnificos illuminados pelo clarão do ideal.

E assim, nesta estação de repouso o infatigável trabalhador, na sua simplicidade e despretenção, tornou-se um ponto de convergência de tantos homens diferentes, cabeças brancas e fronte juvenis, pensando em torno delle, pelo poder de sua suggestão, em muitas das grandes e finas cousas que enobrecem e adoçam a vida humana...

Gilbertq Amado.

("A Noticia," Rio).





DEBATES E PESQUIZAS

O PODER DA PHRASE...

Para onde vae a Europa?

E' fôra de duvida que os melhores prophetas não saberiam dizel-o. Todos soffrem do chãos, em que ella está mergulhada, inclusive os Estados Unidos, que são hoje, o mais rico paiz do mundo, e que soffrem do excesso mesmo desta riqueza. O alto cambio americano é o terrível isolador economico dos Estados Unidos com os outros povos, excepção de tres ou quatro. Uma das maiores victimas da calamitosa situação continental é a própria Inglaterra. A Grã-Bretanha importa, fabrica e re-exporta. Dir-se-ia que o Reino Unido é uma immensa fabrica, a qual, para o seu trabalho, só dispõe dos machinismos, do combustivel, de uma equipe de technicos e de um estado-maior de directores de primeira agua. Matérias primas e mercados é que é preciso ir buscar lá fôra.

Os inglezes são apenas 45 milhões, vivendo em duas ilhas agricolamente insufficientes para as necessidades desta população. Elles carecem de mercados, para onde drenar a superprodução nacional, obtida nas suas fabricas, com a importação das matérias primas estrangeiras. Onde, porém, encontrar esses mercados, em

uma Europa faminta, a qual, depois da guerra, a única industria, que pode desenvolver, foi a de papeis do Estado lithographados? A Inglaterra está luctando com uma crise de 1 112 a 2 milhões de "chomeurs". Os 170 milhões esterlinos, que ella, antes de 1914, vendia á Europa Central, acham-se reduzidos agora a menos de 7...

A penúria e a fome, a que está reduzida hoje a Europa Central, equivalem, para a economia britannica, a um desfalque de tão largas proporções como as devastações das provincias do norte, de que se queixa a França. Este é o ponto sustentado por economistas inglezes, e a elles lhes assiste inteira razão. Se a Inglaterra tem hoje 1 1/2 milhão de desoccupados, e se vê forçada a nutrir esta massa formidável de individuos, isto se deve á ruina do seu commercio, naquellas regiões da Europa onde elle attingira, em 1914, á maior prosperidade. Se o rico do velho continente, que é o inglez, se encontra assim, calcule-se a situação dos pobres, dos rotos e dos esfarrapados: a Bélgica, a França, a Italia, a Alemanha e a Áustria.

Em 1923, a Europa se acha tão atri-



bulada quanto em 1918, e o que é peor, enfrentando perspectivas mais tenebrosas do que durante a guerra. Então, os grupos rivaes appellavam para a victoria militar, e esta victoria era a miragem da felicidade, que alimentava a esperanza, aos dois combatentes. Hoje, porém, já não lia mais esperanza desta natureza; e, se a França, depois de cobiçar o Ruhr, amanhã, pudesse annexal-o, cila estariri com a morte no flanco. O mundo veria uma nova Alsacia Eorena mais dramática e mais revoltante. O velho continente está envenenado por uma rajada de odio, que as generosas aspirações tias classes proletárias, não conseguiram até hoje diminuir de intensidade. Os odios nacionaes permanecem mesquinhos e, de tal modo intrataveis, que a Inglaterra, com dois annos de tentativas de reconciliação, ainda não logrou attenual-os, quanto mais applcal-os. O activo europeu é um activo que, cada vez mais, se desvaloriza, devido á febre de destruição, que se appoderou de estadistas reaccionários, alheios ás realidades economicas objectivas.

Quantfo examinamos a conducta observada pelo Sr. Poincaré, na questão das reparações, a conclusão que tiramos é a de que o illustre estadista francez não procura no Ruhr reparações, mas uma coisa muito mais importante, para o que se lhe affigura a segurança politica da França, e que é o desmembramento do Império Germânico. Durante a conferencia de Paris, o marechal Foch, e os Srs. Poincaré e Clemenceau tentaram, por todos os modos, a desintegração da Rhenania, do organismo da Prússia e do Reich, e só o não conseguiram porque os Srs. Wilson e Lloyd George se oppuzeram ás aspirações do nacionalismo gaullez. Mauricio Barrés declara diariamente, em nome do nacionalismo integral, que o tratado de Versailles. é insufficiente, porquanto não constituiu o Estado Rheno gravitando ao rythmo das ambições napoleónicas da Republica.

Em 1920, quem estivesse na Allemanha, veria a somma enorme de sacrificios que os partidarios do meio, responsáveis pelo governo, se impunham a si mesmos, afim de satisfazer ás exigencias do Tratado de Versailles. Estes partidos renun-

ciaram muitas vezes á popularidade, expondo-se a vexames incalculáveis, comtanto que se cumprissem as clausulas daquelle pacto. E' que elles estavam certos de que, mais dia menos dia, a inexecução desta ou daquelle clausula, acarretaria a occupação da bacia industrial westphaliana. Quem tomar as sommas dos pagamentos executados pelo Reich terá a prova do empenho posto pelo governo imperial em prova da sua boa fé, na execução do tratado.

Já não falemos do valor de 4 1/2 bilhões de marcos ouro, da frôta mercante entregue á Entente, do valor das minas do Sarre, equivalentes a um bilhão de marcos ouro, dos dominios do Reich e dos Estados nos territorios cedidos, representando um total de cinco bilhões e 400 milhões de marcos ouro, nem da tonelagem fluvial do Rheno, cabos iil-troceanicos, material rodante de caminho de ferro, bens abandonados nas regiões occupadas, carvão, gado, material corante, etc. tudo sommando mais de 16 bilhões de marcos ouro. Tomem-se os pagamentos effectuados em moeda corrente, em marcos ouro depois de 1920: 448 milhões até 31 de maio de 1921; 599 milhões até 31 de agosto de 1921; oito pagamentos de um total de 248 milhões; tres de 50 milhões cada, mais um de 33 milhões; o Recovery Act inglez até 1.º de junho de 1922 equivalente a 77 milhões; um clearing até o mez de junho de 1922, de 598 milhões, ou seja, um total de 2.158 milhões de marcos ouro pagos. Não são argumentos. Estas cifras respondem de um modo conclusivo ás palavras do illustre Encarregado dos Negocios de França no Rio de Janeiro, em seu discurso de 14 de julho ultimo. Elias têm a friesa mathematica dos números, impondo-se a qualquer espirito sereno, capaz de ver os acontecimentos da Europa com imparcialidade.

Será crivei que não sinta o sr. Poincaré a boa fé traduzida na abundancia «lestes pagamentos? Sim, sente-a também o chefe do governo francez, que é, depois de Ribot, o estadista que melhor conhece a administração publica em França. Sómente elle é um insigne patriota, e como todo homem saturado de patriotis-



mo, o Sr. Poincaré olha primeiro os interesses particulares de sua Patria, para depois considerar os geraes da humanidade. A falta de pagamento deste ou daquelle credito das reparações, como succedeu no caso das entregas de carvão, constituiu o melhor pretexto para o ensaio de desintegração rhemana, que foi a marcha sobre o Ruhr.

O Sr. Clemenceau disse, depois do armistício, que a França estaria sempre em posição de inferioridade em face da Allemanha, enquanto a mulher germanica tiver quatro filhos e a franceza dois. Ora, qual o meio de eliminar esta differença? E' impedir que a mãe allemã nutra quatro crianças. No dia em que a Rhenania fôr um Estado vasallo da França, incorporado ao regimen economico e alfandegario francez, a Allemanha estará impossibilitada de poder alimentar 65 milhões de habitantes. Ella não terá productos industriaes, para trocar por generos alimenticios, matérias primas e carvão mesmo. Industrialmente, 70 olo da Allemanha é a bacia carbonífera westphaliana. Desarticulada esta do seu organismo economico, não lhe restarão recursos com que prover a subsistência senão de 40 milhões de individuos. Os outros 25 milhões terão de emigrar ou morrer. A separação não era uma conquista possível, com os Dorten e os outros instrumentos da politica de anexação franceza da Rhenania. Terá de ser obtida a preço de uma methodica e prolongada, occupação, e, como a these franceza, sustentada desde 1919, consiste em não começar a contar até agora os prazos da occupação, em vista das inexecuções do tratado pela Allemanha, Paris possui diante de si ainda bastante tempo para compor as coisas no Rheno.

Mão grado estas malversações, a verdade é que a Allemanha não tem o poder de fazer vibrar o mundo em presença do seu soffrimento. A invasão da Bélgica sacudiu o universo inteiro, de uma crispação de horror. E a invasão do pequenino Reino dos belgas era um crime perpetrado em plena guerra, com a atte-

nuante da exaltação bellicosa. Hoje, o calvario da Allemanha deixa o occidente frio, incapaz dos protestos que abalaram os parlamentos de vários paizes em 1914. Theodoro Wolf tentava ha pouco explicar a indiferença do mundo, olhando o chaos allemão, pela incapacidade dos homens de pensamento germânicos para construir phrases de effeito.

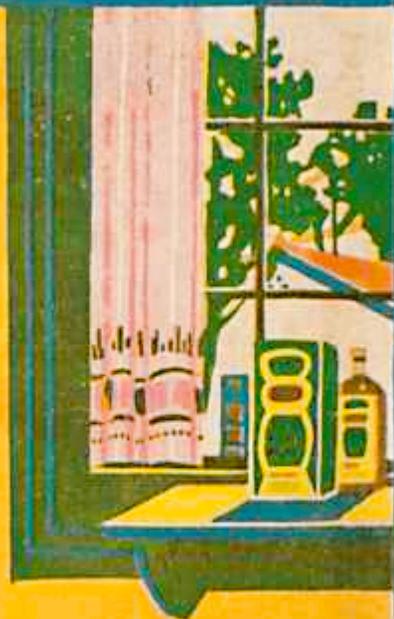
Em 1914, os francezes as manipularam admiraveis, obtendo resultados surprehendedentes. G. Demartiai demonstra em um livro. "Comment on mobilisa les consciences", os sophismas primorosos que se elaboraram em França, para inspirar nos outros povos o horror pela Allemanha. E que esplendido triumpho não foi o obtido! Agora invertem-se os papeis. Os allemães são os invadidos, os perseguidos, os torturados, os expatriados da propria patria, e a Inglaterra, os Estados Unidos, assistem a estes actos de sabotagem do patrimonio da civilização europea, sem a iniciativa de uma providencia, que os faça cessar. A reconstrução da Europa estava reclamando a colaboração effectiva de todo o continente, e, em vez desta forma de cooperação, temos, debaixo dos olhos, o espectáculo da politica de revanche, da exploração do vencido pelo vencedor, do triumpho das forças do aniquillamento sobre as do trabalho pacifico e proficuo.

Ao sr. Stressmann, que realiza talvez a ultima experiencia do governo constitucional, na Allemanha, só restam duas formulas: ou lançar o paiz nos braços de Moscou, ou directamente tratar com a França. Esta ultima é a formula que o chefe populista deve estar desesperadamente tentando, com que resultados só o futuro poderá dizer. O que não resta duvida porém é que o Sr. Stressmann tem todas as qualidades para tratar com os francezes. As duas vezes em que conversamos, elle me pareceu felino, subtil e cheio de tacto, como rarissimamente são os allemães.

A. Chateaubriand.

("A Noticia", Rio).

Li sou um menino
Gordo e corado
devo tudo ao
Biotonico
Fontoura



BIOTONICO FONTOURA



O MAIS COMPLETO FORTIFICANTE

J.P.
WFSSEL



Biotonico Fontoura

O MAIS COMPLETO
FORTIFICANTE

Torna os homens vigorosos, as mulheres
formosas, as crianças robustas =====

CURA A ANEMIA,
A FRAQUEZA MUSCULAR E NERVOSA

AUGMENTA A FORÇA DA VIDA - PRODUZ
SENSAÇÃO DE BEM ESTAR, DE VIGOR. DE
SAÚDE - EVITA A TUBERCULOSE

M O D O D E U S A R :

BIOTONICO elixir

Adultos : 1 colher das de sopa ou meio cálice antes do
almoço e antes do jantar.

Crianças : 1 colher das de sobremesa ou das de chá,
conforme a idade.

BIOTONICO pastilhas

Adultos : 2 antes do almoço e i. antes do jantar.

Crianças : 1 pastilha.

BIOTONICO injetável

Injectar o conteúdo de uma ampola diariamente em in-
jecção intramuscular.

COM O USO DO

Biotonico

NO FIM DE 30 DIAS OBSERVA-SE:

- I — Augmento de peso variando de 1 a 4 kilos.
- II — Levantamento geral das forças com volta de
appetite.
- III — Desapparecimento completo da, dôres de ca-
beça, insomnia, mau estar e nervosismo.
- IV — Augmento intenso dos globtilos sanguineos e
hyperleucocytose.
- V — Eliminação completa dos phenomenos nervosos
e cura da fraqueza sexual.
- VI — Cura completa da depressão nervosa, do aba-
timento e da fraqueza em ambos os sexos.
- VII — Completo restabelecimento dos organismos de-
bilitados, predispostos e ameaçados pela tuber-
culose.
- VIII — Maior resistencia para o trabalho physico e
melhor disposição para o trabalho mental.
- IX — Agradavel sensação de bem estar, de vigor e
de saúde.
- X — Cura radical da leucorrhéa (flores brancas) a
mais antiga.
- XI — Após o parto, rápido levantamento das for-
ças e considerarei abundancia de leite.
- XII — Kapido e completo restabelecimento nas con-
valescenças de todas as moléstias que produzem de-
bilidade geral.

O Biotonico Fontoura
Julgado pela probidade
scientífica do professor
Dr. HENRIQUE ROXO

Attesto que tenho pres-
cripto a clientes meus o
Biotonico Fontoura
e que tenho tido ensejo de
observar que ha, em geral,
resultados vantajosos. Par-
ticularmente, mais proficuo
se me tem afigurado o seu
uso quando ha accentuada
desnutrição e occorrem ma-
nifestações nervosas, della
dependentes.

Rio de Janeiro, 10 de
Setembro de 1927.

(A. Dr. Henrique de Brito Belfot
fiolo

Professor de moléstias
nervosas da Faculdade de
Medicina do Rio.

O que diz o preclaro Dr.
ROCHA VAZ, professor
da Faculdade de Medicina

Tenho empregado constan-
tamente em minha clini-

Biotonico Fontoura
e tal tem sido o resultado
que não me posso mais fur-
tar á obrigação de o recei-
tar.

Rio de Janeiro, 10 de
Agosto de 1920.

Dr. Bocha Vaz

Professor de Clinica
Medica da Faculdade de
Medicina do Rio de Ja-
neiro.

O Biotonico Fontoura
consagrado por um grande
especialista brasileiro

Attesto ter empregado
com os maiores resultados
na clinica civil o preparado

Biotonico Fontoura

Rio de Janeiro, 12 de
Julho de 1921.

A. Austregésilo

Professor cathedratico
de clinica neurologica da
Faculdade de Medicina do
Rio de Janeiro.

Palavras do emnente
scientista Exmo. Snr.
Dr. JULIANO MOREIRA

Tenho prescripto a
doentes meus e sempre que
lhe acho indicação therapeu-
tica o

Biotonico Fontoura

Rio de Janeiro, 20 de
Julho de 1920.

Dr. Iullano Moreira

€

Preparação especial do "INSTITUTO MEDICAMENTA"
FONTOURA, SERPE & Cia. - S. Paulo





CURIOSIDADES

O SPENGLERISMO

Faz já algum tempo, falando <los ensaistas philosophos allemães lia actualidade, multo de corrida lembramos o nome de Oswaldo Spengler, o prdpheta da "Quêda da civilização occidental" ("Der Untergang des A-hendlandes"), que tantas discussões, criticas, coninientarios suscitou na Alemanha e nos paizes cultos.

Não lhe foram poupadas, com ^a critica, a injuria de charlatanismo, de mathematico Intromettido em assumptos fóra do sua aliada, nem a calumnia de que fazia obra tendenciosa contra a conflagração da guerra mundial.

Como quer que seja, elle foi enormemente discutido na Allenianha, na Inglaterra, e se a França ainda o não conhece com grande Inteireza (o que redundna na ignorância dos seus satellltes latinos) é que a animadversão da guerra ainda lhe perturba a imparcialidade e a syinpathia pelas coisas allemãs.

Dentro em pouco tel-o-emos, porém, ao lado de Nietzsche, entre as preoccupações do espirito francez, o que dará ao philosopho allemão todas as vantagens do prestigio, da clareza, da

graça, da própria moda e da universalidade.

Como quer que seja, é ainda hoje a França a pedra de toque da verdadeira popularidade.

Sem quereremos (e seria vão intento) expor a complicada concepção da historia de Oswaldo Spengler, que necessita longas individuações, diremos algumas palavras da sua theoria da fatalidade histórica e da sua convicção — de que chegamos ao abysmo do aniquilamento.

Está para elle acabada a nossa tarefa de homens civilizados, e só o futuro dirá que raça nova retomará llo planeta a vida de espirito e de cultura civilizadora.

O "spenglerismo" é uma pliilosophia poética da historia e do espirito humano.

Recusando os methodos chamados scientificos, por absurdos, fóra das sciencias pliysicas e naturaes, Spengler reclama um tratamento especial para o estudo dos plienomcnos liistoricos.

A historia é o proprio espirito que se objectiva em realidades. "E" uma psychologia", disse uma vez Rénan.

O meio que temos para definir as coisas mortas é a lei mathematica, c esse é o methodo physico-natural; o meio, porém, de comprehender as coisas históricas t simplesmente a "analogia" e esse é o methodo da historia.

Essa "analogia" nos phenomenos da historia, sempre foi praticada com approxlmação, com probabilidades incertas, com verosimilhanças inevitáveis, processos que inculcam a possibilidade de uma verdadeira phiiosophia da historia. As comparações c-rani, em geral, imperfeitas, mas o principio da analogia sempre l'oi a comparação.

Não havia erro nas doutrinas anteriores, diz Spengler, mas superficialidade e falta de profundez. A apreciação dos factos liistoricos não se ligando em séries de causa a efeito, não havia o que se chama "erro" nas sciencias physicas.

As doutrinas antigas e modernas falhavam por escassez da verdadeira intuição.

Os jacobinos da grande revolução franceza diziam-se "romanos" e imitavam Bruto, Scevola e Catão. Os "conventos" reformistas chamavam a Inglaterra com suas grosserias mercantis de nova Cartlingo. Napoleão foi sempre a imagem repetida de Alexandre ou de Cesar. O socialismo russo é algo comprehensivel, segundo o modelo do christlanismo primitivo.

Essas comparações um pouco arbitrias são profundamente inexactas, porque não existem repetições na historia, mas denunciavam o parnllelismo de todas as culturas, quaesquer que sejam os erros de analogia.

Os grandes historiadores do nosso tempo não evitaram essa tendencia incoercivel da analogia; Itanke appproxima Cyaxares e Henrique I c o proprio Mommseii descobre em Cesar contra Cicero o sentimento de imperialismo moderno.

O defeito geral dessas analogias provinha e provem ainda da ignorância de uma sciencia nova da historia; Spengler é o fundador do conceito da — "morphologla histórica" — sem a qual o espirito humano perde o caracter de noção comprehensivel. O mundo como "historia" não é o mundo como "natureza", não está sujeito a expressões matliematicas das leis naturaes. listas, na phrase de Spengler, traduzem a causalidade, isto e, a "lógica do tempo". Nas sciencias da natureza lia "necessidades", nas do espirito lia outra coisa, ha "fatalidade" ou destino.

Outro conceito que é preciso quantificar é o do espirito collectivo. A humanidade é certamente unia grandeza zoologica; mas não lia nenhuma "humanidade" como ser uno continuo e idêntico e progressivo.

Os verdadeiros seres neste genero são os povos que têm "cultura propria" e estes são entre si independentes, embora parecidos por analogia.

Assim, pois, a historia geral conpreliende o estudo de varias "culturas" que nasceram, floresceram, decahiram e desapareceram, como foi o caso da cultura egypcia, da cultura babytonica, da cultura mediterrânea (greco-romana), etc.

Esses é que são os verdadeiros individuos espirituacs da historia e, como pertencem á natureza humana, sobre elles podemos construir a analogia e a comparação dos phenomenos. Se tivermos uma morphologia exacta das differentes culturas ou especies humanas, é evidente que ficará extremamente reduzida a probabilidade de erros de analogia.

Estariamos, assim, habilitados não a governar a vida dos povos (o que equivaleria na esphera natural a dirigir ou derogar as leis naturaes e suas expressões niathematicas), mas estariamos habilitados a prever o destino de todos eltes. Conheceríamos a "fatalidade" da historia.

Esse prophetismo é o que exerce com desassombro o nosso philosopho. Lançando as bases da morphologia

histórica e estudando a analogia das varias culturas, Spengler annuncia-nos a — "Queda do Occidente" — a morte da civilização actual, por que individualmente chegou á perfeição, attingiu a essa duração especifica e só lhe resta dissolver-se como qual-quer organismo que realizou o cyclo da vida que lhe era própria.

Para comprehendel-o nos devidos termos é essencial distiguir o que elle define como "cultura" e "civilização".

São coisas distinctas: a "civilização" é a ultima phase da "cultura"; é o principio de sua putrefacção e ruina. A cultura occidental chegou ao seu período final de civilização e dissolve-se lentamente.

Chegamos á phase da velhice e decomposição analoga á que arruinou a civilização antiga 110 período do cesarismo político de Roma.

As analogias mais fortes e evidentes são as da irrelglosidade, do esgotamento da arte e da poesia, da philosophia e da liberdade politica, característicos daquelle tempo e do nosso.

A cultura antiga greco-romana fenecceu com essa civilização; nada tem de commum, no sentido da continuidade, com a "cultura" moderna, que nasceu com os barbaros, chegou á sua extrema civilização e lentamente, agora, perece e agoniza, esgotada e impotente.

O BAILADO SOBRE O CADAVER DE SOLANO LOPEZ

Houvera sido enterrado o imperador Calígula sem ns cerimonias rituaes dos mortos, e a antiguidade do seu tempo, intellectualmente decapitada, suppunha errar su'alma pelo azul dos espaços, por não ter sido profunda a crypta, nem convenientemente cerrada a "sonnée" mortuaria, consoante o prescripto na religião dos tumulos. E, porque fõra monstruosamente barbaro, crudelissimo no tra-

Esse é o quadro da "fatalidade" ou do destino de todas as civilizações.

Para o observador superficial e que só vê o presente, aos percalços da actualidade, Spengler não passa de um "pessimista".

Elle, entretanto, protesta contra esse epitheto occasional. A sua convicção da ruina do Occidente não a traiçoa qualquer temperamento pessoal. Não é optimista nem pessimista; concluo dos proprios fundamentos da sua theoria que chegamos ao fim da civilização.

Estamos na mesma situação dissolvente do "panem et circenses" substituidos agora pela questão do salario e pelo "sport".

Oswaldo Spengler deriva de Goethe, de Nietzsche e de Augusto Comte.

Corno este ultimo, elle dá por definida e acabada toda a sciencia positiva e como aquelles entende que a arte actual é de pura imitação retrospectiva e está inteiramente esgotada.

Daqui por deante estaremos á mercê dos soldados, do cesarismo e da força bruta.

E' realmente um quadro lugubre o das perspectivas que nos cabem no século presente. O majestoso e tranquillo rio da civilização, como num calefrio nos dizia Carlyle, aproxima-se de um Niagara formidável.

João Ribeiro.

("O Jornal", Rio).

to do povo romano, dissipador da riqueza-publica, sua alma, vagueando, persistiria em flagiciar os vivos, originando males nas cidades, estragando as searas, arruinando populações, recomeçando as guerras, e... elevando cavallos a cônsules.

Temente, exhumou-lhe o povo o caflaver para ao de novo haixal-o á terra, com o ritual l'unebre, até de onde não mais pudesse a alma se evo-

lar facilmente, abandonando o corpo.

Ora, têm os tempos tido muitos Caligulas ao depois; muitos outros "incitatus", porém humanos, têm sido elevados a cônsules de largos rostos espalmados, escanhoados, perfumados. E nem se descreia de ser indubitavelmente esta uma das fôrmas indirectas de se redimir a humanidade de seus peccados.

Quando, no 1.º-de-março de 1870, a cavallhada do bravo general José Antonio Corréa da Camara prostrou para a eternidade o marechal Solano Lopez, dictador paraguayo, quasi... Napoleão do Novo-Mundo, foi sua mesma amante, a formosa Elisa Lynch, quem, seguindo a pratica do passado, beneficiou o continente com a melhor das providencias opportunas, porque... mandou bem fundamentalmente esterroar-lhe a sepultura, para não deixar errante o espirito, nem porventura a vistas o corpo do apaixonado companheiro de prazeres.

De facto: á hora do aprisionamento e morte de Lopez, estava Elisa Lynch ao lado do dèspota, acompanhada de oito dos filhos restantes desla sua derradeira ligação amorosa mais prolongada. Com o nobre intento de lhe pouparem a vida, a dos filhos e parentes, levaram-na os nossos officiaes para logar afastado do acampamento, aonde esperassem o tempo necessário para, a bom recaio, conduzirem a infortunada amante até o antigo quartel-general paraguayo, a fim de, protegida pelas nossas forças, tomar com os filhos a direcção de Concepcion.

Neste entrementes, aproveitada a

natural desordem do momento, trouxe uni grupo de gentios paraguayos o cadáver de Solano Lopez para as proximidades do antigo quartel-general, e o collocaram em raza cóva de modo a ficar a barriga do cadaver no mesmo nivel do terreno. A seguir, entraram a cantar e bailar em derredor e sobre os despojos de Lopez, e, precisamente em cima da barriga do cadaver, em directo contacto com a pelle, rodopiava IIIII dos gentios, desferindo gritos como os de alarma e alegria!

Já então vinha vindo Elisa Lynch quando, de prompto, deparou o sacrilégio. Tocada no recesso mais intimo de suas recordações, investiu a bella irlandeza contra os gentios, como se fôra homem affeito aos violentos embates da luta physica. Intervieram os officiaes brasileiros, coronel Silva Paranhos e major Floriano Peixoto, dispersando os profanadores. A rôgo de Elisa Lynch foi desenterrado o cadaver: estava completamente despido. Ella mesma, então, chorando, o envolveu num lençol branco e, instantemente, pediu a escavação de muito funda sepultura, em cujo interior a alma e o corpo do amante, como a alma e o corpo de Caligula, ficassem... "ao abrigo eterno dos ingratos paraguayos e dos ambiciosos alliados".

Plenamente satisfeita, pouco depois deixava Elisa Lynch o solo americano, rumo de Paris, onde, em 1888, morria pobre e abandonada.

Mario Bulhão.

"O Jornal", Rio.

AS OFFICINAS FORD

A fabrica da Ford Motor Company em Highland Park, Detroit, nos Estados Unidos, que occupa uma área de cerca de 50 alqueires, comprehendendo uns 20 alqueires de edificios, é a maior fabrica do mundo, comparando-se o seu conjuncto com as demais fabricas do genero. E' lá que se fabrica o carro Ford. As peças

fundidas são para lá enviadas pela fabrica de River Rouge, e as carrocerias pelas varias fabricas dessas partes do carro, de propriedade da Ford.

Nos edificios da Highland Park, acham-se installados os escriptorios centrais, a usina de força eléctrica de Highland Park, a filial de vendas de



Detroit, a escola (le industrias para rapazes e a secção de manufacturas.

lista ultima comprchende os seguintes departamentos: montagem de motores, montagem de carros, experiencia de motores, depositos, capotas e estofos, forjas, fabricação de vidro e outros departamentos.

Essas secções estão desenvolvendo a maior actividade até boje registrada na historia da Ford Motor Company, pois toda a energia está sendo aproveitada para atingir a produção diaria de G.000 carros, estabelecida pela secção de manufactura.

A fabricação diaria de (>000 unidades Ford separadamente nos leva a pensar que os algarismos correspondentes a essa produção devem ser os mais variados, e que tal produção exige a niaxlma exactidão llo fabrico de cada peça. A secção de montagem de motores prepara 0.000 blocos de motores, 21.000 bielas, 48 mil valvulas e outros accessorios, e installa 18.000 mancaes, além de produzir outras peças em igual proporção e em cujo fabrico é conservado o mesmo padrão de qualidade.

Cada uma dessas peças é submetida a provas rigorosas de balança e micrometro, e, ao passo que a produção em Hligland Park se avoluma, augmenta precisamente a exactidão com que é feita cada uma das peças afim de que os vários serviços de montagem progredam facilmente e sem interrupção.

A produção da fabrica não tem sido incrementada pelo uugniento do trabalho, mas sim pelo nugmento da efficiencia do homem ao ponto de aproveitar o máximo que os aparelhos mechanicos possam produzir. Ha presentemente fio.000 homens empregados na fabrica, os quaes trabalham 2t horas diariamente nos seis dias lia semana, em grupos que se revezam de oito em oito horas.

Na formidável secção de forjas, onde se fabricam G.OOO eixos deunteiros, 0.000 vltra-brequins e outras peças forjadas, o equipamento tem sido

acrescido de outros aparelhos, e o trabalho manual está sendo empregado em maior escala afim de se produzir a quantidade de peças necessárias. Ao mesmo tempo, a qualidade da produção tem sido melhorada, assignalando todas as fases da construção Ford.

Afim de se evitar a possibilidade de algum fabricante de fóra falhar nessa collossal produção diaria, a fabrica de vidro, a fabrica de pannos, e as demais fabricas filiadas ao grupo de Hliglailul Park estão todas trabalhando durante as vinte e quatro horas do dia.

Vê-se lla fabrica de vidro a matéria derretida numa effusão inextinguível, que da bocca da fornalha se estende numa longa faixa de mais de 150 metros de comprimento até o local onde o vidro é cortado em pedaços e enviado ás machinas de polimento.

O trabalho de confecção do material para as capotas, prosegue ininterrupto na fabrica, e as capotas e estofos são cortados e costurados á mão em diversas peças.

Os motores Ford são submettdos ás mais rigorosas provas. Não se permite absolutamente a intervenção humana llo exume final de sua precisão. Cada motor é operado por meio de electricidade lla ocasião da experiencia sob a fiscalisação de lllll perito, emquanto, num salão aparte, um dynamometro electrico delicadissimo registra a prova com a niaxlma exactidão. Sómente depois do veredictum desse instrumento é que cada motor recebe o sello de sua aprovação final.

Apesar de se ter verificado em 1922 um "record" de produção de 1.351.333, a produção do corrente anno, em que se está observando a nova escala, será superior áqueila em multas centenas de milhares, e ha indícios de que a produção annual de carros e caminhões passará de um milhão e meio.



AS CARICATURAS DO MEZ

A LEI DA IMPRENSA

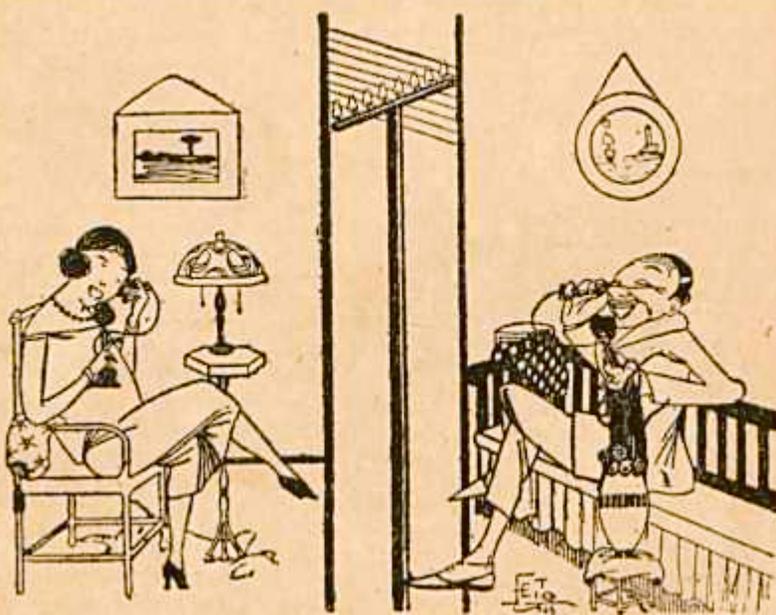


Como a vê um jornalista



Como a vê um político

D. Quixote Rio



- Como passaste a noite, Juquinha ?
—Mal... tive um horrível pesadelo, querida.
—Pesadelo ?...
—Sim... sonhei que tínhamos casado !
—E chamas a isto pesadelo ?!
—Não: mas que tua mãe vinha morar conosco...

D. Quixote
Rio

A REFORMA DA INSTRUÇÃO EM S. PAULO



As estradas de rodagem já estão tendo utilidade: servem para os professores se meterem pelo niatto á procura de alumnos !

D. Quixote - Rio

LÁ FÔRA

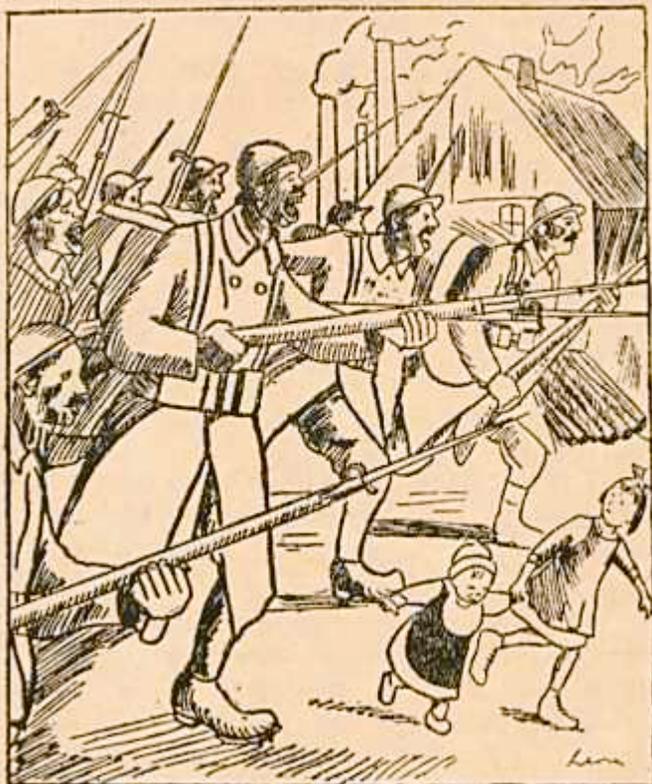
Uin medico suisso propoz a ir orte dos loucos. [Noticiário]



— Quem é este doido varrido ?
— Deve ser o autor da proposta.

Jornal do Brasil -Rio

CS HEROES FRANCEZES NO RUHR



—Si o ridículo pudesse matar !

(«Simplicissimus», de Munich.)

D. Quixote Rio

JUSTA HOMENAGEM

Foi instituído o "Dia do Cão".



D. Quixote-Rio

—E' merecido. Este bicho é de boa índole. **A** despeito de conviver com o homem ainda é fiel, leal...

Ultimas Edições da Casa

Monteiro Lobato C.

m —

PASTORAL AOS CRENTES DO AMOR E DA MORTE, obra posthuma de Alphonsus de Guimaraens, br.	3\$000
RITINHA, de Léo Vaz. br.	4\$000
SAPEZAES E TIGUERAS, de Amando Caiuby, br.	4\$000
A MESA E A SOBREMESA, de Rosaura Lins, ene.	7\$000
JUCA MULATO, 4.ª Edição, Menotti, br.	3\$000
PRÍNCIPE FELIZ, de Oscar Wilde, tradução de Rosalina Coelho Lisboa, br.	3\$000
CURA DA FEALDADE, de Renato Kehl, ene.	20\$000
AMOR IMMORTAL, de J. A. Nogueira, br.	5\$000
BRUTOS E TITANS, de Altamirando Requião, br.	3\$000
DRAMA DAS COXILHAS, de Roque Callage, br.	4\$000
CARTAS DE UM CHINEZ, de Simão de Mantua	5\$000
DIAS DE GUERRA E DE SERTÃO, de Taunay, br.	4\$000
ENCYCLOPEDIA JURÍDICA, trad, de Laudelino Baptista, br.	5\$000
O ARARA, de Caliban	3\$500
OS FILHOS DA CANDINHA, versos de Octacilio Gomes.	3\$000
ORPHEU, poema de Homero Prates.	4\$000
DUAS ALMAS, do conego Manfredo Leite.	4\$000
Na Collecção da "Rainha de Maab":	
NARIZ DE CLEOPATRA, de Menotti,	2\$000
ASSOMBRAÇÃO, de Manoel Victor	2\$000

Rua Victoria N.º 47

CAIXA 2-3\$ - S. PAULO



DIARETICOS

preciso combater a perda de assucar, tonificar o organismo, regularisar as funações dos órgãos internos essenciaes o vida e restabelecer o appetite e a luncção digestivo pelo uso do

GLYCOSURINA



heroico medicamento composto de
plontos indígenas brazileiras

PAU FERRO - SUCUPIRA

JAMELÃO E CAJUEIRO

Usa-se de 3 a 6 colheres
de chá por dia em a g u a X ^ ^ "



Nutrition

E' O ELIXIR DA NUTRIÇÃO

mmmÊ^mammmmmiÊÊmniÊmammmaammÊmiÊammniÊmniÊÊiimimmÊÊmÊt^mmmmmm

O "Nutrion" combate a Fraqueza, a Magreza e o Fastio. Restaura as Forças e estimula a Energia. - E' o Remedio dos Fracos, dos Debeis, dos Exgottados, dos Convalescentes.



PASCO

DELICIOSO REFRESCO

DISTRIBUIDORES

PERNAMBUCO	FMT CIII VITA
BAMIA	FBATELLI VITA
VICTORIA	FABRICA YPIRANÇA
RIO DÊ JANEIRO	COMP. GRACIEMA
S. PAULO	ZANOTTA, LORENZI QC
RDBTO ALEGRE	JCÍWTNORTWFIQC¹
PELOTAS	CIPVEJARIA RITTER



RUA MILAUORIBETRO, 20
Teleptv. VIUA, 123 V



EDUARDO CARLOS PEREIRA

As grammaticas até hoje mais diffundidas e usadas no Brasil são as d'aquele autor.

GRAMMATICA EXPOSITIVA. —
CURSO ELEMENTAR.

Para os cursos complementares e 1.º anno dos Gymnasios. 23." edição com um appendice sobre composição. 3\$000

CURSO SUPERIOR. Para Escolas Normaes, Gymnasios e Escolas de Commercio. 14." edição com um appendice sobre estyllistica 7\$000

GRAMMATICA HISTÓRICA. Para as Escolas Normaes e Gymnasios. 3." Edição 8\$000

A critica nacional consagrou estas obras e o largo uso que delias se faz, confirmou o que dissemos.

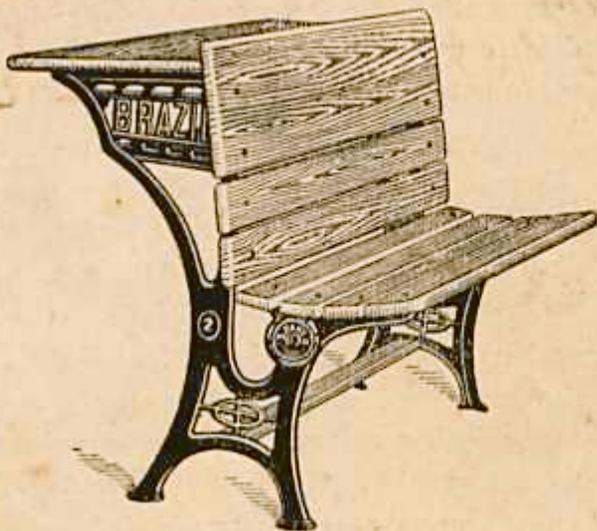
PEDIDOS AOS EDITORES :

MONTEIRO LOBATO & CIA.
RUA VICTORIA N. 47 - A

**Desconto de 30 o/o aos revendedores
e aos collegios e professores.**



Moveis Escolares



Differentes modelos de carteiras escolares para uma e duas pessoas; Mesas e cadeirinhas para Jardim de Infancia; Contador mechanico; Quadros negros e outros artigos escolares.

Peçam catalogos e informações minuciosas á
FABRICA DE MOVEIS ESCOLARES
"EDUARDO WALLER"

— DE —

J. Gualberto de Oliveira

Rua Antónia de Queiroz N. 55 (Consolação) Tel. Cid. 1216
SÃO PAULO